

MATEUS AMOEDO ZANI

Entre idas e vi(n)das:

**transformações e continuidades em um bairro rural no Sul de
Minas Gerais a partir das experiências de mobilidade**

Campinas

2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

Mateus Amoedo Zani

**Entre idas e vi(n)das:
transformações e continuidades em um bairro rural no Sul de
Minas Gerais a partir das experiências de mobilidade**

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA
TESE DEFENDIDA PELA ALUNA, E ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. EMÍLIA PIETRAFESA DE GODOI.

Campinas, SP

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CECÍLIA MARIA JORGE NICOLAU – CRB8/3387 – BIBLIOTECA DO IFCH
UNICAMP

Z166e	<p>Zani, Mateus Amoedo, 1984- Entre idas e vi(n)das: transformações e continuidades em um bairro rural no Sul de Minas Gerais a partir das experiências de mobilidade / Mateus Amoedo Zani. -- Campinas, SP : [s. n.], 2012.</p> <p>Orientador: Emília Pietrafesa de Godoi. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Migração. 2. População rural. 3. Experiência de vida. 4. História oral. I. Godoi, Emília Pietrafesa, 1960- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------	--

Informação para Biblioteca Digital

Título em Inglês: Among comings and goings: changes and continuities in a rural district in southern Minas Gerais from the experiences of mobility

Palavras-chave em inglês:

Migration

Rural population

Life experience

Oral history

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora:

Emília Pietrafesa de Godoi [Orientador]

Álvaro de Oliveira D'Antona

Igor José de Renó Machado

Data da defesa: 17-04-2012

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

MATEUS AMOEDO ZANI

Entre idas e vi(in)das: transformações e continuidades em um bairro rural no Sul de Minas Gerais a partir das experiências de mobilidade

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social sob orientação da Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 17/04/2012.

Comissão Julgadora:

Titulares:



Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi – Presidente (UNICAMP)



Prof. Dr. Igor José de Renó Machado (UFSCAR)



Prof. Dr. Álvaro de Oliveira D'Antona (FCA)

Suplentes:

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço (UNICAMP)
Profa. Dra. Renata Medeiros Paoliello (USP)

"Quem é você?", perguntou a Lagarta.

Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: "Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos eu sei quem eu *era* quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então".

(Lewis Carroll, *Alice*: Cia das letras, 2010)

“Ai de mim!”, disse o rato, “ – mundo vai ficando dia a dia mais estreito. Outrora, tão grande era que ganhei medo e corri, corri até que finalmente fiquei contente por ver aparecerem muros de ambos os lados do horizonte, mas estes altos muros correm tão rapidamente um ao encontro do outro que eis-me já no fim do percurso, vindo ao fundo a ratoeira em que irei cair”.
“ – Mas o que tens a fazer é mudar de direção”, disse o gato, devorando-o.

(Franz Kafka, *Fábula curta*)

Àqueles que acreditaram.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível escrever aqui, neste curto espaço, o nome de todas as pessoas a quem devo agradecer. Isso por que, cada passo que dei em minha trajetória até aqui teve braços amigos me ajudando. Essa dissertação não foi escrita em dois anos de mestrado, mas em 28 anos de vida. Desta forma, decidi por escrever meus agradecimentos na forma que mais condiz com o trabalho que apresento aqui: algumas notas de uma trajetória. Assim espero não esquecer de ninguém e se esquecer peço desde já desculpas por esse arquipélago de memória cercado por um oceano de esquecimento.

Devo começar agradecendo a pessoa que me deu vida e nunca deixou de acreditar que seria “algo grande” nesta vida. Agradeço a minha mãe, Maria Augusta, que ainda na minha infância, frente a situação em que vivíamos, tomou o rumo migrante para buscar em São Paulo uma vida melhor para ela e para mim. Suas cartas, quando não havia celulares e telefone era para poucos, e suas palavras de incentivo por muitos anos me guiaram. Seu retorno a Minas e os anos que vivemos juntos, assim como todo sacrifício não são recompensáveis em um pequeno agradecimento, mas deixo aqui registrado meu carinho e gratidão.

Minha mãe ainda me deu outro presente, ao qual sou muito grato e do qual ainda tenho saudades. Não tenho o registro de meu pai, mas o companheiro de mais de dez anos de minha mãe, Jandyr, foi sem dúvida uma das figuras mais importantes no incentivo para que eu estudasse. Quando de seu falecimento, um mês após minha formatura no Ensino Médio, encontrei entre seus papéis diversos orçamentos dos melhores cursinhos da cidade para que eu continuasse a estudar. Agradeço e tenho certeza que estaria orgulhoso deste momento.

Agradeço as histórias e experiências de meu bisavô com o qual vivi durante dezenove anos e quanto aprendi vivendo com um homem de 100 anos de idade que viveu todo século XX de 1902 ao seu falecimento de 2003. Agradeço as conversas inteligentes que tinha com a amiga Sá. Agradeço a Tia Luzia por todo incentivo desde os anos em que ainda pagava aulas de datilografia para mim e todo o carinho de uma vida. Agradeço a minha madrinha Judite e a todos aqueles que já nos deixaram em corpo, mas estão presentes na minha formação.

Agradeço a minha avó, Dona Maria Amoedo. A essa, devo um livro apenas em agradecimentos. A relação de parentesco pode até dizer que ela é minha tia-avó, mas explico. Quando minha verdadeira avó passava por situação insuportável para criar seus, então seis filhos, cada um destes passou a viver com alguém que os pudesse criar com saúde e boa alimentação. Foi nesse contexto que minha mãe foi criada por sua tia. Essa mesma tia que quando foi preciso assumiu também minha criação. Tive com ela todas as referências de parentesco, amor e carinho desta mulher a qual chamo de vó, mas é muito mais que isso, a quem eu devo toda a sensibilidade com a qual vivi meu campo e escrevi essa dissertação, pois com ela aprendi a ser quem eu sou.

Agradeço aos meus irmãos, Diney e Daniel, por temos sonhado e vivido juntos cada momento de nossas vidas, cada sonho, cada desafio, cada realização. Crescemos juntos, brincamos juntos, nos tornamos irmãos e essa é apenas mais uma etapa da vida em que estamos juntos. Posso não ter irmãos de sangue, mas há pessoas a quem quero com maior carinho do que se fossemos irmãos: Agradeço a Michelle, Luiza, Julio e ainda um agradecimento especial a Joyce, não só pelos quase trinta anos de amizade, mas por ter me ajudado inclusive financeiramente para que eu pudesse pagar minha graduação. Não posso deixar de agradecer também aos amigos Diego Andrade, João Vinicius e Alegna Calacio que estiveram comigo em visitas ao campo. Agradeço ainda a uma família que ganhei recentemente: Keli, Kenia, Keyla, Bruno, Lenin, meu afilhado.

Agradeço a minha madrinha, Suely, pela presença, pelo carinho em todos esses anos, muitos dos quais vivi praticamente dentro de sua casa, agradeço também por ter me ajudado desde a graduação. Agradeço a minha tia Neuza, presente desde a infância, ao meu tio José Carlos, que se tornou uma importante referência, estando presente no momento mais difícil de nossas vidas, mas também nos momentos de alegria. Agradeço a Tia Olga e a Tia Zica, pois são pessoas que graus de parentesco nenhum são capazes de classificar e palavras incapazes de descrever.

Agradeço a professora Tita, um divisor de águas em minha trajetória. Filósofa, Historiadora e Antropóloga, foi minha professora de Sociologia, História e Filosofia no Ensino Médio e foi neste momento que despertei meu interesse pelas Ciências Sociais, que alguns anos depois me levariam a graduação.

Agradeço a meus professores da graduação por acreditarem em meus sonhos um pouco ousados: Ana Mércia Roberts, Pedro Okabayashi, Patrícia Furlanetto, Paulo Soutto Mayor, Wilson Bento. Todos estes me incentivaram muito em minha caminhada rumo ao mestrado, o apoio de Pedro, Wilson e Paulo em todas as conversas e aulas foi fundamental, assim como o de Ana Mércia, que me recebeu em sua casa alguns dias para que eu participasse da seleção do mestrado; e Patrícia que me conseguiu uma bolsa da faculdade para que eu pudesse deixar o emprego e me dedicar à Iniciação Científica. Um agradecimento especial, é claro, ao Professor Álvaro D'Antona, por ter acreditado naquele aluno que sentava na primeira carteira de um curso de licenciatura noturno em Ciências Sociais, mas que dizia que queria fazer pesquisa. Com ele me formei pesquisador, dei meus primeiros passos, escrevi meu primeiro projeto, meu primeiro relatório, meu primeiro trabalho científico. Não tenho dúvida que se não o tivesse conhecido, se não fosse sua dedicação com minha formação, hoje eu não estaria escrevendo estes agradecimentos, não haveria dissertação. A ele minha eterna gratidão. Não posso deixar também de agradecer sua esposa, Maria Fernanda, que se tornou uma amiga, por me receber tantas vezes em sua casa, pelo apoio e pelas deliciosas refeições.

Quando de minha aprovação na seleção para o mestrado a situação financeira não estava fácil, vinha de alguns meses sem emprego e para conseguir um valor que possibilitasse minha mudança e manutenção em Campinas nos primeiros meses de mestrado alguns amigos se mobilizaram. Organizamos um recital de violão, pois aprendi a tocar na adolescência, algo que não fazia há alguns anos. O teatro lotou e com esse dinheiro me mudei para Campinas. Por isso, não podia deixar de agradecer a todos que estiveram presentes, muitos já citados aqui. Eram muitos e posso esquecer de alguém, mas agradeço a todos que citei anteriormente e que estavam no local, agradeço ao amigo Renato Kefi, o melhor músico que já conheci, que subiu ao palco comigo naquela noite em um duo com piano, a amiga Raquel Roque, aos amigos Nizar e Angélica, a amiga Jacqueline Garcia, ao amigo Daniel Luz, ao amigo Eloísio Lourenço e a todas as cem pessoas que estiveram no teatro naquele dia.

Um agradecimento mais que especial também a todos os amigos do Córrego D'Antas que desde o pré-campo para minha Iniciação Científica me receberam de braços abertos em suas casas. Agradeço a todos no bairro e principalmente ao Branco, a Valdirene e

ao Laércio. Mas, um agradecimentos mais que especial aqueles que se tornaram grandes amigos, não apenas nos momentos da pesquisa, agradeço a amiga Silva “Dyá” Consolini que me levou e apresentou ao Córrego D’Antas, a Gabi Consolini, a Geane, ao Agnaldo, ao João Pedro e a Dona Maria. Agradeço não apenas pela pesquisa, mas pela amizade.

Agradeço a todos aqueles que durante o mestrado me ajudaram na construção deste texto, em reuniões informais que duravam muitas vezes um dia todo: Fernando Reis, Hugo Soares, Caroline Rigoni, Vilênia Porto, Patricia Cruz, Ana De Francesco e a todos meus amigos do mestrado.

Agradeço ainda aos meus professores na Unicamp que tiveram grande influência na construção desta pesquisa: Ronaldo Almeida, Heloisa Pontes, Suely Kofes, John Monteiro e Omar Thomaz. Por fim, agradeço a minha orientadora, Emília Pietrafesa, primeiro, por ter aceitado me orientar, segundo, por sua preocupação e toda sua imensa atenção com meu trabalho. Agradeço por sua dedicação, por sua paciência por suas correções e sugestões que só me fizeram crescer durante esses dois anos de convivência.

Agradeço também a FAPESP pelo apoio na minha formação acadêmica na Iniciação Científica e no Mestrado.

Descobri, enfim, que um trabalho acadêmico é uma construção conjunta com minha orientadora e todos os amigos que participaram de minha trajetória até aqui. A todos eles, eu digo: sintam-se autores.

Resumo

O presente texto tem por objetivo abordar um processo de reconfiguração de um bairro rural em Poços de Caldas, Minas Gerais, a partir das trajetórias de migração internacional de alguns de seus habitantes. Estes migraram para a Itália, com o intuito de conseguirem a cidadania italiana. Após oito meses da primeira viagem para a Itália, já com o passaporte italiano em mãos, partiram para os Estados Unidos. A meta, desde o início era a possibilidade de garantia de uma economia que lhes desse condições para a reprodução de suas pequenas propriedades cafeeiras. Para alcançar o objetivo desta pesquisa, considero como fontes principais as narrativas das experiências destas famílias através da etnografia de suas trajetórias, das experiências dos maridos no exterior e de suas esposas no Brasil. Desta forma, apresento as trajetórias relativas ao período de quatro anos em que estiveram envolvidas no processo migratório traçando, assim, a trajetória de homens e mulheres, no limiar entre a transformação e a reprodução de suas vidas no decorrer desse processo.

Palavras-chave: Migração, população rural, experiência de vida, história oral

Abstract

This paper aims to approach a process of restructuring a rural district in Poços de Caldas, Minas Gerais, from the trajectories of international migration of some of its inhabitants. They migrated to Italy, with the aim of achieving Italian citizenship. Eight months after his first trip to Italy, since the Italian passport in hand, went to the United States. The goal from the beginning was the possibility of ensuring an economy that would give them conditions for the reproduction of their small coffee farms. To achieve the goal of this research, I consider as main sources the narratives of the experiences of these families through ethnography of their trajectories, the experiences of foreign husbands and their wives in Brazil. Thus, I present the trajectories for the four years that they were involved in the migration process, thus, tracing the trajectory of men and women on the threshold between the processing and reproduction of their lives during and after this process.

Keywords: Migration, rural population, life experience, oral history

Lista de figuras

Figura 1 – Imagem de satélite do percurso de Poços de Caldas (A) ao Córrego D’Antas (B).	7
Figura 2 – Divisão de um dos talhões de café	10
Figura 3 – Genealogia da família Consolini	11
Figura 4 – Organização espacial no Córrego D’Antas.....	16
Figura 5 – Foto de Laércio, Preto e Branco nas plantações de tomate de Foggia - Itália	61
Figura 6 – Mapa do Córrego D’Antas com divisão original das terras e divisão atual	102

Sumário

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO.....	3
a) <i>O Córrego D'Antas: apresentação do tema e do problema</i>	<i>3</i>
b) <i>A experiência no campo.....</i>	<i>17</i>
c) <i>A reprodução das famílias e da propriedade no Córrego D'Antas</i>	<i>20</i>
d) <i>Mobilidades no Córrego D'Antas.....</i>	<i>24</i>
1. MIGRAÇÃO E TRAJETÓRIAS.....	28
1.1. <i>Debates sobre migração internacional.....</i>	<i>28</i>
1.2. <i>Debate acerca de trajetórias, experiências e narrativas</i>	<i>41</i>
2. NO LIMIAR: AS TRAJETÓRIAS	48
2.1. <i>As experiências migratórias.....</i>	<i>48</i>
2.2. <i>As experiências das mulheres no Brasil</i>	<i>75</i>
3. RECONFIGURAÇÃO E REPRODUÇÃO DO CÓRREGO D'ANTAS	90
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
BIBLIOGRAFIA	107

Apresentação

A presente dissertação de mestrado está composta por esta apresentação, uma introdução e três capítulos. Na introdução apresento ao leitor o lócus de meu trabalho: o Córrego D'Antas. Procuro descrever neste item o contexto demográfico em que se insere, sua organização social e espacial, assim como apresento, de forma breve, um pouco da história do local e descrevo minha experiência no campo. Com isso, pretendo não apenas apresentar ao leitor o local onde residem nossos interlocutores e se realiza nossa pesquisa, mas contextualizá-la. Assim, é possível compreender porque a mobilidade e a reconfiguração do Córrego D'Antas se faz importante para este trabalho.

O estudo sobre mobilidades e conseguinte reconfiguração do Córrego D'Antas, exige a compreensão de um processo que se dá no tempo, cronológico da vida destas pessoas, e no espaço, em seus deslocamentos. Desta forma, avaliei que a metodologia que possibilita apreender as experiências destes no processo migratório é o registro de trajetórias de vida. Para compreender a forma como justifico e pretendo a utilização de trajetórias nesta pesquisa o segundo item do primeiro capítulo, apresenta um debate em torno de mobilidades e trajetórias, discussão que envolve histórias de vida, experiência e narrativa.

O segundo capítulo é resultado de diversas sessões de entrevistas com os migrantes. Neste, pretendo apresentar ao leitor as trajetórias destas famílias no período de quatro anos em que estiveram envolvidas no processo migratório. Porém, não são histórias de vida que apresento neste texto, mas sim, narrativas de experiências no tempo e no espaço. O mínimo de organização cronológica destas experiências é dado por uma construção narrativa deste que escreve, do autor. As narrativas originais são imagens de experiências, como imagens congeladas e uma a uma, durante as entrevistas, essas imagens são apresentadas pelo interlocutor, o narrador. Das narrativas originais, o que foi gravado e transcrito, organizei o texto em um formato em que se possa transmitir e compreender a lógica de transformação e reprodução da vida destas famílias. Essas trajetórias estão divididas em duas partes: a primeira com as trajetórias dos homens que migraram e suas experiências no exterior; a

segunda é a trajetória, as experiências das mulheres que ficaram no Brasil e tiveram um papel indispensável no desfecho do projeto migratório.

No capítulo terceiro trato da reconfiguração e reprodução do Córrego D'Antas após o retorno. Nele, é possível compreender o retorno ao Córrego D'Antas, o retorno ao trabalho com o café e a transformação simultânea a reprodução da vida destes pequenos cafeicultores e a recomposição e reprodução de suas propriedades rurais. Isto porque penso que é inegável que o processo pelo qual passaram em seus movimentos de migração provocou um novo sentido de experiência com os espaços do bairro.

A dialética entre memória e esquecimento é, de certa forma, potencializada pelas experiências traumáticas vividas por essas famílias, principalmente durante o período em que viveram na Itália. A falta de trabalho, de dinheiro, de alimentação, os maus tratos sofridos fora do país, criaram uma barreira a certas memórias. Isso impôs ao trabalho nas sessões de entrevista grande paciência. As entrevistas com as mulheres tiveram que ser feitas em sessões curtas, uma por semana, algumas de apenas quinze minutos, pois muitas vezes essas tinham que ser encerradas frente ao choro de mulheres que haviam escolhido esquecer muitos daqueles momentos. Como afirmou Geane ao prantos: “Teve tanta coisa, tanta coisa que a gente esquece. Tudo que é muito triste eu largo lá pra trás, eu esqueço” (Geane, 2011).

Introdução

a) O Córrego D'Antas: apresentação do tema e do problema

Em uma área rural no sul do estado de Minas Gerais conhecida como Córrego D'Antas encontram-se algumas famílias de pequenos produtores de café descendentes de migrantes, ex-colonos italianos: os Barzagli, os Benelli e os Consolini. O fato de serem filhos, netos e bisnetos de italianos facilita, pela legislação daquele país, a migração destes e a aquisição da dupla cidadania. Isso fez com que inúmeros chefes de família do local, buscassem tal alternativa com o intuito de garantirem uma renda extra para a família em tempos de baixa do preço do café ou mesmo como alternativa de trabalho daqueles que não podem ou não pretendem trabalhar com o café.

Estes descendentes de italianos, criados na lavoura de café, acostumados ao trabalho duro da lavoura, migraram com a esperança de conseguir dinheiro e garantir, no exterior, melhores condições de vida para suas famílias. Todos são homens de meia idade, entre quarenta e cinquenta anos. Muito ativos laboralmente em conformidade com o padrão encontrado no Córrego D'Antas, onde todos os homens e mulheres que já chegaram aos seus 70 e mesmo 80 anos não conseguem parar de trabalhar. Um destes, Seu Ricardo, no auge de seus quase oitenta anos, faz todo seu trajeto de bicicleta no interior do bairro. Falamos então de migrantes que viajaram levando consigo um mundo de possibilidades, mas deixaram no Brasil famílias angustiadas por uma despedida, mesmo que temporária, angustiadas muitas vezes pelo desconhecimento, pelo que seus pais, filhos ou maridos encontrariam no exterior e como seria a vida no Córrego D'Antas sem eles. Ou seja, nesta dissertação trabalho não só com os indivíduos migrantes, aqueles que deixaram o país, mas também com outros personagens, tão importantes quanto, desta trajetória: as mulheres que ficaram no Brasil e assumiram a casa e o sítio da família para garantirem o sucesso do projeto migrante. Ou seja, trabalho aqui com trajetórias a partir de experiências, no sentido benjaminiano, que nada tem de individual, mas envolve o migrante e todos a sua volta, incluindo os que ficaram a um oceano de distância, no Brasil.

Dentre aqueles que passaram pela experiência migrante, três unidades familiares nos chamam a atenção por terem realizado uma trajetória que difere da maioria dos seus amigos e parentes do Córrego D'Antas. No caso de Agnaldo, Branco (Wedson), Laércio e Preto (Wellington), que migraram para a Itália e Estados Unidos, deixando a família no Brasil, todos retornaram ao país de origem. E dentre eles, os três primeiros apresentam algumas peculiaridades que merecem nossa atenção. Preto, que antes da migração já não vivia no Córrego D'Antas, mas na área urbana de Poços de Caldas, ao retornar ao Brasil retomou sua vida na área urbana. Já Agnaldo, Branco e Laércio viajaram já com o intuito de retornar ao Córrego D'Antas e retomar o trabalho com o café. O dinheiro que economizaram no período de migração foi investindo na reprodução da propriedade rural da família. Estes compraram terras para garantirem a reprodução do sítio da família no Córrego D'Antas.

O movimento migratório destes três primos da família Consolini pode ser considerado diferenciado também em outro nível: se comparados com estudos de migração de trabalhadores rurais realizados no Brasil. Isto porque, é comum e bastante estudado por antropólogos e sociólogos, o movimento migratório de pequenos produtores e camponeses que em determinadas épocas do ano buscam trabalho em outras atividades e, desta forma, migram com o intuito de buscar em outras regiões a complementação da renda familiar. Este movimento, longe de desfazer a pequena propriedade, garante sua reprodução, devido à renda extra adquirida pelo trabalho migrante. Tal processo, diferentemente do ocorrido no Córrego D'Antas, ocorre em território nacional. Mas da mesma forma, como analisado por diversos autores da Antropologia brasileira (Garcia, 1989; Menezes, 2009; Nogueira, 2010; Seyferth, 2008; Woortmann, 2009), não implica no abandono do estabelecimento rural, mas sim, é uma tentativa de se criar uma nova fonte de renda para a economia doméstica que possibilite sua reprodução. Ao buscar na prestação de serviços a terceiros ou no trabalho assalariado uma nova fonte de renda para a unidade doméstica abrem-se duas possibilidades: a prestação de serviços em outras fazendas, próximas ou distantes, e a migração para a área urbana, mesmo que pendular ou por um período determinado. Desta forma, mesmo que haja o deslocamento, mantêm-se o vínculo com a unidade rural.

O movimento realizado por estes três migrantes do Córrego D'Antas se assemelha ao destes estudos, no sentido de que a emigração foi motivada também pelo desejo da melhoria das condições de vida de suas famílias e longe de desfazer sua propriedade rural este movimento resultou na garantia de sua reprodução. Porém, há um claro diferencial, pois se trata de uma migração internacional. Estes, migraram, conseguiram a cidadania para si e para sua família, garantindo que, se preciso for, filhos e esposa possam ter o mesmo destino, amealharam certa quantia de dinheiro, na Itália e nos Estados Unidos, e retornaram ao Brasil para com isso garantirem uma melhor qualidade de vida para suas famílias e a reprodução de suas propriedades rurais. Tal movimento forma o objeto principal do presente trabalho. Sendo assim, a questão, o fio condutor desta dissertação é como se deu o processo limiar de reprodução da vida e dos sítios destas famílias no Córrego D'Antas simultaneamente as transformações vivenciadas durante o mesmo período.

O local onde vivem essas famílias é o Córrego D'Antas, um bairro rural da cidade de Poços de Caldas, no sul do estado de Minas Gerais. Posso tratá-lo como bairro, enquanto área, parte ou localidade de uma cidade, mas se tratando de uma definição analítica definida pela etnografia clássica (cf. Candido, 1971, Pereira de Queiroz, 1976). Ou seja, o Córrego D'Antas se configura pela presença de um conjunto de casas, um pequeno comércio local (vendas, bares), uma capela, um posto de saúde e as áreas de plantio e criação de animais, principal atividade econômica local. Por tal observação dada pela minha própria etnografia utilizo o termo bairro para tratar do Córrego D'Antas.

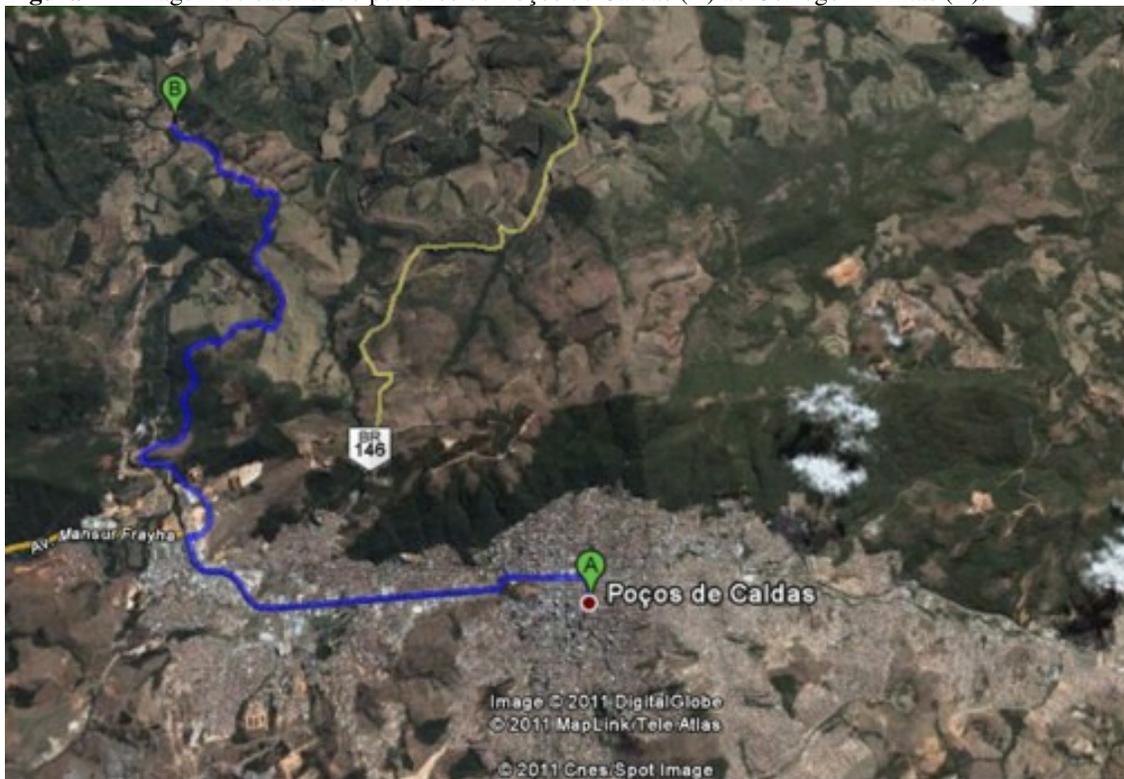
No Córrego D'Antas vivem hoje cerca de oitenta famílias. Dentre estas, trinta e três são descendentes dos primeiros proprietários da área, um grupo de oito migrantes italianos que chegaram ao Brasil para trabalharem como colonos do café e há quase um século adquiriram em parceria a área onde hoje é o Córrego D'Antas. O bairro tem uma área de cerca de duzentos hectares de plantio, pasto e residências e cerca de trezentos habitantes. Está localizado na zona rural, ao lado norte, da cidade de Poços de Caldas, a uma distância aproximada de doze quilômetros da área urbana. Já o município de Poços de Caldas tem 152.496 habitantes em uma área de 547km² (IBGE – Censo Demográfico, 2010) e, para que possamos compreender sua localização, está a 451km da capital mineira Belo Horizonte e a 270km da capital paulistana (DENIT, 2011).

O tamanho das propriedades varia numa média de 2 a 6 alqueires e produz café de ótima qualidade, certificado com o selo internacional de qualidade *Fair Trade*. Porém, garantia de boa produção não significa garantia de trabalho, pois a terra do pequeno produtor do Córrego D'Antas, como de qualquer pequeno produtor, não é suficiente para que muitos filhos nela trabalhem. Fato que se constitui no principal indutor da emigração do local, seja para a área urbana de Poços de Caldas, de outros municípios ou estados e, no que mais nos interessa neste trabalho, para outros países.

O Córrego D'Antas é cortado ao meio, transpassado pelo Rio Lambari e pela Avenida Silvio Monteiro dos Santos, um dos caminhos possíveis que liga Poços de Caldas ao distrito de Palmeiral (distrito do município vizinho de Botelhos). No local vivem hoje três parentelas (conjunto de famílias que se concebem como tendo uma ascendência comum) descendentes de imigrantes italianos que originalmente compraram as terras em 1914, os Consolini, Barzagli e Benelli. Os nomes dos compradores constam no contrato de compra como sendo dois irmãos Barzagli: Enrico e Alfredo; três irmãos Benelli: Giovanni, Agostino e Gioseppe; e três irmãos Consolini: Ferdinando, Agostino e Cesare.

Além destes, há ainda aqueles que compraram casas e/ou áreas de cultivo e que para lá mudaram-se posteriormente.

Figura 1 – Imagem de satélite do percurso de Poços de Caldas (A) ao Córrego D’Antas (B).



Fonte: Google Maps, 2011.

O caminho para o Córrego D’Antas, saindo do centro de Poços de Caldas (Figura 1), é relativamente curto e além de contar com pavimentação em toda sua extensão é parte do percurso do ônibus intermunicipal que transita entre Poços de Caldas e Palmeiral. Com o preço da passagem até o bairro de R\$3,80 (três reais e oitenta centavos), este meio de transporte coletivo é bastante utilizado pela população do local. Além desta linha, a empresa concessionária do transporte público urbano mantém uma linha com horários aos finais de semana e as quartas-feiras ao preço de R\$5,00 (cinco reais).

A compreensão da organização espacial no local pode se dar em três níveis: a) a organização das áreas de cultivo; b) a organização do sítio, enquanto espaço construído que inclui casa, quintal e lavoura; ou, c) num plano mais amplo, o Córrego D’Antas, o bairro como um todo. As áreas de cultivo são doze pertencentes às famílias fundadoras e quatro pertencentes à pessoas *de fora*. Estas áreas são sempre divididas internamente entre aqueles, herdeiros, que têm direito de acesso à mesma. Isto é, em uma mesma área chegam a trabalhar até seis *casas*, unidades familiares, o que implica numa necessidade de divisão

interna da área de cultivo. Essa divisão ocorre de três formas: a) pai e filhos trabalham juntos numa área indivisa e dividem o resultado da produção; b) a área é dividida em número iguais de talhões¹ para cada herdeiro/proprietário; c) a área é dividida em números iguais de árvores de café.

Agnaldo, Branco e Laércio trabalham no terceiro sistema descrito (c). Um modelo de organização e divisão das terras de café criado pelos próprios herdeiros e seus pais para possibilitar o uso comum das terras sem prejuízo para ninguém e garantir a integridade da propriedade. Para compreendermos melhor o modelo criado por eles vamos utilizar duas imagens: a

¹ Área com árvores de café com as mesmas características.

Figura 2 – Divisão de um dos talhões de **café** – é a uma imagem de satélite obtida através do software Google Earth onde cada número representa um chefe de família. Nela podemos visualizar um talhão de café sobre o qual os entrevistados desenharam a divisão da área de trabalho; em seguida temos a Figura 3 – genealogia da família Consolini, onde podemos compreender a organização da propriedade e da herança.

Figura 2 – Divisão de um dos talhões de café



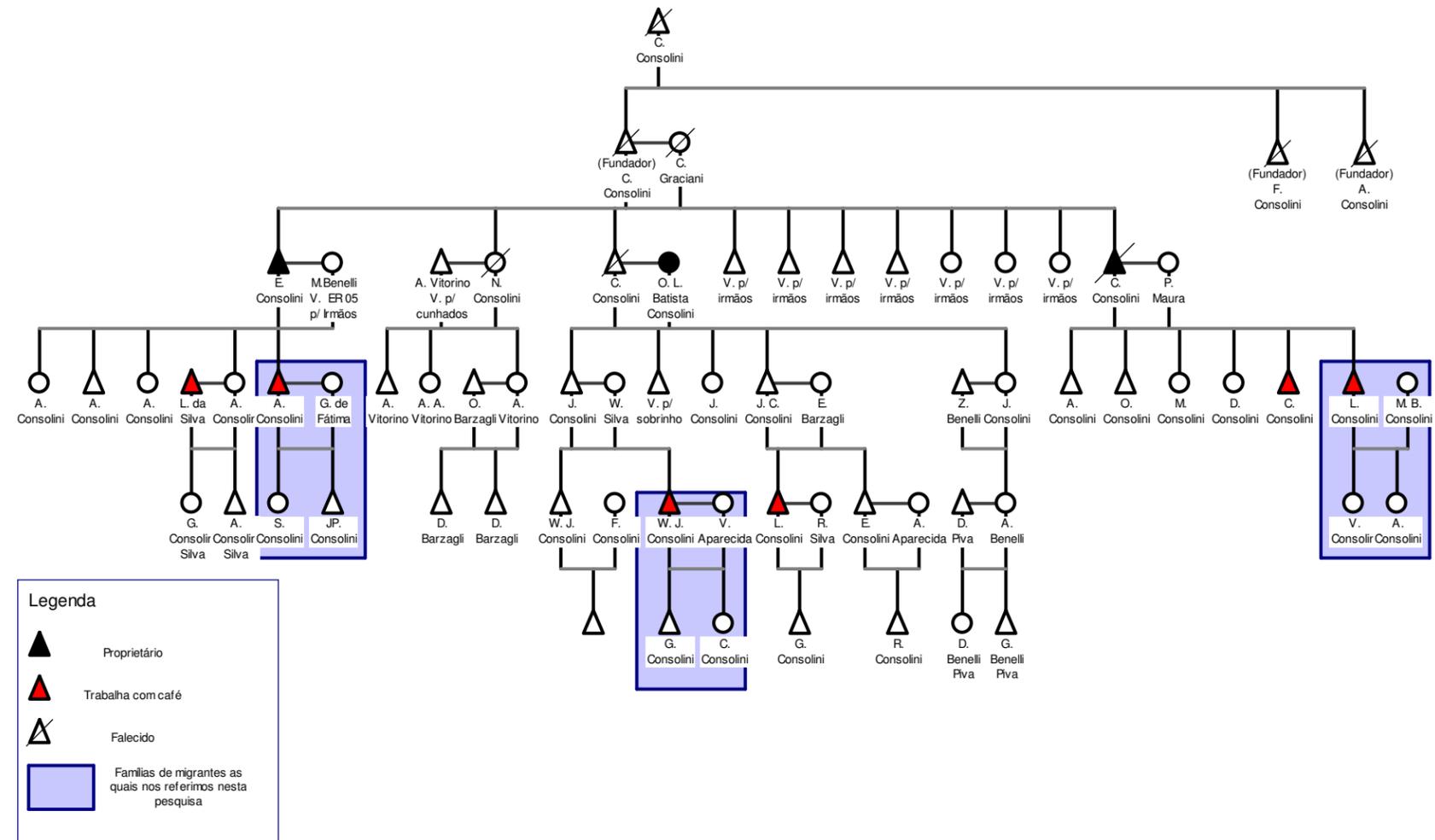


Figura 3 – Genealogia da família Consolini

Na Figura 2 cada família que trabalha com o café na propriedade dos Consolini está representada com um número, em uma numeração que vai de 1 a 6. Os mesmos estão destacados em vermelho na genealogia, enquanto os proprietários estão destacados em preto. Cada uma dessas famílias trabalha nas terras dos pais ou avós em um regime de *meia*. Isto é, do valor obtido com a venda do café metade é de direito dos pais ou avós. Agnaldo e seu cunhado, Luis Antonio, trabalham na parte que pertence ao Seu Ernesto, pai de Agnaldo e sogro de Luis; Branco e Leandro trabalham na parte que pertence à Oscalina, ou Tia Oscá, sua avó; e, Celso e Laércio trabalham nas terras que pertencem à mãe, Pedra Maura.

Cada talhão de café tem características diferentes, assim como, dificuldades diferentes para o trabalho. Assim, para não prejudicar nenhum dos que ali trabalham fizeram a divisão interna de cada talhão, ou seja, um número igual de árvores de café para cada um dos seis primos. É exatamente isso que está representado na Figura 2. No entanto, muitos dos irmãos destes, como pode ser observado na genealogia, ainda teriam direito nas terras. Apesar de não trabalharem mais nelas poderiam reivindicar sua parte após a morte dos pais. Da mesma forma, a terra, com 43 hectares, assim dividida entre tantos, rende pouco a essas famílias. E isso explica, em parte, o projeto de buscar recursos na Itália e nos Estados Unidos para comprarem a parte que seria de direito dos irmãos, ou, no caso de Agnaldo, recomprar uma área que um dia pertenceu aos tios, mas foi vendida a pessoas de fora.

Voltemos agora a falar sobre a organização espacial do bairro. A área onde se localizam as casas e comércios, entendida como o centro do bairro, por ser espaço de comércio e sociabilidade interfamiliar, está localizada num vale entre a serra coberta com árvores de café da base até o limite da própria possibilidade humana de trabalhar em áreas muito íngremes. Tal fato possibilitou também uma grande área preservada, que garante aos proprietários uma reserva natural, sempre nos pontos mais altos e difíceis de trabalhar, até mesmo maior que os 20% obrigados por lei.

Nesta mesma área central do bairro encontramos ainda três bares e duas mercearias, assim como o campo de futebol, o posto de saúde, a capela e o centro comunitário. Sendo que estes três últimos ocupam o mesmo terreno, doado pela família Consolini. Além destes,

há também o posto de combustíveis, o armazém e um pequeno parque de diversões para as crianças. O Rio Lambari corre quase que perpendicular a estrada e ambos cortam o bairro ao meio em um vale entre dois morros típicos da área da Serra da Mantiqueira. Nos dois lados há café plantado e algumas famílias possuem áreas de plantio em ambos os lados.

A maior parte das casas está localizada no lado oeste do rio. Deste lado as famílias e seus sítios estão dispostos de forma sequencial, do lado norte para o lado sul, Barzagli, Benelli e Consolini. Tais áreas são, em sua maioria, longas e estreitas, devido à partilha das terras entre os herdeiros. Quatro destes medem, por exemplo, por volta de cento e vinte metros de frente por dois quilômetros de fundo. Além das áreas das famílias fundadoras, temos também deste lado três áreas vendidas a pessoas *de fora*. Uma destas, vendida há mais de meio século, já passou por diversos donos e o atual proprietário, há cerca de dez anos iniciou uma divisão em lotes da área mais baixa, mantendo o cafezal. No local foram construídas tanto casas de morada como diversas casas de veraneio. Fato este, que aumentou consideravelmente o número de habitantes do Córrego D'Antas. Porém, em sentido inverso do processo de venda para pessoas *de fora* do local, este mesmo proprietário vendeu nos últimos dois anos quatro alqueires de área com café plantado para um membro da família Benelli e um da família Consolini. Sendo que este último é Agnaldo Consolini, uma das pessoas que realizou o movimento migratório para a Itália e os Estados Unidos e retornou ao bairro. Isto é, há um sentido de reprodução da propriedade no Córrego D'Antas e também, lentamente, um processo de recompra de parcelas vendidas a pessoas *de fora*.

Já no lado leste, residem apenas dois grupos familiares, porém, há também áreas de cultivo pertencentes as famílias que residem do lado oeste do rio. Isso devido a forma de divisão realizada pelos primeiros proprietários, que dividiram as terras do Córrego D'Antas igualmente em três partes em ambos os lados do rio. Quando adquirida, toda a área era indivisa. A primeira divisão foi realizada entre os compradores e sucessivamente ao longo dos anos entre os herdeiros, mantendo, é claro, um tamanho ideal para a manutenção do sítio (Zani, 2009: 33-41).

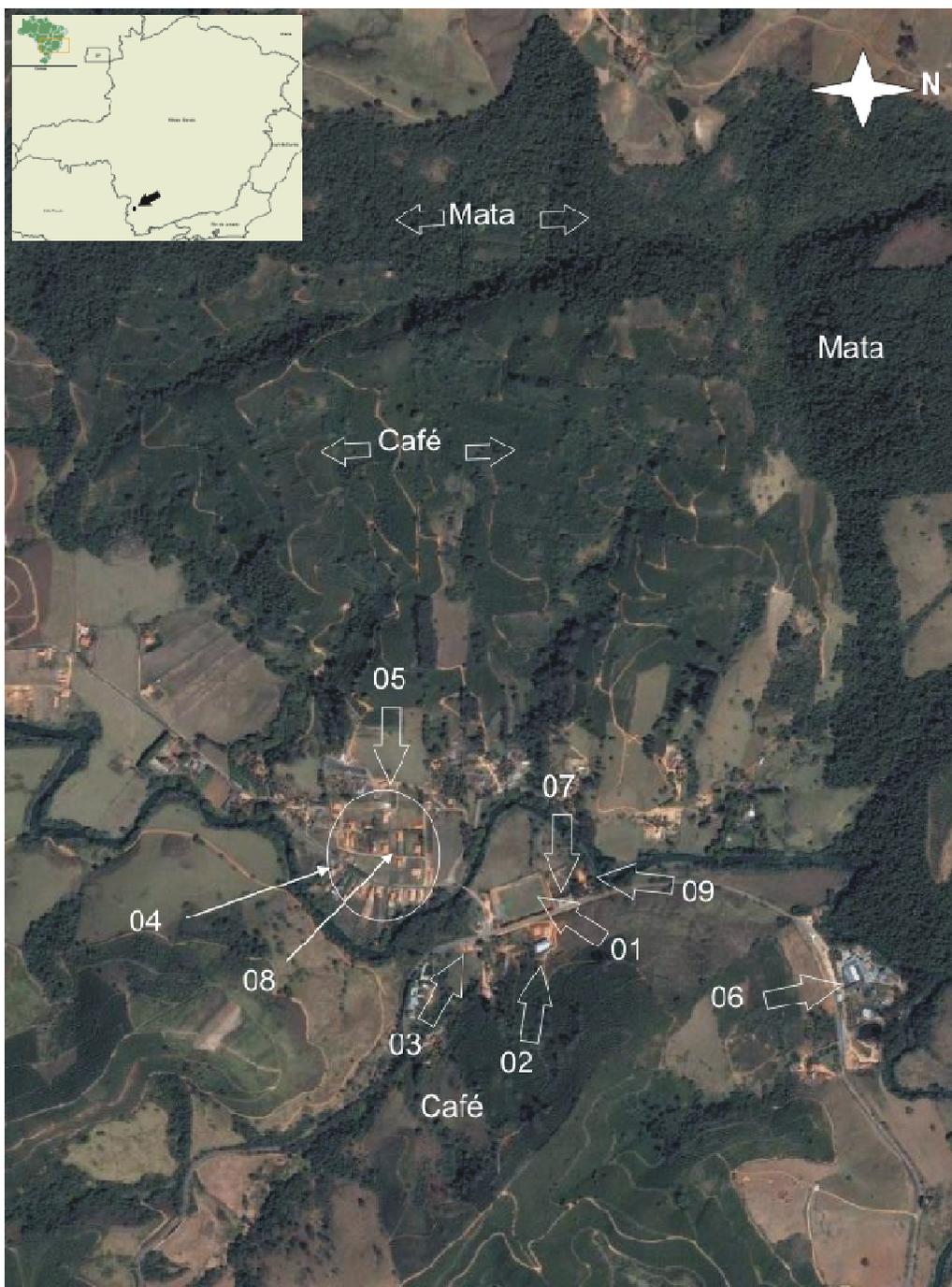
De 1914, data da aquisição da área, à década de 1950, as famílias já plantavam o café, com mudas trazidas da Fazenda Lambari, onde trabalhavam como colonos². Porém, a quantidade relativa de cada produto, o café e a uva, para produção de vinho, foi se alterando ao longo dos anos. O principal produto naqueles tempos até a metade do século XX era a uva. Ao plantar as parreiras e produzir o vinho, aqueles migrantes construíram naquele espaço uma lembrança de sua terra natal. Porém, com o passar dos anos, a morte ou a saída da área rural dos mais velhos, que dominavam as técnicas de produção, o café foi gradualmente substituindo as parreiras e tornou-se o principal produto da comunidade, responsável hoje por quase o total da renda das famílias.

Desta forma, com toda a atenção voltada para o café, a organização da vida, do dia-a-dia no bairro, seu calendário, suas atividades, seus espaços, sua organização familiar, dentre outros aspectos, passaram a ser estruturados de acordo com as atividades do cultivo do mesmo. Assim, a vida no Córrego D'Antas é compreendida acompanhando o calendário agrícola, que pode ser dividido em dois períodos distintos: a *panha* (colheita do café), período de trabalho intenso e ininterrupto que envolve todos os membros da família e o período que vai do fim da *panha* à arruação (preparo para a colheita), este de trabalho mais ameno. Enfim, os espaços e todas as demais atividades no bairro estão intrinsecamente ligados às imposições do calendário agrícola (Zani, 2009).

O bar é, sem dúvida, um lugar privilegiado para a partilha da companhia em momentos de descanso do trabalho, como nos domingos, por exemplo. Estes estão, no Córrego D'Antas, localizados próximos ao campo de futebol. Isso faz com que sejam frequentados por pessoas do bairro e de fora também. Dos bares, um deles está localizado junto ao posto de gasolina, logo depois do campo de futebol. Este é gerenciado por uma pessoa do local, porém, não faz parte do dia-a-dia das famílias em geral do Córrego D'Antas, mas sim, das pessoas que, de fora, vêm ao Córrego D'Antas para jogar ou acompanhar algumas partidas de futebol amador. Outro bar está localizado na entrada do Córrego D'Antas, ao lado da ponte que atravessa o Rio Lambari. Apesar da localização, este é pouco frequentado por pessoas do local e atrai muitos moradores da área urbana nas

² O sistema de colonato vigio fortemente até o primeiro quartel do século passado nas grandes propriedades da região e implicava na residência dos trabalhadores no interior das fazendas.

noites de forró nos finais de semana. O terceiro nesta ordem, mas o primeiro na ordem de identificação local, é o bar conhecido como Bar do Zé do Dião. Este pertence a um antigo morador local, neto dos primeiros proprietários das terras do Córrego D'Antas. O pequeno comércio, administrado em família, fica na beira da estrada e é frequentado pela maioria dos habitantes locais, homens e mulheres, para tomar uma cerveja, um refrigerante, comprar itens de mercearia ou simplesmente por alguns momentos de pura partilha da companhia.



Cod.	Lugar
01	Campo de Futebol
02	Armazém de café
03	Bar
04	Posto de Saúde e Centro Comunitário
05	Lotamento
06	Frigorífico
07	Posto de Gasolina
08	Mercadinho
09	Alambique

Figura 4 – Organização espacial no Córrego D'Antas
 Fonte: ZANI, 2009: 6

b) A experiência no campo

O início do meu contato com os moradores do Córrego D'Antas data de meados de 2007, quando preparava meu projeto de Iniciação Científica que seria encaminhado à FAPESP. Com a aprovação deste mesmo projeto, realizei minha primeira pesquisa acadêmica com estes moradores. Na ocasião, me preocupava entender como a maior parte dos pequenos cafeicultores do Córrego D'Antas resistiram as pressões para deixarem suas terras ao longo do século XX e permaneceram e mantiveram suas terras no local. Uma das estratégias identificadas era recente e ainda mexia com o dia-a-dia daquelas famílias: a migração. Percebi que dentre as pessoas que deixavam o campo em busca de trabalho em outras áreas havia um grupo considerável que havia optado pela migração internacional, estes estavam vivendo nos Estados Unidos e alguns na Itália. Chamaram ainda mais minha atenção três chefes de família que migraram com o propósito de conseguir recursos com o trabalho no exterior para garantir a reprodução de suas pequenas propriedades no Córrego D'Antas. Tal estratégia de reprodução me chamou a atenção e deu origem a esta pesquisa de mestrado.

Durante a pesquisa de Iniciação Científica tive a oportunidade de conviver e levantar algumas questões sobre a viagem com um dos migrantes que havia retornado. Cerca de dois meses depois de ter concluído tal pesquisa outros dois chefes de família retornaram dos Estados Unidos. Quando iniciei o trabalho de campo do mestrado estes já estavam há dois anos no Brasil e de volta ao trabalho com o café. Já haviam também investido o dinheiro economizado com a migração na reprodução das suas pequenas propriedades. Assim, optei nesta pesquisa pela utilização de métodos que possibilitassem a reconstituição destas trajetórias de cerca de quatro anos vividas por estas famílias e que garantissem o entendimento de tal processo de migração internacional e ao mesmo tempo reprodução de suas pequenas propriedades rurais (no item 1.2 faço uma discussão acerca dos métodos utilizados).

Quatro entrevistas foram realizadas com cada um dos migrantes, cada uma focando em uma questão, ou momento específico, do projeto migratório. Assim como foram realizadas entrevistas com as esposas dos migrantes participantes importantíssimas em tal

projeto. Isto totalizou, entre maio e dezembro de 2011, vinte sessões de entrevistas, sempre realizadas aos domingos, que são os únicos dias disponíveis por essas pessoas. Durante toda a semana eles estão envolvidos no trabalho com a lavoura ou trabalhos extras realizados para terceiros. Soma-se a isso que entre maio e meados de setembro deste mesmo ano foi o período da *panha* (colheita) do café. Período em que todos na família estão envolvidos num trabalho intenso que dura das primeiras horas do dia até o último grão de café ser ensacado e armazenado. Ou seja, a intensidade do meu trabalho de campo deve se adequar também a realidade e as exigências do calendário agrícola do café. As visitas a campo neste período procuravam não atrapalhar o andamento do trabalho destas pessoas, mas sim, aproveitar o momento para a observação e a obtenção de importantes informações acerca do retorno destes migrantes ao trabalho com a lavoura de café. Após a *panha* as entrevistas foram intensificadas, a fim de concluirmos os capítulos sobre o período de migração.

As entrevistas com as mulheres, Geane e Valdirene, apresentaram uma dificuldade inesperada que, ao contrário de causar transtornos no andamento da pesquisa, possibilitou uma excelente reflexão acerca das experiências vividas por essas mulheres e de sua dificuldade para narrá-las. Visto que, foram necessárias quatro entrevistas curtas com cada uma delas para obtermos as narrativas suficientes para a redação da trajetória. Isso por que, essas mulheres apresentaram grande dificuldade em narrar as experiências vividas durante o período de migração.

No caso de Valdirene, o silêncio é a forma encontrada para não falar das piores experiências vividas pelo casal. As narrativas fluíam até alcançarem algum momento, algum ponto nessas histórias, que ela não gostaria que fossem revividas, mesmo que em narrativa. De forma muito rápida, uma breve respiração substituía a narrativa, seguida de um tímido sorriso e a narrativa era interrompida com frases curtas, do tipo: “mas foi assim”, “já passou né”, “foi triste”, foi difícil”. Uma frase, um sorriso e a narrativa era interrompida. Com muitas voltas pela conversa, tentava retomar aquele ponto após algum tempo ou em outras entrevistas. Mas algumas experiências que lhe foram traumáticas estavam bloqueadas.

Para Geane a dificuldade de se narrar tais experiências se apresentava de outra forma. As entrevistas eram muito curtas e eram frequentemente interrompidas pelo choro. Logo nos primeiros minutos de entrevista via-se nitidamente que sua mão tremia e a cada instante uma gota de lágrima aparecia no canto do olho, até a narrativa se misturar a um choro intenso. A entrevista era então interrompida, não seria correto prosseguir numa conversa que lhe causasse tanto mal-estar. No entanto, no mesmo dia, após algum tempo marcávamos uma nova conversa.

O conjunto das entrevistas realizadas com Geane e Valdirene lidas como uma só tornou possível preencher as lacunas que poderiam ser deixadas pela dificuldade de se narrar tais experiências traumáticas. O mesmo foi feito para escrever a trajetória de Laércio, por suas experiências complicadas que ainda hoje refletem em sua vida e por não ter podido entrevistar sua esposa, que não aceitou conceder entrevista. Da mesma forma, a dificuldade apresentada ao narrar suas experiências, longe de impedir ou dificultar a redação das trajetórias, acrescentaram sentimento e subjetividade nas narrativas. O sentimento que transbordava em suas narrativas, procurei transmitir no texto. As lágrimas de Geane não podem ser lidas no texto, mas estão presentes na dissertação na narrativa das trajetórias.

c) A reprodução das famílias e da propriedade no Córrego D'Antas

Um pouco da história da sucessão das terras no Córrego D'Antas é importante para compreendermos o contexto com o qual estamos trabalhando. As três famílias fundadoras vieram para o Brasil entre o final do século XIX e início do século XX. O destino programado para estas pelos incentivadores da imigração era o trabalho nas fazendas de café. Na época o Estado de São Paulo incentivava, através da Sociedade Promotora da Imigração, a imigração com a finalidade de suprir a necessidade de mão de obra nas fazendas. A família Junqueira, proprietária das terras onde nascia Poços de Caldas e onde viria a ser o Córrego D'Antas se aproveitava do contexto e buscava trabalhadores no Estado de São Paulo. Nestas fazendas, o regime de trabalho adotado na relação com o imigrante era o regime de colonato. No regime de colonato havia algumas modalidades possíveis de trabalho que possibilitavam ao colono e sua família o ganho previsto com a *panha* do café, mas também rendas extras provenientes de outros trabalhos. A renda com a *panha* era, e continua sendo até os dias atuais, medida pela quantidade de café colhido por cada trabalhador. Mas não era a única possibilidade de renda destes colonos. Havia também os serviços prestados à fazenda, os quais eram pagos na forma de diária. Além da possibilidade de produzirem alimentos para o consumo da família e a venda do excedente no centro urbano. Sendo assim, a família que tivesse mais braços para o trabalho e soubesse equalizar o consumo com a renda, poderia economizar certa quantia de dinheiro. Desta forma, os colonos das famílias Benelli, Barzagli e Consolini, conseguiram amealhar certa quantia de dinheiro e aproveitando o contexto favorável deixaram a condição de colonos e em 1914 adquiriram suas próprias terras. Pagaram por elas uma quantia relativamente baixa para uma propriedade que passava na época de trezentos hectares. Em valores da época, pagaram vinte contos de réis. Hoje, um alqueire de terra sem café plantado no Córrego D'Antas não vale menos que vinte mil reais, podendo chegar a trinta mil, dependendo das condições da terra e do relevo. Se houver café plantado esse valor passa de 50 mil reais.

A área adquirida por eles era parte da fazenda Lambari e foi vendida pelo então proprietário por vários motivos. Um deles é que estas não tinham, nem de longe, a qualidade das terras da fazenda. As propriedades no Córrego D'Antas são muito íngremes e

com partes muito pedregosas, como afirmou Agnaldo, “é uma pirambeira só”. Além disso, até aquele momento esta era ainda uma área de mata densa que demandaria muito tempo e dinheiro para ser desbravada e transformada em lavoura de café. Desta forma, a alternativa encontrada pelo proprietário foi vender para os colonos que lhes pagariam com as economias do trabalho em sua fazenda mesmo e esperar que esses fizessem o trabalho pesado para em seguida adquiri-las de volta. Dito e feito: poucos anos depois uma área de por volta de cinquenta a setenta hectares, que fazia divisa com a Fazenda Lambari, foi revendida ao seu antigo proprietário.

O que talvez não esperava o proprietário da fazenda é que estes colonos transformariam aquela “*pirambeira*” de mata fechada e cheia de pedras em lavoura de café da melhor qualidade. Qualidade essa comprovada recentemente com a concessão aos produtores locais de um selo de qualidade internacional, o selo Fairtrade, que lhes garante a venda sem a necessidade do intermédio do armazém e, conseqüentemente, o melhor preço pago pela saca.

Essas famílias contrariando as tendências de recompra de terras pelos grandes fazendeiros, como analisou Loureiro (1987) acerca do estado de São Paulo e encontrado no contexto apresentado acima, contrariaram o contexto de urbanização e concentração fundiária e se mantêm ainda hoje em suas pequenas propriedades rurais (cf. Zani, 2009).

Três fatores, ou estratégias de reprodução, se destacam na análise deste fato: as estratégias econômicas, as formas ou padrões de sucessão da propriedade e o valor simbólico da terra. Este último está relacionado a terra enquanto mais que uma mera mercadoria, mas enquanto elemento simbólico, parte da vida e patrimônio da família. Já o primeiro fator está intrinsecamente ligado ao desenrolar histórico do sistema de colonato. Isto é, a economia doméstica comum no sistema de colonato, que possibilitava o plantio de alimentos para a manutenção da família e a venda do excedente, foi mantida e lhes possibilitou durante as primeiras décadas fora da fazenda a manutenção das famílias. Ainda hoje se ouve dos mais velhos a afirmação de que no seu tempo não se comprava nada, tudo se plantava ali. Mesmo nos tempos de crise, o alimento era garantido pela terra, essa mesma terra que lhes garantia o excedente que seria vendido para a aquisição daquilo que não fosse possível plantar, como as roupas ou tecido para a confecção destas, por exemplo. Isso lhes

garantia ao menos os fatores básicos para a sobrevivência da família e, sendo assim, não precisavam se submeter às ofertas e à pressão para a recompra das terras pelos antigos proprietários.

O equilíbrio econômico que lhes garante a manutenção em suas terras também passa pelo equilíbrio entre mãos para o trabalho e bocas para alimentar. Ou seja, deve-se reduzir de maneira simétrica, como afirma Chayanov, “todos os elementos da atividade agrícola, inclusive a mão de obra familiar” (Zani, 2009: 33), para garantir a reprodução da terra, que afinal é limitada. Fato este que não está apenas nos textos de Chayanov, mas foi encontrado nas falas dos interlocutores mais velhos. Tal situação é resolvida, não sem tensão, com a saída de alguns para trabalharem fora do ambiente do sítio, de forma definitiva ou para garantir nova fonte de renda para o grupo familiar.

Isso envolve diretamente o sistema de sucessão das terras, posto que, para que não haja nem a fragmentação da terra pelo número excessivo de herdeiros nem a venda a pessoas de fora, deve haver uma forma de sucessão que garanta um número máximo de casas trabalhando e que dependem do sítio equivalente ao seu tamanho. Assim como, aqueles que deixam as terras não devem vendê-las a pessoas de fora da família, no Córrego D’Antas, a sucessão é dada pela preferência sempre àqueles que trabalham nas terras. Porém, inevitavelmente alguém deverá deixar as terras, ou seja, como afirma Margarida Maria Moura (1984: 94), onde há herdeiros há também deserdados e esses deverão procurar trabalho em outras áreas e a migração é sempre uma alternativa.

Desta forma, as famílias fundadoras do Córrego D’Antas garantiram a reprodução da família e de suas pequenas propriedades ao longo de quase um século. Desde então, as estratégias de reprodução, obviamente, mudaram, mas a vontade de muitos de permanecer em suas terras continua a mesma. Com a migração para o exterior não foi diferente. Esta visa garantir a melhoria da qualidade de vida das famílias assim como garantir a reprodução e mesmo ampliação da pequena propriedade no Córrego D’Antas. Estes permaneceram no exterior apenas o período considerado por eles como o mínimo necessário para a economia dos recursos que possibilitassem sua volta, não da mesma forma que foram, mas com a possibilidade de melhorar a vida de suas famílias e as condições de seus sítios e até de recomprar parcelas já vendidas.

Destes quatro membros da família Consolini que migraram e retornaram, Agnaldo, Branco, Laércio e Preto, os três primeiros trabalham em regime de meia nas terras que pertencem aos pais e tios. Como foi explicado no item anterior, no sítio dos Consolini são ao todo três proprietários: a) Ernesto, pai de Agnaldo, b) Oscalina, viúva de Carlos Consolini, irmão de Ernesto, e avó de Branco e Preto; e c) Pedra Maura, viúva de Celso Consolini. Ou seja, ao todo, são seis famílias nucleares que trabalham na terra em regime de meia com Ernesto, Oscalina e Pedra, cada qual se referindo em acordo, não formal, mas moral, com seu ascendente. Agnaldo e seu cunhado trabalham em regime de meia com Seu Ernesto; Branco e um primo trabalham com sua avó Oscalina, posto que seu pai abriu mão das terras para os filhos; e Laércio e Celso tem a mesma relação com a mãe. Todos estes trabalhando em uma mesma área indivisa.

Como Branco não é herdeiro direto de Oscalina, este deve negociar com os tios o direito ao trabalho na terra sem a necessidade de repassar a eles parte da renda obtida. Ao todo, seriam cinco herdeiros diretos de Oscalina. João, pai de Preto e Branco, Jurandir, José Carlos, Juvelina, e Juraci. José Carlos tem um de seus filhos trabalhando nas terras da mãe além de ter hoje suas próprias terras, cerca de dois alqueires que adquiriu de Carlos Benelli, em outra área do Córrego D'Antas. Juraci é casada com um Benelli e vive em suas terras. Até onde se tem notícia, ainda não reivindicou sua parte, visto que isso no local seria visto com maus olhos, pois sua mãe ainda é viva e seria falta de respeito reivindicar "herança" antes da morte dos pais. Mesmo assim, para resolver a relação com um de seus tios, evitar problemas na divisão da terra e garantir sua reprodução em família, Branco ao retornar ao Brasil adquiriu de Jurandir sua parte que teria de direito nas terras.

A opção de Agnaldo, que permaneceu menos tempo nos Estados Unidos que os demais, foi por interar ao dinheiro ganho no exterior o valor da venda de uma casa na área urbana para a compra, ou melhor, a recompra, de dois alqueires de terra com café que fazem divisa com as terras dos pais. Digo recompra, pois esta área originalmente pertencia a dois de seus tios e foi vendida há quase cinquenta anos a pessoas de fora da família.

d) Mobilidades no Córrego D'Antas

No projeto original prevíamos o estudo de todos os deslocamentos identificados no Córrego D'Antas. Mas a partir das discussões nas sessões de orientação com a professora Emília Pietrafesa e nos seminários da linha de pesquisa, avaliamos que centrar nas migrações internacionais revelaria dinâmicas novas que começam a ocorrer em contextos rurais. Sem prejuízo para o objetivo geral da pesquisa que é entender as ressignificações dos espaços e da vida no Córrego D'Antas, ao contrário, potencializando essa possibilidade.

Diversos tipos de deslocamentos são observáveis no Córrego D'Antas e os objetivos destes são variados. Entre os jovens, aqueles que optam por dar prosseguimento aos estudos após o término do Ensino Fundamental, que é oferecido na área rural, ou mudam-se em definitivo para a área urbana ou devem se deslocar diariamente entre o bairro e a área urbana em ônibus cedido pela prefeitura. Entre adultos, há casos de pessoas que residem no local e trabalham na área urbana em funções variadas e há o caso inverso daqueles que residem na área urbana, mas possuem direito de acesso às terras de seus pais e trabalham nos cafezais do Córrego D'Antas. Para ambos, o deslocamento pendular, isto é, aquele em que as pessoas, como um pendulo, se movem entre dois eixos com frequência, torna-se obrigatório.

Dentre os casos de mobilidades pendulares, há dezessete jovens que residem na área rural e estudam na cidade; cinco que residem na área rural e trabalham na cidade e sete casos de pessoas que residem na área urbana, mas têm direito de acesso às terras dos pais e trabalham nas lavouras de café. Mesmo aqueles que são mais fechados na vida do sítio se deslocam com frequência e por motivos diversos, geralmente relacionados aos negócios do próprio sítio. Os motivos em geral variam entre pagamento de contas, concerto ou aquisição de equipamentos e ferramentas agrícolas e aquisição de insumos.

Há ainda alguns poucos casos de deslocamentos de jovens para trabalho. Isto porque, alguns jovens, que trabalham na área urbana, decidiram por continuar residindo nas terras dos pais, o que lhes impõe um deslocamento diário. Estes e outros vivem todo

período de trabalho na área urbana e nos finais de semana e nas noites estão com a família na área rural.

Um caso emblemático de deslocamento pendular é o dos estudantes, principalmente de ensino médio. A única escola próxima ao local está localizada na Fazenda Lambarí, no entanto esta oferece apenas o Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano, que engloba crianças com média de idade entre 6 e 14 anos. Aqueles que optam por dar continuidade aos estudos devem se matricular em uma escola na área urbana. Para isso a prefeitura oferece transporte público de estudantes. Em todos os casos encontrados no local os jovens frequentam o ensino noturno, visto que durante o dia, principalmente em época de *panha*, estes devem ajudar os pais para garantir a produção da família.

Outra situação de deslocamento refere-se ao sentido inverso do que vem sendo descrito até agora: são aqueles que residem na área urbana e fazem uso do direito de acesso as terras dos pais no Córrego D'Antas. Há no local sete famílias nucleares nesta situação, mas neste caso apenas o pai da família se desloca e algumas vezes, principalmente em época de *panha*, na companhia da esposa. Durante o restante do ano, mesmo com trabalho mais ameno, não se pode descuidar do cafezal. Para manter a qualidade do produto inúmeros cuidados são necessários entre uma *panha* e outra, o que faz com que o deslocamento da casa, na área urbana, para o sítio, na área rural, ocorra durante todo o ano. No entanto, entre o ensacamento e a venda do café e a *arruação*³, as idas ao sítio podem ser intercaladas com períodos de permanência e trabalhos extras na área urbana ou mesmo na área rural.

Não importa a distância, contada por metros ou quilômetros, as pessoas estão em constante trânsito. Não vivem em espaços estanques, mas movem-se o tempo todo. O limite de doze quilômetros não os impede de estarem entre os caminhos por diversas vezes num só dia. Isso por que, o desenvolvimento de sistemas de transporte e comunicação facilitou o deslocamento e possibilitou que a população de Córrego D'Antas estivesse mais próxima do centro urbano da cidade e o centro urbano mais próximo do Córrego D'Antas.

³ Preparo da terra para a colheira/panha do café

Não são poucos, relativamente ao número de habitantes do local, os que tomaram caminhos mais distantes e emigraram para o exterior. Em três casos a migração ocorreu com todo o grupo familiar, abdicando ou vendendo suas parcelas de terra aos irmãos. No entanto, há ainda os que fizeram da migração uma forma de manutenção e melhoria da economia do sítio. É o caso dos primos da família Consolini, que há cerca de dez anos emigraram para a Itália em busca de trabalho e da cidadania italiana. Após conseguirem a dupla cidadania, da Itália partiram para os Estados Unidos. Com os recursos amealhados no exterior, retornaram ao Córrego D'Antas, além de retomarem o trabalho com o café também adquiriram terras de tios e terras que foram no passado vendidas a pessoas de fora da família.

Destes casos de migração internacional, hoje há ao todo treze pessoas das famílias fundadoras do Córrego D'Antas vivendo no exterior. Dentre esses, há três grupos familiares que, com o sucesso dos pais no exterior, os filhos seguiram o mesmo caminho e as famílias emigraram por completo, pai, mãe e filhos. Duas famílias encontram-se na Itália, na região de Milão, e uma está nos Estados Unidos.

A emigração ocorreu aos poucos ao longo da última década. Cada pessoa que chegava ao lugar de destino com o tempo animava os demais a optarem pelo mesmo caminho. Desta forma, vários homens do Córrego D'Antas foram em busca do sonho comum de ganhar dinheiro no exterior. No entanto, como no ditado popular, nem tudo que reluz é ouro. Não demorou pra notarem que *a vida lá fora* não era como imaginavam. “*Fora do país da gente, a gente é um escravo no último. Você quer se sentir escravo, você sai do seu país e vai trabalhar pra uma pessoa num outro país*”, disse Agnaldo. Tal constatação parte de um extremo estranhamento com a vida, as relações de trabalho e interpessoais e com os espaços no exterior. A *ilusão* com a possibilidade de uma vida melhor fora do país, para aqueles que decidiram retornar ao Brasil, foi logo substituída por um extremo comprometimento com as famílias que deixaram para trás, única razão que os motivava a continuar o trabalho no exterior e ao menos recuperar o caro investimento na migração.

A decepção destes com a viagem foi marcada por fatores que vão além das relações de trabalho: estes netos e bisnetos de italianos levaram consigo o sonho de um retorno às

origens, o sonho de conhecer e estar nas terras de seus antepassados, o sonho de voltar para onde tudo começou. No entanto, a recepção não foi a do *bom filho que à casa torna*, mas sim a do filho que, após a morte do pai, volta para buscar a herança. Mesmo não havendo herança alguma para receber, nem mesmo parentes próximos para visitar, eram todos forasteiros, brasileiros em busca de dinheiro em um país afundando em dívidas. Mas, tanto quanto, eram sete homens em busca de uma identidade, e mais que isso, sete homens em busca de uma origem⁴. A contradição fica por conta do retorno. Isto por que, na Itália essa origem passou a ser identificada por esses migrantes como a terra onde nasceram e viveram, a terra onde cultivam alimentos, mas também produzem sua vida e sua cultura.

⁴ Origem (*Ursprung*) no sentido benjaminiano do conceito de uma “retomada projetiva” de um estado perdido (Gagnebin, 1999: 7)

1. Migração e trajetórias

1.1. Debates sobre migração internacional

Diversas famílias do Córrego D'Antas estiveram envolvidas no processo de migração internacional. Desde a década de 1990 alguns chefes destas famílias têm aproveitado o fato de terem direito à cidadania italiana para seguirem rumo à Itália, alguns em busca da dupla cidadania para, em seguida, seguirem para os Estados Unidos. Alguns destes homens, depois de conquistada certa estabilidade no exterior, levaram o restante da família, esposa e filhos, para morarem com eles. Mas, dentre os migrantes do Córrego D'Antas, a trajetória de três me chama a atenção: Branco, Agnaldo e Laércio emigraram com o intuito de garantir recursos suficientes para votarem ao Brasil e investirem na reprodução da pequena propriedade rural de suas famílias. Estes viveram entre oito e dez meses na Itália (Laércio dez e os demais oito) e quatro anos nos Estados Unidos, sendo que Agnaldo permaneceu apenas quatro meses. Desta forma, faz-se importante na trajetória destes migrantes antes o entendimento do contexto em que isso se insere através de alguns estudos sobre diversos aspectos da migração internacional. Ou seja, neste capítulo revisaremos alguns importantes trabalhos sobre migração internacional de brasileiros em diversos contextos a fim de visualizarmos a situação em que vivem brasileiros e brasileiras no exterior antes de nos determos nas experiências específicas de nossos interlocutores e desta forma, melhor compreendê-las.

Na década de 1980, o Brasil, que por muito tempo recebeu imigrantes, passou a ter um papel diferente no movimento migratório internacional. Segundo Bela Feldman-Bianco (2010: 293), “na década de 1980, ao compasso da globalização contemporânea, o Brasil – historicamente país de imigração transformou-se também em país de emigração”. O diplomata brasileiro Oto Agripino Maia (2009: 31) caracteriza esse início da emigração da década de 1990 da seguinte forma:

O fator externo representado pelo aumento das facilidades de informação, comunicação e transporte intercontinental decorrente da aceleração da

globalização, conjugou-se a um quadro doméstico de estagnação e desemprego colorido de desencanto para desencadear o início de correntes migratórias que se prolongaram até nossos dias (...) Gradualmente o país se deu conta de que distanciando-se da condição histórica de destino de imigrantes de praticamente todos os continentes do globo, tornou-se também um país de emigração.

As condições econômicas favoráveis em alguns países europeus, Japão e Estados Unidos e a necessidade de mão de obra de baixo custo formam, em conjunto com a situação apresentada acima, um contexto perfeito para trabalhadores que viviam no Brasil em tempos de grave crise (*Ibid*: 31). Isto visto que, as pessoas que migram, o fazem em busca de trabalho e dinheiro que, como ouro de aluvião, parece ser abundante no exterior. Para Tedesco (2008: 98) produziu-se no imaginário dos países mais pobres a visão de um mundo exterior de riqueza, de possibilidade iminente de ascensão social. No entanto, afirma o autor, “pouco se falou e se fala que grande parte disso tudo, ainda que exista, só é alcançável para um pequeno grupo social”.

Há uma ideologia das migrações internacionais que se alimenta e produz uma ideia de uma vida melhor sempre fora do país, de ascensão social, independente dos horizontes concretos das relações sociais que se apresentam. Imagens, imaginários, símbolos, rótulos e desejos vão sendo produzidos pelo mundo globalizado tanto no sentido de atração quanto de resistência à inserção (TEDESCO, 2008: 98).

As principais explicações sobre a motivação do processo emigratório no Brasil, segundo Assis (2002: 10-12), apesar de não serem as únicas, referem-se à conjuntura econômica do país. O início deste grande processo pode ser compreendido, segundo ela, como uma fuga da crise em que vivia o brasileiro na década de 1980. No entanto, como ela mesmo afirma, a migração é mais que um projeto econômico, é também um projeto “familiar e afetivo”. Por isso, tão importante como compreender as estratégias econômicas é “resgatar a subjetividade do processo migratório” e como estas pessoas vivenciam o processo migratório (*Ibid*: 15).

A maior parte dos migrantes brasileiros no Porto, Portugal, como nos informa Igor Machado (2008), é pobre e até os anos 2000 a hotelaria era o segmento econômico que mais empregava brasileiros; muito, por conta da característica baseada num estereótipo dos brasileiros “festivos, simpáticos” e também por falarem português. Isso, segundo Machado (2008: 702), coloca os brasileiros em uma situação privilegiada no que ele chama de “hierarquia das alteridades” em Portugal. Sendo assim, tais características estavam

carregadas de “conotações ideológicas”. Tal caracterização vai além e qualifica os trabalhadores migrantes brasileiros “por um lado, como grandes artistas, criativos, inventivos” (*Ibid*: 705-6) e, por outro, como “menos intelectualizados, sexualmente desregrados e pouco educados” (*Ibid*: 702). Isto, para o autor é mais que estereotipação, os brasileiros passam por um “processo de exotização”. Isto é, as “imagens (...) passam a ter autonomia simbólica, num processo de ‘encarceramento simbólico’” (*Ibid*:703).

No entanto, afirma ainda Igor Machado (2008: 704-6) os trabalhadores brasileiros não eram apenas passivos nessa exotização. Isto porque, adaptar-se as características esperadas dos brasileiros pelos portugueses facilitava a obtenção de trabalhos no país. Dentro do cenário da migração internacional Bógus e Bassanezi (1998: 896) destacam a importância da “disposição dos imigrantes para aceitar trabalhos ‘desagradáveis’ ou ‘sujos’, que lhes possibilite conseguir emprego”. Ou seja, aceitar o lugar de subordinação na sociedade estrangeira é, portanto, uma forma de se inserir no mercado de trabalho.

A visão do brasileiro exótico se faz presente no exterior muito por conta da imagem produzida no país que acolhe, mas também pela imagem, com base em invenção de culturas e tradições, de nosso país e nosso povo divulgada pelo governo brasileiro e pela propaganda privada no exterior, como país de maravilhas, festas, futebol, alegria, sensualidade e muitas vezes, sexualidade, como nos mostra Piscitelli (2008 e 2005). Esta figura imagética do brasileiro está presente na internet e nos próprios veículos de comunicação de nosso país e é internalizada por parte da população. No exterior, a reafirmação desta “identidade” inventada insere o brasileiro, subordinado, naquela sociedade.

Essa exotização ligada à corporeidade das mulheres brasileiras abre espaço para estas migrantes em setores ligados ao cuidado e o uso do corpo, como “manicures, cabeleireiros, esteticistas e, principalmente, *go-go girls*” (Machado, 2008: 717). Na região de Milão, na Itália, homens e mulheres brasileiras (os) “são populares em serviços envolvendo corporalidade” (Piscitelli, 2007: 729), em geral as mulheres migrantes ocupam “os degraus mais baixos da hierarquia do emprego no setor de serviços: o trabalho doméstico, o cuidado de crianças e idosos, e a inserção na indústria do sexo” (*Ibid*: 719-

20); e muitas das que trabalham nesta indústria do sexo foram vítimas do tráfico internacional de mulheres (cf. Piscitelli, 2008 e 2007).

Neste ponto a exotização da mulher brasileira está intrinsecamente ligada a erotização das mesmas. Há nos Estados Unidos até mesmo lugares em que se anunciam shows de go-go-girls apenas com mulheres brasileiras, como um produto especial e específico. Ou seja, neste contexto vemos a imagem do Brasil e das brasileiras sendo construída “através da exotização e exploração da sexualidade” (Machado, 2008: 717).

Desde a década de 1990 mulheres brasileiras são atraídas para o exterior com promessas de casamentos e trabalho, porém, enganadas, estas “são forçadas a prostituir-se na Europa” (Piscitelli, 2007: 717). Porém, afirma Piscitelli, nem todos os casos envolvem a indústria do sexo. Em seu campo, no movimento migratório entre Fortaleza e Milão, Piscitelli apresenta “um universo integrado por brasileiras, majoritariamente nordestinas, que migraram para a Itália e por maridos italianos que as conheceram ao visitar Fortaleza com o objetivo de consumir sexo”. Tal processo apresenta uma nova forma de agência para a migração: o casamento. “De acordo com dados relativos ao censo de 2001, havia na Itália em torno de 200.000 casais e a maioria absoluta (71%) era integrada por homens italianos e mulheres estrangeiras” (*Ibid*: 720). Os dados estatísticos demonstram que as mulheres brasileiras estão entre as cinco nacionalidades mais procuradas por italianos para casamento. Piscitelli afirma ainda que na última década houve um aumento no casamento entre brasileiras e italianos. O Consulado Brasileiro em Milão teria registrado “semanalmente uma média de sete a dez solicitações de brasileiras para viabilizar esses casamentos” (*Ibid*: 728). Esse fato não nega o valor exótico destas mulheres no exterior, assim como o fato de que muitas destas, depois de casadas são levadas a prostituição naquele país.

Invariavelmente, o processo de exotização de que fala Igor Machado se faz presente em outros contextos que não o de Portugal, tais como Estados Unidos e também na Itália, destinos frequentes de brasileiros e por onde passaram os migrantes do Córrego D’Antas. No entanto, a exotização apresenta singularidades referentes a cada contexto, como em Nova York, onde não há uma especificidade do brasileiro, mas estes ocupam postos de trabalho mal remunerados, realizando serviços que os nativos daquele país não se dispõem

a realizar, o que não deixa de compor uma visão do brasileiro como intelectualmente inferior, que, salvo raras exceções, devem ocupar setores inferiores, subordinados, do mercado de trabalho. A invisibilidade, a que se refere Machado (2008), do brasileiro nesta sociedade, demonstra uma subordinação do mesmo numa hierarquia. Isto é, ao se fazer presente numa sociedade que sequer o reconhece como brasileiro, quando muito por estrangeiro, “hispanico” e/ou latino, ao se inserir nesta sociedade de maneira “invisível”, o migrante brasileiro passa a ocupar um lugar nessa hierarquia, certamente, um dos mais baixos. Essa condição étnica a qual são relacionados os brasileiros “não-brancos”, como afirma Igor Machado (2008: 716), que poderia ser valorizada pelo exotismo em Portugal, é desvalorizada nos Estados Unidos e “leva a um rebaixamento simbólico”. O que não deixa de referir-se à “hierarquia da alteridade”, como definiu Igor Machado, pois sua invisibilidade é marcada pela diferença, mas não uma diferença exótica, mas inferior. Nesta “hierarquia da alteridade” que não inclui o mercado do exótico, valorizado em Portugal, encontravam-se os migrantes do Córrego D’Antas no contexto em que afirmam nunca terem sido tratados como trabalhadores como os outros (os nativos da Itália e Estados Unidos), eram sim inferiores na escala que poderiam ocupar no mercado de trabalho e desta forma eram tratados pelos empregadores. No caso específico dos Estados Unidos, nem ao menos havia contato com os norte-americanos, mesmo os empregadores eram brasileiros. A inferioridade é tamanha que os faz invisíveis. Na maioria das vezes, empresas comandadas por brasileiros intermediam a contratação dos brasileiros.

No contexto japonês a diferença não é bem vista pelo governo e pela população. Motivo pelo qual o migrante brasileiro busca neste contexto uma identificação pela sua ascendência japonesa. Os brasileiros migrantes com algum êxito no Japão são descendentes de migrantes japoneses que fizeram o caminho inverso, do Japão para o Brasil, durante o século XX. Segundo, Assis (2002: 10), há até mesmo empresas de recursos humanos japonesas com sede no Brasil especializadas em recrutar nisseis e sanseis para trabalharem no Japão. Machado (2008: 719-20) explica esta busca do Japão pela migração de “semelhantes”:

No Japão, o desejo da imigração brasileira deve-se à vontade dos governos japoneses de requisitar mão de obra entre emigrantes e seus descendentes, como forma de evitar uma imigração absolutamente estrangeira. Segundo Kauamura (1999) seria “o retorno dos semelhantes, física e culturalmente condizente com a

valorização da consanguinidade na definição do parentesco e nacionalidade” (...) A preocupação é estabelecer uma “alteridade controlada”, ou seja, investir numa imigração de supostos semelhantes, como brasileiros descendentes de japoneses.

Já a emigração de moradores do Córrego D’Antas, que ocorreu entre o final do século XX e início do XXI, caracteriza-se pela possibilidade destes da obtenção da dupla cidadania. Isso não significa, no entanto, inserção e aceitação pela sociedade italiana. A opção pela Itália foi apenas um meio, uma ponte pela qual conseguiriam chegar ao destino desejado: os Estados Unidos. Isto se explica, pois, com o tempo e as dificuldades para se conseguir o visto de entrada nos Estados Unidos, principal destino dos brasileiros, uma alternativa para aqueles que possuem ascendência italiana foi a procura pela dupla cidadania.

Segundo Bógus e Bassanezi (1998: 893), as histórias de Brasil e Itália tem dois momentos nítidos de interseção: o primeiro na segunda metade do século XIX, com a grande migração de italianos para o Brasil que substituiu aos poucos a mão de obra escrava; o segundo momento tem início justamente no final do último século, quando o Brasil entra no cenário internacional como país também de emigração. O que há de comum nestes dois momentos de grande fluxo migratório é a motivação para a migração:

Considerados os dois momentos, embora com um intervalo de um século, o motivo dos migrantes para deixarem seus países de origem são semelhantes: as diferenças salariais, as oportunidades diferenciais de emprego, a melhoria do padrão de vida geral, constituíram e ainda constituem as principais causas destes movimentos populacionais (Bógus e Bassanezi, 1998: 897).

O marco para a virada da Itália de país de emigração para destino de imigrantes, segundo as autoras, é a década de 1970 (Bógus e Bassanezi, 1999: 2). Com equilíbrio da economia naquele momento, a Itália passou, ao invés de enviar emigrantes, a atrair imigrantes. Os brasileiros, principalmente aqueles que não conseguiam migrar para destinos como Estados Unidos e Portugal, passaram então a dirigir-se para lá, formando uma pequena comunidade que representava em 1999 apenas 2% dos imigrantes na Itália (*Ibid*: 2).

No entanto, a Itália não é nem de longe o principal destino de migrantes brasileiros. Embora espalhados mundo afora, há indicações de que a maioria dos imigrantes brasileiros se encontra concentrada na América do Norte (principalmente Estados Unidos, onde vivem

40% do total estimado) e na União Europeia – especialmente no Reino Unido e Portugal (cada um com 5% do total) e Espanha (com quase 4%) (Feldman-Bianco, 2010: 293). Vale salientar que os dados são estimativas, visto que, segundo a mesma autora, há uma imprecisão devido ao número de pessoas que estão sem a devida documentação para a permanência no país estrangeiro. Mesmo assim, estima-se que “o número total varia entre dois e quatro milhões de pessoas” (*Ibib*: 293). Apenas na região de Milão, para onde migraram os homens do Córrego D’Antas, “estima-se que entre 40.000 e 50.000 brasileiros/as vivam nessa jurisdição, que abrange o Norte da Itália (até Florença)” (Piscitelli, 2007: 728).

Os dados do Ministério das Relações Exteriores – MRE de 2007 apresentados por Maia (2009: 33) são mais precisos e apontam para 3.135.000 brasileiros vivendo no exterior. Destes, seriam “1.460.000 documentados (46% do total) e 1.675.000 (54%) do total estariam em situação irregular”. Nos Estados Unidos estariam 1.245.000 e na Itália 120.000 brasileiros.

O diplomata explica a forma como tais dados oficiais do MRE são obtidos, os quais são, ainda hoje, a única fonte do Governo, Congresso e pesquisadores:

A base de tais estatísticas é o levantamento realizado periodicamente pelo Ministério das Relações Exteriores, que pede às repartições da sua rede consular que informem o número de nacionais brasileiros em sua jurisdição, acrescentando ao número de residentes regulares, obtido das autoridades locais, a estimativa do universo de irregulares (...) A primeira cifra é, naturalmente, precisa, e a segunda, hipotética em grau que pode em algumas jurisdições configurar elevada imprecisão (Maia, 2009: 31-32).

A transferência de renda através das remessas realizadas por estes migrantes a seus familiares é de valor considerável. América Latina e o Caribe receberam em 2006 US\$ 62 bilhões e em 2007 US\$ 66,5 bilhões (Schweizer, 2009: 280). Mesmo não contabilizando a remessa de bens como eletrônicos, por exemplo, e apesar da crise econômica, o valor das remessas para a região é ainda muito importante e supera “o total combinado de investimento estrangeiro direto e ajuda exterior para a região” (*Ibid*: 280). No Brasil fica apenas atrás do México em valores de remessa anuais, “tendo recebido US\$ 7,1 bilhões em remessas durante o ano de 2007” (*Ibid*: 281). Para se ter uma ideia do volume dessas remessas e a importância para a economia brasileira, isso representa 175% do que foi

recebido via turismo em 2004 (*Ibid*: 282). Assim como, no mesmo ano de 2007 as remessas representaram 62,7% do valor recebido pelo Brasil pela exportação de soja, principal produto agrícola brasileiro, que foi de US\$ 11.323 bilhões (Abiove, 2011).

No Córrego D'Antas, apesar das dificuldades encontradas neste início de século, retiradas as remessas para a manutenção da família e sua própria manutenção no exterior, com exceção de Laércio que explicarei em sua trajetória, cada um dos que retornaram ao Brasil não o fizeram sem somar valores às suas economias. Aqueles que permaneceram mais tempo nos Estados Unidos trabalharam por lá por volta de cinco anos e retornaram ao Brasil com uma média de cem mil reais livres, somadas as economias ganhas no exterior e com o café no Brasil.

A migração especificamente feminina tem também grande importância nesse fluxo financeiro de remessas para o Brasil e são “parte de uma estratégia familiar” (Piscitelli, 2007: 723). Segundo Piscitelli, no contexto migratório para a Itália,

as garotas, quase todas filhas de famílias numerosas (com seis ou sete irmãos), oferecem recursos para as famílias, às quais enviam dinheiro com regularidade: mensalidades entre € 100 € 300, destinadas ao pagamento de contas fixas, além de remessas extraordinárias para compra e/ou reforma de casas, tratamentos médicos, cirurgias, material escolar, enxovais para recém-nascidos (Piscitelli, 2007: 723)

Deve-se ainda considerar as dificuldades pelas quais passam estas e estes migrantes para garantir essas remessas, em especial na Itália onde a recusa e os maus tratos aos imigrantes não são sequer velados. Os imigrantes do Córrego D'Antas, por exemplo, passaram por situações de humilhação e condições de trabalho desumanas. A Itália e os italianos nunca viram com bons olhos o fenômeno da imigração. A visão corrente no país é a de que não precisam receber migrantes e estes, desta forma, deveriam ser evitados. Mesmo assim, o fluxo de imigrantes na Itália é intenso e o país recebeu nos últimos 25 anos 2,6 milhões de imigrantes (Tedesco, 2007: 92). Desta forma, e com as políticas restritivas de imigração, na Itália esta é vista como “causa da crise social e do medo coletivo; diversidade é vista com hostilidade, (e estas) fazem ver a imigração como patologia, como problema” (*Ibid*: 97).

Principalmente os imigrantes clandestinos, ou ilegais, são aqueles que são mais temidos e mal vistos pelos italianos. Estes são tidos como invasores, no sentido corrente na Itália de “pericolo immigrazione” (*Ibid*: 94). Neste se inclui o medo da criminalidade, do estilo de vida desregrado, “sujeira, bebedeira, pobreza, hábitos alimentares estranhos” e outros (*Ibid*: 94). Tal é o medo italiano da imigração que esta chega a ser citada como uma nova ameaça do século XXI, ao lado das máfias e do terrorismo. “O estigma da imigração produz, além de uma série de imagens, representações, simbologias, ações de estranhamento e racismo” (*Ibid*: 94).

Mesmo no caso da dupla cidadania, atrás da qual foram os migrantes do Córrego D’Antas, garantida pela legislação italiana, segundo Tedesco (2007: 96), este seria apenas um “*familismo legal*”, sem qualquer tipo de identificação ou “integração cultural e política” na sociedade italiana para o imigrante. Para ele, esta “é apenas uma oportunidade instrumental para o mundo do trabalho, para passagens para outros países de mercado de trabalho promissor”. Tal processo é corrente entre brasileiros descendentes de italianos e envolveu também os migrantes do Córrego D’Antas, os quais seguiram tal percurso da cidadania ao passaporte italiano e nem um dia a mais na Italia, dali seguiram direto para os Estados Unidos.

Tal visão corrente na Itália acerca dos imigrantes tem como fonte alimentadora as próprias políticas restritivas criadas pelo governo para lidar com o fenômeno (que para eles é problema) da migração. “O país jogou sobre os estrangeiros a culpa pela incapacidade de afrontar os fenômenos migratórios, criando com isso uma barreira política, uma imagem do clandestino e/ou clandestinizado, do extra-comunitário profundamente negativa” (*Ibid*: 97).

Outro ponto importante acerca das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes é observado por Assis (2002: 64): o desequilíbrio da situação vivida pelo migrante no exterior logo após sua chegada. A autora entende a chegada a qual é acompanhada de dificuldades e estranhamentos, a qual explica com a seguinte frase de um de seus interlocutores: “*Agente só sabe o que é a América quando chega lá*”. Situação esta vivida e explicitada pelos migrantes do Córrego D’Antas, segundo os quais, esse é o momento decisivo para permanecer no exterior ou desistir e voltar. No entanto, como afirmam, não é

possível voltar para o Brasil com as dívidas adquiridas para custear a viagem e sem ter conquistado ao menos parte daquilo que foi planejado em família.

Para solucionar esta situação há, para Assis, a procura incessante por uma solução. Ou seja, procuram-se modos de solucionar os problemas e manter o plano inicial. Estratégia esta que inclui também o planejamento da volta. Encontramos soluções diversas entre os migrantes do Córrego D'Antas, da volta antes do previsto com alguma quantia em economia, mesmo que muito menos que o planejado, até a permanência insistente daqueles que até fome chegaram a passar. Ao contarem suas histórias dos dias que passavam se alimentando apenas com uma banana e uma maçã evidenciam também o que lhes impediam de voltar para o Brasil: suas famílias. Isto porque, a migração não é um plano individual, mas coletivo, da família. Além do que, para viabilizar a viagem foi preciso abrir mão da estabilidade da família em seu sítio e submeter todos ao novo modelo de vivência, da família transnacional. A isso se soma as dívidas da viagem, pois todos tiveram que pegar dinheiro emprestado para custear as despesas, alguns com parentes e outros com bancos e agiotas. Portanto, era impensável o retorno sem cumprir o mínimo do planejado, superar as dificuldades, saldar as dívidas e melhorar a vida de suas famílias.

No entanto, nem todos os fatores adversos poderiam ser superados por eles. A crise que dava sinais no início dos anos 2000 foi aos poucos se agravando e as remessas para o Brasil começaram a diminuir. Segundo Elisa Sasaki (2010: 385), a América Latina teria em 2009 uma redução de 69,2 bilhões de dólares recebidos em 2008 para 62 bilhões naquele ano. “2007 foi o primeiro ano em que se verificou redução no volume total de remessas recebidas pelo Brasil, havendo apresentado uma redução de 4%” em comparação com 2006 (Shweizer, 2009: 283).

Neste mesmo período os emigrados do Córrego D'Antas, Branco, Preto e Laércio, retornaram ao Brasil, e Agnaldo já havia retornado anos antes. Os efeitos da crise atingiram todo o mundo. Dados de Sasaki sobre o Japão demonstram um grande fluxo de retorno ao Brasil provocado pela crise. “A vaga estimativa é de que dentre 320 mil, cerca de 50 mil brasileiros estejam conseguindo retornar ao país de origem”.

Além deste fator da crise econômica mundial há outros fatores que impulsionam o retorno dos brasileiros. No Córrego D'Antas, em todas as entrevistas foi mencionado com certa ênfase o termo “escravo” em um país estrangeiro Estes, poucas vezes teriam sido tratados como iguais, principalmente em seus ambientes de trabalho. Podemos pensar esse fato através do que Feldman-Bianco (2010: 297) analisa como uma situação migratória marcada por um “processo seletivo enraizado em significados e práticas estigmatizadas em termos de classe, gênero e raça”. Isso começaria já na barragem de muitos na alfândega. Mas não se encerra aí, segundo ela, “caracterizações pejorativas (...) exacerbam a imagem do Brasil como país exótico (...), trazendo à tona a importância de se relacionar essas imagens com o processo de incorporação e exclusão de imigrantes brasileiros” (*Ibid*: 297).

No entanto, sob qualquer adversidade o imigrante não pode fraquejar, está impedido de desistir, pois o projeto envolve, não só o sujeito migrante, mas também toda família. Assis (2002: 11) afirma que “a história da imigração não é apenas daqueles que partiram, mas também daqueles que ficaram”. Isto porque, tão importante como pensar a vida daqueles que deixaram seu país em busca de trabalho no exterior é pensar também a vida daqueles que ficaram, de sua família. Por isso, a autora busca desvendar em seu trabalho “o impacto desse movimento nas relações familiares e afetivas para os emigrantes e suas famílias” (*Ibid*: 15) Este é também o intuito do artigo de Igor Machado (2010) que analisa a reordenação das noções de parentesco e a conectividade entre o migrante e sua família, inclusive no que se refere às remessas de dinheiro para os familiares no país de origem. Essa remessa é compreendida pelo autor como elemento econômico, mas também simbólico, mantenedor de vínculos de reciprocidade no interior da casa migrante, que compreende tanto a família no país de origem quanto o migrante no exterior. Desta forma, Igor Machado (*Ibid*: 8) observa a importância do estudo “da casa e da família” migrante para se “compreender os processos de reprodução social. Afirma ele que

Através da família transnacional, é possível identificar uma morfologia social e sua reprodução dentro do transnacionalismo até então não percebidas. Essa morfologia, porém, é mutável e pode adquirir as mais variadas formas, de acordo com outras variáveis, como o envio de remessas, estratégias específicas, etc (IBID: 8).

A migração, como planejada, é, muitas vezes, um projeto familiar temporário. Aquele que o faz objetiva a angariação de certa quantia de dinheiro suficiente para melhorar as condições de vida de seus familiares. Desta forma, a viagem de um membro da família envolve toda família num projeto que não é simplesmente individual do próprio migrante. Como analisa Assis (2002: 51) acerca do contexto de Governador Valadares:

Esta migração temporária de homens e mulheres envolve as famílias neste processo, na medida em que o sonho destes migrantes é juntar dinheiro na América para retornar ao Brasil, contando com a família para cuidar dos filhos, dos negócios, da vida que fica por aqui. Neste sentido, o projeto torna-se familiar, afetivo e econômico, envolvendo até aqueles que não migraram.

Da mesma forma a rede transnacional se forma entre mulheres migrantes brasileiras e as pessoas do local de origem, o que tem ainda uma outra função: a de fomentar a migração daqueles que ficaram, como afirma Adriana Piscitelli (2007:723-724):

Os projetos migratórios são fomentados pelo aparente sucesso de outras garotas que, após terem migrado, continuam mantendo estreitos laços com o local de origem. As redes femininas de amigas operam estimulando sonhos de partir, oferecendo um (relativo) amparo na inserção no contexto, e, estendendo-se por várias cidades da Itália e de outros países europeus, proporcionam informações sobre a integração no país e elementos de comparação para avaliar os melhores destinos possíveis.

Mesmo se tratando de um contexto migratório totalmente diverso, há o paralelo de que foi exatamente o fomento daqueles do Córrego D'Antas que primeiro migraram para a Itália que foi decisivo para que outros tomassem o mesmo rumo. O vínculo daqueles que migraram para o exterior e sua família e amigos nunca foi quebrado. A narrativas daqueles "pioneiros" alimentou os sonhos dos demais: o sonho de conseguir melhores condições de vida para a família e, no que é especialmente importante para nossa pesquisa, o sonho de uma economia no exterior suficiente para comprar suas próprias terras de café no Córrego D'Antas.

Sendo assim, um estudo acerca das estratégias de reprodução das famílias de cafeicultores do Córrego D'Antas que optaram pela migração não seria possível considerando apenas fatores macroeconômicos. Isso porque, as famílias com as quais trabalhamos nesta pesquisa realizaram um processo migratório de imigração e retorno, englobando um itinerário completo de reprodução que podemos compreender através da

análise de suas experiências no exterior, dos elementos simbólicos presentes em suas trajetórias de composição e reprodução da casa e da família. Portanto, nosso estudo que visa compreender a lógica de representação, ressignificação e reordenamento do Córrego D'Antas a partir do movimento migratório deve atentar para a forma como a família destes, o que o inclui o próprio agente migrante enquanto família transnacional, viveu, se relacionou e organizou sua reprodução durante esse período. Assim como as representações da vida em movimento, da vida em seus deslocamentos.

No entanto, ao contrário dos estudos comumente realizados sobre a migração, o processo a que nos referimos no presente trabalho refere-se a um movimento ocorrido num ciclo de cinco anos, entre 2004 e 2009. Ou seja, falamos aqui de eventos de um passado recente, não estávamos, enquanto etnógrafos presentes na ocasião do evento. Porém, isso não inviabiliza nosso estudo. Posto que, a noção de trajetórias traz consigo a possibilidade do estudo antropológico de períodos passados através da memória e das narrativas das experiências dos agentes do processo. Neste caso, a trajetória de famílias que pelo período de dois anos até uma década viveram na condição de famílias transnacionais. Famílias que, findo esse período, retornaram à condição de famílias rurais, pequenos produtores de café. Ou, mais que isso, reproduziram sua condição através dos recursos obtidos no movimento migratório. Um misto de reprodução e transformação ocorrido ao longo de uma década que só pode ser apreendido na forma de trajetória.

1.2. Debate acerca de trajetórias, experiências e narrativas

No Córrego D'Antas, como vimos, encontra-se uma intensa mobilidade espacial. Há deslocamentos entre a área urbana e rural e também migrações temporárias para outros estados e o que mais chama a atenção para esta pesquisa: a migração de três chefes de família para o exterior e, mais do que isso, seu retorno ao Brasil. Desta forma, há um processo simultâneo de mudança, transformação da vida e ao mesmo tempo reprodução da pequena propriedade rural. Para compreender esse processo faz-se importante investigar as transformações ocorridas nas vidas destas pessoas, em uma abordagem que privilegie as experiências destas pessoas no tempo e no espaço. Para isso, a abordagem deste processo ocorrerá a partir das narrativas de tais experiências. Reconstituiremos, portanto, as trajetórias destes migrantes que, no sentido dado por Kofes (2001: 22), não será uma biografia, cheia de detalhes, mas uma trajetória com a experiência da vida no tempo e no espaço.

As narrativas dos migrantes foram também para Glaucia Assis (2002) base metodológica para a apreensão das experiências no exterior, para alcançar o que denominou de “subjetividade do processo migratório”. A busca por essa subjetividade nos interessa, pois, a trajetória de nossos interlocutores em busca de recursos para a reprodução de suas terras e famílias envolve mais que qualquer outra coisa o que Assis descreve como “os sentimentos dos emigrantes e suas famílias: a esperança quando da partida, as decepções e dificuldades de adaptação à nova terra, a saudade, o trabalho, suas relações afetivas, o desejo de volta” (*Ibid*: 13). É justamente esta subjetividade que buscamos na análise destas trajetórias, das experiências do migrante e sua família.

Para alcançar tal subjetividade, Assis escolheu como material privilegiado as cartas destes migrantes. As cartas, segundo ela, podem revelar a intimidade do migrante e sua família, “seus projetos, decepções alegrias e tristezas” (*Ibid*: 13). A vida em um país, uma cultura diferente, como afirma, também é retratada nas cartas: o contato com “costumes, normas e valores diferentes” (*Ibid*: 14). Infelizmente, nos últimos 10 anos, período em que nossos interlocutores realizaram suas viagens ao exterior, os e-mails, telefones e

comunicadores instantâneos, substituíram as cartas. Por não deixarem registros, pouco sobrou que possa ser analisado da comunicação entre as famílias e os migrantes. No entanto, as experiências estão vivas nos relatos, nas narrativas, de todos eles e é exatamente essa nossa principal fonte.

Desta forma, esse trabalho tem por base a compreensão de um processo migratório e de reprodução da pequena propriedade rural a partir das trajetórias, das experiências, das narrativas de nossos interlocutores. Para compreender as bases sobre as quais trabalhamos tais conceitos, centrais nesta pesquisa, torna-se imprescindível iniciarmos algumas reflexões acerca dos mesmos.

Giovanni Levi (2002: 167) inicia um ensaio sobre biografias com uma citação de Raymond Queneau em que diz: “‘houve épocas em que se podia narrar a vida de um homem abstraindo-se de qualquer fato histórico’. Também poder-se-ia dizer que houve épocas – talvez mais próximas – em que era possível relatar um fato histórico abstraindo-se de qualquer destino individual”. Para o autor, “vivemos hoje em uma fase intermediária”, ou, podemos ir além, e dizer que vivemos a superação dessa dicotomia. O que a constatação de Levi revela é que a oposição indivíduo e sociedade levou a História, e incluiu também a Sociologia, à escolha entre um destes dois extremos. No mais das vezes pesquisas marxistas ortodoxas, que viam apenas as estruturas do modo de produção, ou braudelianas, em histórias de longa duração, não atentavam para o papel do indivíduo, ou como este participa do processo histórico. Thompson já atentava para este problema em sua crítica à Althusser. Este teria excluído da história todo conteúdo da experiência humana, de pessoas “que experimentam suas situações e relações produtivas (...) (e) em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura” (1981: 182).

Como contribuição metodológica às nossas reflexões o trabalho de Heloísa Pontes (1996) nos propõe considerar em uma trajetória de um grupo a forma como os indivíduos experienciam os contextos e transformações sociais. Assim como, Mauro Almeida (2004), também trabalhou com a trajetória de três indivíduos para traçar um processo mais amplo. Ou seja, como afirma Suely Kofes (1998), as histórias de vida tornam-se importantes na “reconstrução de um processo sócio-cultural”, ou seja, na possibilidade de compreensão de “interpretações individuais de experiências sociais”. É desta forma que poderemos

compreender um processo de reprodução de famílias e pequenas propriedades rurais que envolve mais que o sentido econômico da compra e recompra de terras de café, mas a vida destas pessoas, suas experiências são parte indissolúvel do processo, sem as quais esse não pode ser compreendido com clareza.

No entanto, é importante pensarmos como utilizarmos tal abordagem, isto é, devemos considerar as discussões teóricas realizadas sobre o assunto e compreender a crítica que Bourdieu faz às histórias de vida. Isto porque, a noção de trajetórias tem como base inicial a crítica de Bourdieu à forma como as histórias de vida foram, por muitos pesquisadores, pensadas e utilizadas nas ciências sociais. Estas são, portanto, o mote principal da crítica de Bourdieu à prática biográfica. Para ele, ao considerar as histórias de vida estaríamos aceitando que a vida é uma história no sentido dado pelo senso comum, o sentido de linearidade. Em suas palavras:

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história (...) uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual (...) É exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (...) seus ardis, até mesmo emboscadas (...), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional ('a mobilidade') que tem um começo ('uma estreia na vida') e um fim, no duplo sentido, de um termino e uma finalidade (...) um fim da história (Bourdieu, 2002:183).

Ao narrar uma trajetória, o autor também assume o papel de narrador e utiliza de habilidades literárias com a finalidade de contar uma história. É a narrativa do historiador e do antropólogo/etnógrafo que retira os dados de um ambiente anacrônico e lhe confere sentido textual. Desta forma, não é possível uma etnografia de uma trajetória sem uma narrativa que lhe dê sentido. O que ocorre tanto na narrativa do entrevistado quanto na construção do texto pelo autor/pesquisador.

Acerca desta construção narrativa Giovanni Levi (2002: 169) afirma (sobre os historiadores, mas extensivo aqui a antropólogos e sociólogos) que “nosso fascínio de arquivistas pelas descrições impossíveis (...) reascendeu o debate sobre as técnicas argumentativas e sobre o modo pelo qual a pesquisa se transforma em ato de comunicação por um intermédio de um texto escrito”. Desta forma, a “falta de fontes”, como ele afirma,

e mesmo a falta de sentido (direção), como defende Bourdieu, não impedem que se conte a história de um indivíduo. E mesmo a solução da trajetória como proposta por Bourdieu à falta de sentido linear da vida não escapa da obrigatoriedade de uma narrativa que reconstitua a trajetória num sentido temporal. Como na leitura que faz Kofes (2001: 126): “O tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo e (...) a narrativa torna-se significativa na medida em que esboça traços da experiência temporal”. É certo que não se pode cair na armadilha de procurar um sentido ou ordenamento inerente à vida e à vida como narrada. A vida sem dúvida não é uma dissertação, com começo, meio e fim coerentes; não há na vida introdução, desenvolvimento linear e conclusão. Mas ao mesmo tempo é certo, como afirma Suely Kofes (2001: 23), que é impossível a “apreensão da vida sem o contar da história”.

No entanto, Giovanni Levi (2002: 169) não nega uma distorção da busca por sentido em parte dos pesquisadores:

seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas (...) Nesse sentido, Pierre Bourdieu falou acertadamente de “ilusão biográfica”, considerando que era indispensável reconstruir o contexto, a ‘superfície social’ em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada instante

Para isso, a análise de Bourdieu (2002: 189) “conduz à construção da noção de *trajetória* como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando o sujeito incessantemente em transformações”.

O ponto a que Bourdieu quer chegar é a crítica metodológica ao conhecimento que parte das sensações singulares dos sujeitos (...) A noção de trajetória (...) permitiria deslocar-se do sujeito e situar acontecimentos biográficos em alocações e deslocamentos no espaço social (Kofes, 2001: 24).

Porém, como afirma Kofes (2001: 24), a crítica de Bourdieu, que procura enfrentar dicotomias como “objetividade e subjetividade; sujeito e estrutura”, acabaria caindo “na mesma armadilha de enfrentar tais oposições, afastando um de seus termos”. Como afirmei no início deste item, tais oposições devem ser superadas. Como, para Kofes (*idem*), as “marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações e as suas existências (...) não estão incorporadas na noção de agente social”.

Porém, isso não significa abandonar a noção de trajetórias, como defende Kofes (2001, 24-25):

Evidentemente, se falarmos de trajetórias, ou de itinerário, estamos privilegiando o caminho, o percurso. Ela pode ser utilizada sem o traçado conceitual que lhe dá Bourdieu, sem que o sentido e a perspectiva subjetiva sejam necessariamente descartados”

Sendo assim, considero a noção de trajetória conforme a define Kofes (2001: 27), como “o processo de configuração de uma experiência social singular”. Ou seja, como na proposta metodológica de Kofes, busco aqui uma etnografia de experiências.

Como afirma Ricoeur (1991: 188) "a narração faz parte da vida antes de se exilar da vida na escrita". Para ele, a dimensão temporal da existência humana é indispensável para a compreensão da identidade pessoal, assim como, a interpretação do si está na narrativa, que por sua vez é temporal e é parte da vida. Portanto, uma trajetória deve estar subordinada à narrativa, é preciso narrar para se contar uma história. É importante pensar que sem a narrativa não há a transmissão da experiência, na forma como as compreendo a partir dos conceitos de experiência e narrativa em Walter Benjamin. Como afirma Kofes (2001: 13), “Se a Antropologia, ao longo de sua trajetória, elabora interpretações, explicações, teorias, também se constitui narrando as histórias ouvidas, escrevendo o oralmente contado”.

O que considero nessa etnografia de trajetórias é justamente o que é narrado e silenciado sobre a experiência do agente no tempo e no espaço. Pois as narrativas são constituídas tanto por histórias como por silêncios, o que é lembrado e o que é esquecido, o que é narrado e o que não pode ou não se consegue narrar. “A memória se constrói no jogo entre lembranças e esquecimentos e, no plano dos agentes, no embate entre o que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inarrável” (Kofes, 2001: 12). Assim ocorre com os silêncios das mulheres acompanhados algumas vezes por lágrimas e a dificuldade de homens e mulheres em narrar os momentos de dor que viveram por um período. No entanto, pode também se considerado uma forma de linguagem, tais silêncios são materiais riquíssimos se bem utilizados. Ao contar uma história a partir do que me foi narrado, faço uso das dificuldades em se narrar certas experiências e procuro transparecer assim o sentimento que subjaz aquela narrativa.

É justamente desta forma que penso a construção da trajetória destas três famílias do Córrego D'Antas: não uma história linear de suas vidas de sua decisão pela emigração à sua volta ao Brasil, num movimento de sentido teleológico. O que pretendo é a etnografia de suas experiências sobre as quais não há sentido algum de linearidade, mas histórias em desordem, sem continuum, uma série de espaços ocupados, uma série de experiências sem sentido de continuidade. Portanto, considero e parto das narrativas de suas *experiências*. Mas no sentido benjaminiano de *experiência*, oposto a *vivência*. Por isso mesmo, não apresento nesta dissertação biografias de indivíduos migrantes, mas trajetórias que envolvem uma série de atores. Uma experiência (no sentido de *Erfahrung*, de Benjamin) não uma vivência (*Erlebnis*), individual, solitária, do migrante em seu caminho, história de vida.

A história de vida, como a considero, afasta-se da pretensa linearidade presente na concepção do senso comum que produz a ilusão como descrita por Bourdieu: a ilusão de coerência, sequência, continuidade, ordem, a “ilusão biográfica”. As experiências como narradas por meus interlocutores durante as entrevistas não apresentavam qualquer ordenamento em linearidade, mas sim uma desordem de imagens de experiências. Privilegiei, portanto, as experiências, como defende Benjamin, como imagens do tempo histórico, “como se elas condensassem toda uma época em um pequeno cristal, a imagem viva da época em miniatura” (Kothe, 1985: 19). Sendo assim, nosso material não poderia ser outro que não as narrativas: únicas capazes de externar tal imagem.

Desta forma, é possível compreender que as narrativas etnográficas estão imbuídas das experiências individuais dos sujeitos da pesquisa. Estas estão presentes nos relatos dos interlocutores, que nada mais são que uma narrativa que articula as experiências individuais e o contexto geral como é compreendido pelo ator. Os próprios relatos, como afirma Kofes (1998: 84), são narrativas com uma ordem própria, além de conterem as próprias “informações, evocações e reflexões” do entrevistado acerca de suas experiências. Também Walter Benjamin, como afirma Jeanne Marie Gagnebin (1994) já afirmara que contar histórias, narrar, parte da própria experiência do narrador. Narrar, para ele, é a própria transmissão da experiência. Transmissão essa que, apesar de cada dia mais rara, como afirma Benjamin, deve ser estimulada nas entrevistas. A busca pela narração deve ser uma

construção “artesanal”, onde o narrador tenha tempo para contar. Contar, narrar é uma arte. A magia de tornar a experiência em história narrada, transmitida.

Neste trabalho, não considero, portanto, as trajetórias de meus interlocutores nem como sendo uma biografia modal, ilustrativa de “formas típicas de comportamento (...) características de um grupo” (Levi, 2004: 175), nem uma singularidade comportada no quadro explicativo do contexto. Muito menos essas trajetórias esclarecem o contexto ou são um mero desvio de um cálculo estatístico. As trajetórias destes grupos familiares nos apresentam um processo limiar entre a transformação e a reprodução destes grupos e de sua relação com o espaço. Processo esse que se encontra de forma eloquente nas trajetórias destas famílias.

2. No limiar: as trajetórias

2.1. As experiências migratórias

O que leva uma pessoa a deixar em outro continente, a quilômetros de distância, separados por um imenso oceano, uma família, esposa, filhos, amigos, uma vida, para aventurar-se em mundo desconhecido, repleto de incertezas? Para Agnaldo, Branco e Laércio acrescentamos ainda mais ao que, e a quem, ficou para trás, esperando pelo retorno: estes homens tinham, além da estabilidade de uma família, terra e trabalho. Todos trabalhavam nas terras de seus pais e como meeiros destes mantinham suas famílias. Têm casa própria e nesta nunca deixaram faltar nada, mais que isso, como plantam ao menos o milho, temperos, verduras, às vezes o feijão, abóbora e outros produtos, além de terem sempre um pomar, o alimento nunca foi problema para eles. Os filhos estudam e, quem pode, ajuda os pais em períodos de trabalho intenso como é a *panha* do café. Sendo assim, o que levou estas pessoas a traçarem suas trajetórias de migração? Certamente, não foi o mesmo que levou milhões de brasileiros para o exterior no período de grave crise no Brasil na década de 1980 e início dos anos de 1990. O que leva essas pessoas a escolherem este destino não é outra coisa senão um sonho. Sonho este tão comum aos brasileiros: o de “fazer a América”, de ganhar dinheiro no exterior, e esse exterior é por excelência os Estados Unidos, de melhorar de vida com os dólares que eram como o pote de ouro no fim do arco-íris, que pode bem representar a trajetória da migração.

Logo na primeira pergunta feita a Lércio, a resposta não foi outra: perguntado sobre o que lhe levou a decidir pela emigração este respondeu com apenas uma palavra: o *sonho*. O que há de especial na trajetória destas famílias é que o sonho comum a eles era o de retornar ao Brasil. Mas, pode se dizer: o que há de especial nisso, visto que o retorno faz parte dos planos e do sonho de tantos outros migrantes? O que há de especial neste sonho é o desejo de voltar à terra, ao trabalho com a terra, retornar à lavoura e, mais que isso, voltar com dinheiro suficiente para comprar a parte das terras da família que é de seus tios e assim garantir a reprodução da pequena propriedade de sua família, agora como único dono.

Como é o caso de Branco, que economizou cem mil reais, somando a colheita do café e o ganho nos Estados Unidos, e comprou parte das terras de sua família, faltando apenas a parte de um tio para completar a realização de seu sonho.

Para Agnaldo, o sonho era outro, mas não muito diferente: ele queria ganhar os mesmos cem mil reais e comprar ao menos dois alqueires do cafezal que décadas atrás havia pertencido a dois de seus tios e fora vendido à pessoas de fora da família. Ao contrário de Branco, este não conseguiu todo esse dinheiro no exterior. No entanto, retornou ao Brasil com o café de toda uma safra estocado e pronto para ser vendido. Essa economia e o pouco que trouxe do exterior, somados a venda de uma casa que havia construído na área urbana de Poços de Caldas, lhe garantiu a realização de seu sonho: comprou a terra que, mais de cinquenta anos após ter sido vendida pelos tios, voltava a ser propriedade de um membro da família Consolini. No caso de Laércio, este não teve tanta sorte, trabalhou e se dedicou ao máximo para colher os mesmos frutos de seus primos, mas ao retornar descobriu que tinha menos do que quando saiu para o exterior. Como ele mesmo afirmou, nessa viagem ele mais perdeu do que ganhou. Mas explicaremos o desfecho da trajetória migrante de Laércio ao longo do capítulo.

Ao longo das últimas duas décadas várias pessoas do Córrego D'Antas migraram para a Itália e os Estados Unidos. A começar pelos membros da família Barzagli, os primeiros seguirem o caminho para o exterior. No entanto, estes em nenhum momento de suas vidas trabalharam com o café, aproveitaram a descendência italiana conseguir a dupla cidadania e, assim, partir para os Estados Unidos. Por lá e alguns na Itália, construíram suas vidas e os que voltaram vivem e trabalham hoje fora do Córrego D'Antas. Depois destes outras pessoas do local arriscaram o mesmo caminho, seja da família Benelli ou Consolini. Dentre os últimos migrantes, quatro Consolini foram juntos para a Itália e posteriormente para os Estados Unidos: Preto, Branco, Laércio e Agnaldo. Destes, destaco a trajetória dos últimos três. Isto por que, a migração para estes três seria uma estratégia que possibilitaria a reprodução de suas pequenas propriedades rurais. Garantiria o investimento na lavoura de café, na qual trabalharam a vida toda e, em momento algum, pensaram em deixar.

A quantidade de herdeiros para pequenas propriedades como a da família Consolini é sempre motivo de preocupação. Seriam hoje, contabilizando apenas os filhos, herdeiros

diretos dos atuais proprietários, Oscalina, Ernesto e Celso Consolini, dezoito herdeiros para uma terra de quarenta e três hectares. Uma divisão como esta esfacelaria a terra em pedaços tão pequenos que seria impossível nela trabalharem e tirarem o sustento de cada família. Uma solução seria a venda da propriedade e a divisão do pagamento entre os herdeiros. Mas isso contraria a vontade dos próprios pais e dos herdeiros que ainda trabalham na terra. Muitos, portanto, distanciam-se da lavoura e seguem outro caminho, tomando o rumo da cidade.

Hoje, apenas seis herdeiros trabalham nas terras e inevitavelmente, pensam em como resolver a complicada situação da herança da propriedade. Mesmo que em respeito aos pais ou avós, que ainda estão vivos não se fale abertamente sobre o assunto, em entrevista estes expuseram a preocupação. Aos poucos aqueles que trabalham na terra vêm comprando a parte daqueles que nem mais estão na área rural. Isto porque, a escolha gira em torno de apenas duas opções: ou se compra a parte dos outros herdeiros ou se vende a sua. A renda proveniente do café não lhes garantiria a possibilidade de comprar a parte de todos os herdeiros. Isto visto que, um hectare de terra no Córrego D'Antas, a preço de mercado, vale por volta de vinte mil reais. Ou seja, para comprar dois alqueires, ou por volta de cinco hectares, da parte que pertence a outros herdeiros poderia custar até cem mil reais. E este foi exatamente objetivo destes quando saíram do Brasil. Voltar para cá com no mínimo cem mil reais “no bolso”.

Porém, antes destes quatro chefes de família tomarem tal decisão muitos no Córrego D'Antas já haviam seguido para o exterior e foram estes os principais incentivadores para os que ficaram tomassem o mesmo destino. Como foi afirmado, a terra não é suficiente para que todos nela trabalhem. Sendo assim, o caminho mais claro para os que não ficarão na terra é para a área urbana. O que surpreende é a opção de alguns por um caminho mais longo, o caminho rumo ao exterior, para a Itália e para os Estados Unidos. Vendo o sucesso de amigos e familiares no exterior, estes quatro primos (como se consideram), Wellington (Preto), Wedson (Branco), Agnaldo e Laércio (os dois primeiros são irmãos) decidiram que juntos tentariam o mesmo caminho, mas diferentemente dos demais, para estes o caminho não era só de ida, mas desde o início planejavam o retorno tão logo fosse possível, ou melhor, tão logo tivessem amealhado dinheiro suficiente para realizar seus sonhos.

No início deste século começaram, então, a pensar seriamente na possibilidade da emigração. A Itália como destino, num primeiro momento, sequer passou pela cabeça destas famílias e até então Agnaldo não se mostrava interessado na ideia dos primos. Laércio foi o primeiro a procurar uma forma de ir para os Estados Unidos. Antes de os demais demonstrarem interesse, este tentou o visto junto ao consulado norte-americano, mas como ocorre com a maioria, não obteve sucesso. Em seguida Branco e Preto demonstraram interesse e estes começaram a procurar juntos uma forma de atravessarem a fronteira. A primeira proposta para a migração veio de um dentre tantos “agentes” incentivadores da migração ilegal. Supostas agências de turismo, advogados e outros profissionais agenciam a entrada em países europeus e nos Estados Unidos, neste último a entrada se dá sempre pelo México e o perigoso deserto entre Sonora, no México, e Arizona, já em solo norte-americano. Ao mesmo tempo viam em telejornais um grande número de pessoas sendo deportadas dos Estados Unidos após terem sido apanhadas atravessando a fronteira ilegalmente. Entre tantas promessas dos agenciadores estava quase tudo pronto para a viagem quando o medo falou mais alto. Enfim, desistiram desta “excursão” por um dos desertos onde mais morrem pessoas no mundo.

Ainda na década de 1990 alguns membros da família Barzagli já haviam migrado para o exterior. Porém, não utilizaram o perigoso caminho do deserto. Estes souberam aproveitar a descendência italiana para obter a dupla cidadania e migraram direto para a Itália. Como foi dito já na introdução, as três famílias fundadoras do Córrego D’Antas descendem de imigrantes italianos aportados no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX. Mais especificamente, em 1898 chegaram os Consolini e os Benelli e em 1904 a família Barzagli. A legislação italiana garante a esses descendentes o direito de obter a cidadania italiana. Com a cidadania o imigrante pode obter o passaporte italiano e, desta forma, entrar pela porta frente nos Estados Unidos.

Quando estava tudo pronto para irmos pelo México, já estava tudo acertado com a agência, se bem que eu não sei se aquilo lá é agência, porque largava lá no deserto ao Deus dará, O Agnaldo resolveu e falou: _Se vocês quiserem ir pra Itália primeiro nós vamos juntos. Aí nós resolvemos os quatro e arrumamos os documentos aqui, com muito trabalho, e fomos (Laércio, 2011).

Com isso, Branco, Preto e Laércio abriram mão da arriscada tentativa de enfrentar o deserto e decidiram que iriam para a Itália. Com essa decisão Agnaldo juntou-se ao grupo e juntos estes enfrentaram toda burocracia para poderem partir e lá darem entrada no pedido de cidadania. Aprenderam antes o básico do Italiano, para poderem ir ao mercado ou pegar um ônibus e contrataram um advogado, que lhes prometia todo suporte e orientação na Itália até saírem os passaportes italianos. O caso não difere muito dos agenciadores da entrada nos Estados Unidos. Porém, neste caso, para a Itália, são advogados brasileiros que prometem, a custo de seus honorários, conseguir toda documentação necessária para a viagem assim como os documentos da cidadania e o passaporte ao final. Falsas promessas, muitas vezes, e, aproveitando-se da condição constrangedora do migrante em um país em que nem a língua consegue compreender, os engana por diversas vezes.

Advogado, advogado entre aspas. Eles falam advogado, é advogado aqui no Brasil, lá na Itália não é nada. Você chega lá tem os advogado pra te ajudar, mas são esses que judiam mais dos imigrantes. Porque eles falam que vão te ajudar e não te ajudam em nada. Eles tapeiam você, te enrolam, porque você não sabe falar a língua, você não conhece a cidade. Aí eles judiam de você, mas judiam mesmo (Laércio, 2011).

Com toda documentação em mãos, algum dinheiro que haviam pegado emprestado e algumas de suas economias partiram para a Itália no ano de 2004. O destino: Milão. Lá estavam alguns amigos e parentes e a oportunidade de conseguir a a cidadania, o passaporte e a sonhada “entrada” para o Estados Unidos. A intenção desde o início era ter toda documentação em mãos o mais rápido possível para poder ir para os Estados Unidos, mas as dificuldades foram aparecendo. Descobriram assim, que burocracia é burocracia em qualquer lugar do mundo: o tempo passava e a documentação não saía. A cada novo encontro com o advogado só o que recebiam era a retórica e as promessas de sempre. Cada um havia pago mil euros para esse advogado, mas frequentemente tinham que lhe dar mais dinheiro para poder pagar supostas taxas do governo italiano.

Ele só liga atrás de você e vai na tua casa atrás de dinheiro. Precisa tanto em tal lugar, precisa tanto em tal lugar. Precisa nada, era tudo mentira, é dinheiro pra eles mesmos. A gente não tinha, mas o que tinha teve que passar pra ele. Ele cobrou

nosso uns mil euros de cada um, só os honorário dele, ele não fez nada, mas era combinado tinha que pagar. O Branco, depois que tava nos Estados Unidos ainda teve que mandar dinheiro pra acabar de pagar (Agnaldo, 2011).

Ao chegarem na Itália o advogado que contrataram ainda no Brasil lhes indicou um apartamento para alugarem. O aluguel seria mil euros, pagaram dois mil euros, pois um seria como garantia de pagamento. Quando descobriram o esquema sujo do pretense advogado utilizando o endereço que haviam alugado. Quando saiu o documento de chamado na Itália de “*ospitalità*”, foi feita uma vistoria na casa por um agente do governo e descobriram que o advogado havia registrado, além deles, mais de vinte imigrantes no mesmo endereço e cobrado destes imigrantes o valor do aluguel. Ou seja, eles pagavam o advogado, pagavam o aluguel para o proprietário e o advogado teria um endereço fixo para registrar todos os seus “clientes”, cobrando por isso, é claro. Os documentos da cidadania, que já estavam atrasados, atrasariam ainda mais ou talvez não saíssem. Descobriram que eram “laranjas” em um esquema ilegal que passaria a envolver a partir de então a Polícia Federal italiana.

No apartamento em que residiam mal cabiam os quatro, no entanto, já havia mais de vinte *Permesso de Soggiorno* registrados no local. Havia alguns locais em Milão com mais de cinquenta registros de *Permesso Soggiorno*. Desta forma, este advogado precisava de outro local para realizar essa sua manobra ilegal. Não iria ele alugar o imóvel em seu nome. O que fez foi usar estes quatro brasileiros como laranjas em seu esquema. Os quatro alugaram o imóvel, pagaram o aluguel e o advogado utilizava o endereço para registrar outros imigrantes “clientes” seus, dos quais cobrava, além dos honorários, uma taxa de 500 euros para utilizarem o endereço do imóvel. Dia após dia mais pessoas apresentavam o mesmo endereço para solicitar o *Permesso Soggiorno*. Até que o caso foi para na Polícia Federal e os quatro imigrantes foram intimados a prestar esclarecimentos sobre o caso.

Para a Polícia eles seriam cúmplices do advogado e estariam recebendo dinheiro deste para registrarem pessoas em sua residência. O caso era sério, e o que dizia o policial é que poderiam todos serem presos naquele mesmo dia. Ele dizia, segundo conta Agnaldo:

A Polícia Federal falava pra ele (o advogado) assim: Como que você vem no meu país? Você não tem direito nenhum como advogado aqui no meu país. E ele falava bravo, de bater a mão na mesa.(E continuava)Você não tem direito algum de advoga aqui no meu país. Você é um ninguém no meu país. Como você vem aqui na Polícia Federal explicar as coisas pra gente, ensinar o que tem que ser feito de uma fraude que você fez (Agnaldo, 2011).

Mas a história pelas narrativas de Agnaldo, que esteve na delegacia com o advogado, são incompletas. Além de não compreender tudo que diziam em italiano, não presenciou toda a conversa. Ao final ele e o advogado foram embora e o discurso do advogado era de que havia convencido os policiais de que não havia nada de ilícito. Agora, se o convencimento se deu apenas através do elemento discursivo não se sabe.

Com quatro meses na Itália a Polícia Federal recolheu toda a documentação destes migrantes fazendo com que tivessem que começar do zero. O medo de um homem que “contornava a polícia federal” e do qual dependiam por ele ter em mãos tudo o que precisavam para obter a cidadania italiana, assim como a impossibilidade de falar a língua do país os deixou de mãos atadas. *Na aula de italiano você fala, aprende a falar alguma coisa, no que você chega lá você não sabe falar nem seu nome*, disse Agnaldo. Não tinham outra opção, sem dinheiro e sem trabalho, a não ser esperar que desta vez fosse feito o trabalho certo. Para contornar a situação, no que se refere a obtenção da cidadania, tiveram que alugar outro apartamento, pagar outro aluguel e para quem já não tinha dinheiro, a situação ficava ainda pior.

De qualquer forma, todos acostumados a trabalhar duro no Brasil, não seria dificuldade alguma para estes homens trabalhar em qualquer serviço que aparecesse e, assim, enquanto estavam esperando na Europa, ganhariam alguns Euros para somar às suas economias de dólar que fariam nos Estados Unidos. Trabalhariam, ganhariam, se houvesse trabalho para eles na Itália. O que eles não esperavam era encontrar um país em uma situação econômica que os fariam ter saudades do trabalho no Brasil. Logo nos primeiros dias perceberam que conseguir trabalho naquele país não seria tarefa fácil.

Esperavam eles que após um mês estariam com todos os documentos em mãos para partirem para os Estados Unidos. Mas, após oito dias já estavam ilegais no país. Entraram com o pedido de *Permesso de Soggiorno* (Permissão de residência), com a justificativa de que estavam aguardando os documentos da cidadania. Mas, entre o pedido e a permissão, ficaram ainda um mês como ilegais. Fato que dificultava ainda mais a procura por trabalho.

Impressionava aqueles migrantes o fato de verem que a própria população italiana nativa não tinha facilidade alguma. Ninguém era rico, todos estavam endividados e alguns dos que contrataram seus serviços, principalmente na construção civil, como no caso de Agnaldo, estavam em situação pior que a que tinham no Brasil. A mudança drástica na vida destes homens os assustou desde o início.

Se você precisa ir ao banheiro ninguém vai deixar você usar o banheiro, se quer um copo d'água dificilmente alguém vai lhe dar um copo d'água, agente não tem costume com isso né. Aqui por mais pobre que seja a pessoa ela te dá uma água te dá um café (Laércio, 2011).

Com exceção de Preto, que não trabalhava com o café, os outros três nunca haviam trabalhado de empregados, nunca haviam pago aluguel, trabalhavam e moravam nas terras da família. De uma hora para a outra se viram na situação de dividirem três cômodos, pagando aluguel e pedindo dia-a-dia um emprego para poderem trabalhar. Uma mudança drástica para quem sempre trabalhou no que era seu. E para piorar, nem mesmo conseguiam trabalho naquele país.

Era uma economia baseada na falsa riqueza prometida pelo crédito. Todo empreendimento que viam naquele país era realizado à custa de grande endividamento do empreendedor. Não demorou para perceberem que dinheiro não iam encontrar naquele país. “A situação deles era igual a nossa mesmo, era fazer para comer”, disse Branco. A solução era mesmo rezar para que os documentos que tanto esperavam saíssem o mais rápido possível para os tirarem daquela realidade difícil de acreditar.

Tão difícil quanto sobreviver em condições adversas em um país estrangeiro que passa por uma grave crise financeira, era ter em mente que mulher e filhos estavam no Brasil e dependiam do sucesso do empreendimento deles. Não podiam simplesmente voltar

atrás e abandonar o barco com tanto investimento feito na viagem. Também não podiam preocupar pessoas que de tão longe nada poderiam fazer por eles. No caso de Branco, o café manteve a família enquanto ele não conseguia trabalho por lá, isto é, quase o tempo todo que esteve por lá. Para Laércio, as economias do café também foram importantes para a manutenção da família, assim como os ganhos do trabalho da esposa. Já para Agnaldo, como conseguiu alguns trabalhos como pedreiro, pôde, ao custo de sua própria alimentação na Itália, alimentar sua família no Brasil, sem precisar utilizar o dinheiro do café.

Mas os trabalhos que Agnaldo conseguiu como pedreiro não lhe rendiam nem de longe o que precisava para sustentar a si, na Itália, e a família no Brasil. Teria que abrir mão de algo, teria que fazer uma escolha. A escolha foi por garantir o sustento e uma melhor condição de vida para sua família. Isso, a custo de sua própria condição de vida. Havia dias que ao sair para o trabalho levava consigo apenas um pão, uma banana e uma maçã, na volta, depois de 12 a 15 horas de trabalho, descobriu uma padaria que a fatia de bolo tinha um bom preço e essa era sua janta. As fotos de Agnaldo quando voltou da Itália para o Brasil são de um homem pálido e magro com cerca dez quilos a menos que quando saiu rumo à Itália.

Agnaldo foi para a Itália com 33 anos, mas desde muito jovem já fazia alguns trabalhos de pedreiro. Sabia uma profissão e foi essa profissão que lhe garantiu algum trabalho e a sobrevivência na Itália. Após vinte dias procurando por trabalho e vivendo com medo por estarem sem a permissão para permanecerem no país, Agnaldo, enfim, conseguiu um trabalho. No entanto, não era exatamente como pedreiro. A experiência no trabalho possibilitou que conseguisse algo na construção civil, mas para o trabalho mais pesado, de demolição, remoção de entulho, enfim, aquele trabalho que os pedreiros italianos não iriam fazer. A experiência vivida na Itália fez com que Agnaldo construísse um paralelo entre a sua vida naquele momento e a de migrantes no Brasil que presenciou tantas vezes na época de *panha* do café:

As pessoas chegavam aqui na panha sem roupa, sem lugar pra morar, não tinha um sabonete, uma toalha de banho, nada. Então que a gente fazia: a gente punha eles num quartinho, dava um básico, uma toalha, um sabonete. Aí quando eu me vi lá na

Itália, eu me vi como essa pessoa, a mesma coisa. Sair do que a gente tem aqui hoje, nada mais que isso nem menos, e cair numa esparrela dessa.

Para os demais que não conseguiam trabalho, conforme o tempo passava a situação piorava cada vez mais. O dinheiro que levaram do Brasil não daria para lhes manter o tempo necessário para conseguirem os documentos, já que a cada dia a burocracia atrasava mais e mais. Uma burocracia construída realmente para atrasar, pois os documentos que poderiam sair em um mês, saíram em um ano. Deliberadamente, afirmaram a esses migrantes que não iriam facilitar cidadania para imigrantes, num discurso que poderia ser resumido em “Itália para os italianos”. Toda burocracia era construída para dificultar a obtenção da cidadania e a remessa de dinheiro para fora do país e ouviram de um policial federal o seguinte:

Era um homem duns 50 anos, mas bruto, mas bruto mesmo, um cavalo de bruto. Ele falou: eu to aposentado, eu já to aposentado, mas eu trabalhei a minha vida toda e paguei meus impostos aqui na Itália. Vem um brasileiro aqui, fica aqui um ano numa firma, se torna um cidadão italiano e recebe os mesmos diretos que eu que vivi e de lucro pra Itália minha vida inteira. Por isso a gente dificulta (Agnaldo, 2011).

O advogado com suas promessas só era visto quando vinha lhes cobrar algum dinheiro, que seria para pagar taxas para o governo. Aos poucos, mesmo até mesmo o dinheiro para a comida foi lhes faltando. A alimentação como um todo na Itália já não era simples, a começar pela água, que devia ser comprada, pois a água que saía da torneira não se pode tomar, pois tem muito calcário, *uma água branca, quase igual leite, mas a gente tomava dela mesma*, disse Laércio. A vida na Itália ia de mal a pior para esses homens.

Para o jantar o alimento era apenas o macarrão, quando tinham ainda o macarrão em casa para cozinhar. Já no almoço tinham a ajuda de igrejas católicas que servem almoço aos imigrantes. Como estavam sem ter onde trabalhar, iam todos os dias almoçar na Igreja Duomo, em Milão, junto com milhares de imigrantes de diversos países. Há, segundo eles, diversas igrejas em Milão que oferecem o almoço para os imigrantes e esta seria a única refeição do dia para muitos deles que conheceram naqueles meses. Perguntado sobre o que

era servido nas igrejas a resposta de Laércio veio com risos: *macarrão*. Com muitos elogios e muito agradecimento para aqueles que os alimentaram por tanto tempo todos falaram muito bem da comida e das pessoas que lhes serviam. Além da comida, ofereciam ainda pão, dois ou três ovinhos de chocolate para a sobremesa e um litro de leite. O leite ainda lhes garantia um alimento para outras horas do dia.

Os refeitórios das igrejas que conheceram estavam sempre lotados. A enorme maioria era imigrante sem a documentação para a permanência no país, os chamados migrantes ilegais. No entanto, como puderam concluir pelas conversas que tiveram com eles, ao menos os brasileiros estão presos naquele país sem ter como voltar. Estes compraram a ilusão vendida por advogados e falsos agentes de viagem que afirmam que o sujeito tem condições legais de obter a cidadania italiana quando isso não é verdade. A história destas pessoas seria sempre a mesma e tem advogados e agenciadores sempre envolvidos. Sob o sonho que viajar para os Estados Unidos sem precisar atravessar a fronteira com o México estes pagam a esses enganadores que lhes prometem todo o apoio até a viagem para os Estados Unidos. No entanto, quando chegam na Itália, não tem ninguém lhes esperando como foi prometido, não há casa para morar como foi prometido, não mais advogado, agente ou dinheiro. Não têm direito a cidadania italiana e agora estão perdidos em um país estrangeiro. As igrejas são nesse momento a garantia de sobrevivência para essas pessoas as quais o erro foi comprar uma ilusão.

Tinha um senhor lá que a gente pôs o apelido nele de bicicletero, ele ficava rodando com uma bicicleta de baixo pra cima lá. Um senhorzinho já, na época tinha uns 50 ou 55 anos já. Esse homem sofria todo tipo de humilhação, ele sofria. Ele dormia nuns carro abandonados na rua, não arrumava serviço e até pra ele conseguir comer na igreja, porque todo mundo tinha uma carteirinha pra poder comer na igreja, e ele não conseguiu, porque nem documento ele não tinha. Então, era uma humilhação até pra ele conseguir comida. Ele comia porque as irmãs que servem na igreja esperava a hora que o povão tudo saia pegava um pouco lá e arrumava pra ele, dava pra ele comer, mas era humilhante aquilo, contou Laércio e completou em seguida: Tem muito homossexual brasileiro lá também, tem muito,

muito mesmo, são muito humilhados lá também, eles tratam na ponta do pé mesmo (Laércio, 2011).

Ao todo, ficaram oito meses na Itália e ao longo do tempo o desespero ia batendo mais forte. Cada um tinha levado consigo cerca de 6.000 reais, 1.600 euros, à época. Dinheiro que haviam levado não era mais suficiente para sua sobrevivência, o trabalho não aparecia e a documentação não saía. O aluguel da casa em que viviam em Milão lhes custava mil euros mensais, divididos entre os quatro, e ainda tinham outras despesas como com a alimentação. Assim, aos poucos o dinheiro ia se acabando. Agnaldo era o único que por já ter experiência com o trabalho de pedreiro no Brasil conseguia o mínimo de trabalho esporádico, o suficiente para sua sobrevivência com dificuldades e para ajudar os primos que ainda estavam desempregados. Para Branco, Laércio e Preto que não conseguiam trabalho na região de Milão, o que parecia ser uma solução apareceu após seis meses na Itália. Após meio ano em Milão, somados os dias de trabalho, estes não perfaziam quinze dias. Neste contexto, aceitaram um trabalho na colheita do tomate, “*pomodoro*”, na cidade de Foggia, no sul da Itália, pouco mais de oitocentos quilômetros de Milão.

Não demorou para perceberem que a experiência não seria das melhores. Em tempos de maior preocupação, parados em casa sem ter como trabalhar, andavam pela cidade em busca de cansar o próprio corpo para ao final do dia conseguirem dormir. Acostumados a trabalhar na roça, para Laércio e Branco, essa poderia ser uma ótima oportunidade de trabalho, já que até aquele momento só somavam prejuízo na viagem. Já para Preto, que há muito já não vivia ou trabalhava com o café da família, o trabalho certamente pesaria ainda mais. No entanto, medo de trabalho, nenhum deles tinha e aceitaram o desafio, aliás, não tinham também alternativa melhor, era isso ou o desemprego em Milão.

Branco, quando perguntado sobre como foi a experiência em Foggia, a resposta foi simples e seguida de um instante de reflexão: *_Sofremos demais*. Não seria para menos, a situação em que viviam e trabalhavam nesta fazenda pode muito bem ser comparada a trabalho escravo. Ficaram em uma casa junto com pessoas de outras nacionalidades. Casa na qual não havia água, não havia banheiro e nem energia elétrica. Para comer, levaram alguns mantimentos de Milão para a fazenda, no entanto, também não havia onde cozinhar.

Diz ele: “Casa? Era uma tapera que não tinha porta, não tinha vidro, não tinha nada”. Não bastasse a precariedade do alojamento, para ganhar quinze euros por dia precisavam trabalhar entre quatorze e quinze horas. De início, para convencê-los a aceitar o trabalho teria sido dito que ganhariam este valor por caixa de tomate colhida. A pensar por esse lado, o negócio parecia vantajoso para quem desde a infância colhe, esparrama, amontoa, seca e ensaca café todos os anos. A questão é que não lhes disseram qual era o tamanho destas caixas. Para encher uma caixa, eram necessárias vinte caixas menores, semelhantes as que são utilizadas no Brasil para carregar frutas e legumes.

Para colher uma caixa por dia, nós tinha que espernear. Não foi nada daquilo que a gente pensou. Já na segunda semana começamos a entrar em desespero. Nos não conseguíamos comer, saíamos de casa as cinco da manhã para trabalhar, chegava em casa oito e meia da noite. Pra você tomar um banho não tinha chuveiro, não tinha energia elétrica. Nós tomávamos banho, tinha uma cisterna e nós pegávamos água numa lata e a água era salgada, era salobra. A gente foi entrando em desespero, achava que ia morrer lá (Branco, 2011).

No final de quinze dias eles pediram para ir embora. A princípio, o patrão aceitou a saída deles sem problema, mas acertou com eles apenas o resultado o trabalho de uma semana, o que não era suficiente nem para pagarem as passagens de volta para Milão, que custava por volta de setenta a oitenta euros. Com isto, devia pensar o patrão eles deveriam trabalhar na colheita por mais algum tempo. Mas nada os seguraria lá por mais uma semana que fosse. Juntaram todo o dinheiro que cada um tinha e voltaram para Milão.

Figura 5 – Foto de Laércio, Preto e Branco nas plantações de tomate de Foggia - Itália



Fonte: Wellington Consolini (Branco)

Essa não foi a única, mas a mais extensa experiência de trabalho que tiveram na Itália. Antes disso, haviam conseguido um trabalho temporário, por uma semana e meia, na limpeza de galerias de esgoto. Afinal, os meses passavam e não conseguiam um trabalho sequer. Não estavam preocupados em escolher serviço, não tinham esse privilégio. Uma semana trabalhando nas galerias subterrâneas de esgoto se comparado ao que viveram em Foggia, como comentam, pode-se considerar uma experiência até mesmo tranquila. Porém, era mesmo um serviço temporário, após a limpeza, foram dispensados pela empresa.

Além disso, a dificuldade com a língua, o desconhecimento do funcionamento da legislação italiana e, é claro, o medo de serem deportados e perderem a oportunidade de conseguirem a cidadania italiana, os tornaram presas fáceis para aqueles que pretendiam ganhar algum dinheiro com a situação destes migrantes. Em uma destas situações, ao passarem pelo metrô de Milão alguns policiais os pararam e pediram os documentos, já sabendo que eram imigrantes. Neste momento, Agnaldo e Branco aceleraram o passo e não foram parados, mas Laércio e Preto foram parados e pressionados indevidamente por estes

policiais, visto que sua documentação para a permanência naquele país estava em dia. A ameaça, obviamente fazia referência àquilo que eles tinham mais medo de perderem: a cidadania. Com medo de que o andamento da documentação fosse prejudicado, pagaram o valor pedido pelos policiais. Estes pediam cento e cinquenta euros para liberarem cada um. Porém, não tinham esse dinheiro, como foi dito, estes ficaram desempregados quase todo o tempo que permaneceram na Itália. Pediram então para irem ao caixa do banco para sacar o dinheiro, encontraram com Agnaldo que lhes emprestou os trezentos euros, pagaram os policiais e só assim foram liberados.

Com todas as despesas e a dificuldade para conseguirem trabalho o dinheiro não teria como durar muito. Tiveram as despesas com a viagem, o advogado, que lhes sugava o máximo que podia a cada visita, alimentação, transporte interno, contas da casa e outras menores. Em oito meses na Itália o dinheiro já não era suficiente nem mesmo para a alimentação. Para piorar a situação, todos tinham deixado mulher e filhos no Brasil que precisavam de alguma forma se manterem.

O dinheiro ia acabando e a gente ia apavorando. A gente comia com o dinheiro que tinha levado daqui (do Brasil). Se eu falar que ganhamos dinheiro para comer lá, vou tá mentindo (...) eu sai de casa com seis mil euros, cheguei em casa (no Brasil) com dez reais na carteira. Em oito meses ... ganhei nada, ganhei nada (Branco, 2011).

O desejo de retorno logo tomou conta destes emigrantes, no entanto, apenas vontade não os faria chegar ao Brasil:

Aí meu primo fala assim: olha, o dia que eu ganhar quinhentos euros, mas eu quero sumir desse lugar. Eu ganhava oitenta, ele ganhava cinquenta por dia. Eu, de pedreiro, ganhava oitenta euros e tinha vezes deles ganharem trinta de servente. O dia que nós ganharmos um dinheiro eu quero sumir daqui. E foi memo. O dia que nós ganhamos, eles nem tinham o dinheiro completo, faltava um pouco. O dia que fomos comprar as passagens, eram quatrocentos euros. Não sei o que aconteceu lá, só sei que foram quinhentos e cinquenta euros. Aí eu até acabei pagando cento e

cinquenta euros pra cada um, pro Branco e o Preto pra eles irem embora. A hora que eles chegaram aqui eles me pagaram (Agnaldo, 2011).

Tal fato, gerou ainda uma identificação com a história vivida pelos avós quando da emigração da Itália para o Brasil. As dificuldades e o estranhamento no novo país levou Agnaldo a se ver como seus ascendentes nos idos anos do final do século XIX, como ele mesmo conta:

Então é nessa vida assim, coisa horrível. Deu pra sentir mais ou menos o que o vô passou pra chegar aqui. Só que ele não tinha jeito de ir embora, eles tiveram que topar, não teve como ir embora, mas se pudessem voltar, eles tinham voltado, tenho certeza (Agnaldo, 2011).

A intenção inicial, como foi dito, era de lá irem direto para os Estado Unidos, porém, com todos os problemas que enfrentaram, o advogado os enrolava, a documentação não saía, os trabalhos não apareciam e o dinheiro acabou. Após quatro meses, por conta do problema com a Polícia Federal, tiveram que dar entrada novamente no pedido de cidadania. Não tinham mais como sobreviver naquele país em condições tão adversas. A proposta veio do próprio advogado, quando estavam há cinco meses na Itália: voltariam para o Brasil e quando os documentos ficassem prontos ele os avisaria. O problema agora era outro: como voltar ao Brasil se não tinham dinheiro suficiente para pagar pelas passagens? Solução: tinham que de alguma forma conseguir quinhentos euros para poderem voltar ao Brasil. O trabalho na limpeza de esgoto lhes rendeu algumas centenas de euros que somados ao pouco que tinham dava perto de quatrocentos euros. Ainda não era o suficiente para custear a viagem de volta.

Algumas pessoas me diziam que era pra eu ficar mais, que depois que pega a cidadania melhora. Mas tenho parente lá que tá lá há dez anos e conseguiu fazer nada também (no sentido garantir uma economia e uma melhoria de vida). Faz pra viver lá, né. E não era essa minha intenção (Branco, 2011).

Por sorte, Agnaldo, o único que conseguiu algum trabalho naquele país como pedreiro, os emprestou o que faltava e puderam após oito meses de uma experiência complicada voltar ao Brasil. Laércio ficou na Itália mais um mês e meio, pois justo no

momento em que estavam para vir embora lhe apareceu uma oportunidade de trabalho. Os demais seguiram para o Brasil e pouco depois Laércio fez o mesmo. Porém, ainda com a esperança de que saíssem os documentos da cidadania italiana para poderem ir para os Estados Unidos. Deixaram por lá a documentação em andamento esperando que um dia lhes ligassem da Itália dizendo que estava pronta. Ainda mantinham vivo o sonho com o qual partiram para a Itália. Essa história ainda não tinha acabado.

Em fevereiro de 2005 receberam o esperado telefonema do advogado que ficara responsável por acompanhar o andamento da documentação na Itália. Os documentos estavam prontos e agora precisavam voltar à Itália para buscá-los. Em abril daquele mesmo ano, mais uma vez, fizeram o caminho rumo ao velho continente. Ao chegarem lá pegaram os documentos da cidadania e já deram entrada no pedido do passaporte. Em menos de duas semanas estavam com tudo pronto para, finalmente, viajarem para os Estados Unidos. Foram os quatro juntos, na companhia de alguns amigos do Córrego D'Antas que há algum tempo viviam na Itália e os quais os convenceram a irem juntos para a Itália.

Desembarcaram nos Estados Unidos no dia 19 de maio de 2005, quando já havia terminado o período de frio e era mais fácil para conseguirem trabalho. No aeroporto, eram esperados por amigos que já viviam por lá. Foram inicialmente morar com um tio de Branco, em White Plains, no estado de Nova York, cidade que abriga muitos poços-caldenses. Ainda perdidos e confusos por conta do fuso horário, foram para a casa onde iriam viver. Porém, não tiveram muito tempo para descansar, se estavam lá à busca de trabalho, ao contrário do que ocorreu na Itália, sem terem nem mesmo trocado a roupa da viagem por outra, saíram direto para o trabalho. Saíram realizados, pois viam que agora sim conseguiriam os sonhados dólares que foram buscar.

Logo cedo fomos trabalhar e trabalhamos até o dia de vir embora, disse Branco. Este e Laércio, durante o verão trabalhavam em uma empresa que restaurava fachadas de prédio e no inverno faziam serviços de carpintaria. O grande número de brasileiros e a rede de apoio mútuo nos Estados Unidos acabam funcionando como uma forma de recrutamento de trabalhadores. Aqueles que já estão nos Estados Unidos a mais tempo recebem os que chegam e lhes indicam para os trabalhos que estejam precisando. Em todos os casos os trabalhos conseguidos por esses migrantes foram através de outros brasileiros. A empresa

de carpintaria pertencia a um grupo de migrantes de Poço Fundo, também em Minas Gerais, e a empresa de restauração de fachadas de prédios pertencia a um migrante de Vitória, no Espírito Santo.

O trabalho era normalmente das sete da manhã as cinco da tarde, de segunda a sexta-feira. Na carpintaria o horário era um pouco mais difícil, pois constantemente tinham que fazer horas-extras (“overtime”). No entanto, era exatamente isso o que procuravam. Tinham passado por momentos de extrema dificuldade sem trabalho na Itália. Agora, quanto mais trabalho aparecesse, mais felizes e esperançosos ficavam. Isso porque, quanto mais rápido chegassem ao valor pretendido, mais rápido poderiam voltar ao Córrego D’Antas.

O sofrimento na Itália para conseguir os documentos e entrar nos Estados Unidos foi o incentivo para Branco, Preto e Laércio permanecerem por lá o máximo que pudessem. Agnaldo, após cinco meses nos Estados Unidos, voltou ao Córrego D’Antas com cerca de vinte mil dólares, sendo que já tinha em economia cinco mil euros que havia feito na Itália.

Para Agnaldo, por ter permanecido nos Estados Unidos por pouco tempo, este acabou tendo que rever a forma como compraria as terras que café que tinha em pretensão. Mas para Branco, a estratégia funcionou muito bem. Apesar dos percalços enfrentados na Itália os quatro anos nos Estados Unidos garantiu à sua família condições para comprarem as terras. Enquanto vivia na Itália, não tinha condições de enviar “um centavo que fosse” a sua família. Por sorte, como a safra do café varia conforme o ano, aquele de 2004 lhes garantiu renda suficiente para manter a família. Já nos Estados Unidos, a renda lhe era suficiente para manter a família sem precisar mexer no café colhido. Durante todo o período que esteve fora manteve também um empregado que cuidava da lavoura. Assim, mantinha ele próprio nos Estados Unidos, a família no Brasil e o empregado ao mesmo tempo que economizava algum valor no exterior e estocava o café. Ao retornar ao Brasil tinha em economia o que havia ganhado em dólares no exterior mais o café que estava estocado. O suficiente para comprar a terra com a qual sonhava quando deixou o Brasil e ainda comprar um trator, pois antes disso dividiam em seis pessoas o uso de um só trator de toda a família.

Para completar a compra lhe falta ainda a metade do que pertence a uma tia. Isso por que, toda a terra dos Consolini, os 43 hectares, pertencem na realidade a três pessoas mais velhas da família. Isso pode ser explicado da seguinte forma: a terra foi comprada por Cesare Consolini, este, migrante italiano já falecido, deixou 11 filhos. Destes, 3 permaneceram na terra e compraram a parte de direito do restante que deixou o local, afinal, 11 herdeiros era muito para aquela terra. Hoje, um destes herdeiros já faleceu e a parte que lhe pertencia é de sua esposa, Oscalina, conhecida no Bairro como Tia Oscá, avó de Branco e Preto. Tia Oscá tem cinco filhos, dos quais um é o pai de Branco, do qual já é herdeiro e outro é pai de Leandro, que faz uso dos direitos nas terras do pai, trabalha com o café da família. Portanto, sobrariam 2 herdeiros de Tia Oscá com direito nas terras, mas que não trabalham nelas. A parte de um deles Branco já comprou, agora falta a parte de uma tia, da qual ele pretende comprar metade e seu primo Leandro ou o pai dele deveriam comprar. Desta forma, ficariam cada um com três alqueires. Evitando, assim, a fragmentação das terras de herança de Tia Oscá. Embora, vale salientar, enquanto esta for viva as terras são reconhecidas por todos como sendo dela e Leandro e Branco, que nela trabalham, dividem o resultado do trabalho com a avó, e assim o fazem os demais herdeiros dos outros dois proprietários, Ernesto e Celso, como num contrato de meia. Todo esse complexo sistema de sucessão das terras pode ser melhor compreendido observando a genealogia da família, apresentada à página 11.

Para Laércio, a viagem teve consequências ainda piores. Um sujeito alegre que em todas as oportunidades de conversa que tivemos estava sempre com um sorriso no rosto ao lembrar do seu retorno ao Brasil abaixa a cabeça e diz: *No meu caso, não resolveu nada. Pelo contrário, eu mais perdi aqui do que ganhei lá.* E isso não é uma questão que possa ser calculada em valores monetários. Ao retornar ao Brasil, Laércio descobriu que sua vida já não era mais mesma. Sua esposa não vivia mais em sua casa, havia se mudado para a área urbana onde morava com as filhas. Ao voltar pra casa Laércio descobriu que havia perdido sua família. Não bastasse isso, nenhum centavo do que foi enviado durante os quatro anos de Estados Unidos existia no Brasil. Vale salientar que ele havia utilizado suas economias e ainda pegado emprestado certa quantia para ir para custear a viagem. Porém, ainda devia ter café estocado das colheitas que não vendeu. Deveria, mas não havia. Laércio deixou o primo e o irmão responsáveis por cuidar de seu café enquanto estivesse

fora. Para isso, daria a eles metade da colheita e enviava regularmente valores para a manutenção dos gastos com o cafezal. Não haviam cuidado de seu cafezal e os frutos estavam colhidos pela metade. Até mesmo o café lhe daria prejuízo.

Dos quatro, Laércio foi o que permaneceu mais tempo na Itália, tendo permanecido por lá um mês e meio a mais em sua primeira viagem com os demais e voltado para lá pouco antes dos outros três irem buscar seus documentos. Muito tempo para quem nunca havia dormido uma noite sequer fora do Córrego D'Antas.

Eu nasci nessa casa aqui (onde fazíamos a entrevista) pra ser mais exato eu nasci nesse quarto aqui, minha família foi tudo daqui. Minha mãe teve seis filhos nesse quarto aqui, não usava nem ir pro hospital na época. Daqui eu casei com vinte e seis anos e mudei pra uma casinha ali em frente, fiquei ali uns três quatro anos e voltei pra essa casa. Eu nunca tinha saído daqui. Aí, você chega é totalmente diferente, você fica perdido com tudo (Laércio, 2011).

A percepção da diferença de vida entre os países é explicitada por Laércio sempre que fala da vida no exterior. O contato com a alteridade que é a marca também da distância entre mundos que na percepção deste homem do campo, nascido, criado e que sempre trabalhou no sítio de sua família, que sempre conviveu com os amigos e parentes do Córrego D'Antas, é uma distância ainda maior que para aqueles que convivem com meios de comunicação que conectam o mundo. A distância física entre o Córrego D'Antas e o centro urbano é curta, apenas 12 quilômetros, mas sua vida estava fixada nos pés de café e nas ruas de terra de seu sítio. Com pouco estudo, Laércio não tem acesso a internet e a televisão não lhe agrada muito, aliás, não vi nenhuma em sua casa. Portanto, a distância entre seu modo de vida no campo e o modo de vida na área urbana era grande e a distância entre sua vida no campo e a vida numa metrópole, como Milão ou Nova York, era uma eternidade.

Você não tem noção. A gente aqui na roça é completamente diferente. Já é muito diferente da gente aqui na roça pro pessoal aqui de Poços. Já pro pessoal lá da capital já é muito mais difícil ainda. É muito diferente. Tem gente que fala: não tem diferença. Mas tem diferença. Você pega uma pessoa dali de Poços e vai lá em São

Paulo praticamente nem nota a diferença. Pega um de nós daqui e leva lá em São Paulo, é completamente diferente. Principalmente a nossa geração. A geração de hoje não, hoje é praticamente tudo igual, não tem muita diferença. A minha geração principalmente, eu fiz 50 anos agora, já é completamente diferente (Laércio, 2011).

O estranhamento foi a tal ponto que os olhos destes trabalhadores viram na Itália o que os olhos de milhares que turistas que por lá passam todo o tempo, em sua imensa maioria, é incapaz de perceber. Um de nossos interlocutores descreve a conversa com um amigo no qual o estranhamento, a la Brecht, fica evidente. Lembro Brecht nesta passagem, pois, a percepção de nosso interlocutor daqueles espaços construídos foi a percepção do trabalhador que não vê beleza na construção, mas sim o suor daquele que a construiu. Disse ele, que não vê beleza em tudo aquilo e completou: *eu não sei muito de cultura, mas não gosto nada do sofrimento dos outros*, e concluiu em seguida, *sei bem qual é o peso de uma lata de concreto*.

Se for pra você passear dá um passeio aqui dentro do Brasil, que é muito mais bonito, num tem história triste. Que depois que eu tava lá, minha cabeça mudou de mais na Itália, de ver aquelas construções imensas, aquelas coisas faraônicas e eu, como entendo de construção, ficava imaginando quanta gente morreu trabalhando naquilo! Morreu estourado! Com certeza! Lá na Itália morreu gente estourada de trabalhar que num deve ter quantia (Agnaldo, 2011).

Quando estavam todos prontos em Milão para a viagem de volta para o Brasil, Laércio conseguiu um trabalho com uma empresa de construção em Veneza. Foram exatos um mês e treze dias em Veneza com esperanças renovadas quanto a vida no velho continente. Trabalhava como ajudante de pedreiro e fazia as armações de ferro ou aço. Durante todo tempo que trabalhou em Veneza, morava em um contêiner que era instalado no local da obra. As condições de moradia não eram as melhores, mas comparado ao que viveram em Foggia Laércio estava achando ótimo. A alimentação não lhe faltava. Aos funcionários eram servidas boas refeições com macarrão, pão e vinho. Como ele conta aos risos:

Era a base: macarrão, vinho e pão. Eu no começo não tinha o costume e os olhos são maiores que o estomago, pra cada um quando vai almoçar eles trazem uma jarra com mais de um litro de vinho e eu não tinha costume, via aquele monte de vinho tomava, nos primeiros dias eu fiquei tontinho. Depois eu aprendi, tomava um copo ou meio copo só (Laércio, 2011).

Mas não recebia o que haviam combinado de lhe pagar percebeu que deveria retornar ao Brasil. Depois de um mês no Brasil a empresa enviou para ele o dinheiro que lhe devia pelo tempo de trabalho. No entanto, os meses que passou na Itália sem trabalho lhe custaram algumas dívidas:

O dinheiro que a gente levou era muito pouco, logo acabou. A sorte é que o Agnaldo trabalhava de pedreiro e chegando lá ele arrumou alguma coisa pra fazer. Aí ele foi ajudando, principalmente eu, ele ajudou o tempo inteiro. Quando recebi o dinheiro desse tempo que trabalhei na Itália eu repassei pra ele eu devia (Laercio, 2011).

Após dois meses no Brasil um dos patrões de Laércio na Itália mandou um recado através de um primo de Laércio para pedindo para que ele voltasse a trabalhar com eles. Fazia pouco tempo que estava no Brasil, mas a esposa, aproveitando que um primo seu iria naquele mês para a Itália também, resolveu tudo e o avisou: *a passagem está reservada e você tem que depositar o dinheiro até tal dia*, como conta Laércio. A passagem seria comprada por um preço mais barato, pois era uma cortesia dada a um funcionário de uma empresa de turismo que lhe venderia a um preço menor que o de mercado. Muito contrariado, depois de uma experiência complicada na Itália, Laércio aceitou voltar para a Itália e tentar mais uma vez. Mas já a viagem teve que viver uma nova aventura para conseguir chegar na Itália. Foram em três pessoas, ele e dois primos de sua esposa, que é Barzagli, uma das famílias que fundaram o Córrego D'Antas. Ao tentar embarcar no aeroporto foi impedido. Trezentas e sessenta e quatro pessoas embarcaram, o avião estava lotado e ele teve que ficar. A empresa aérea lhe levou para um hotel para embarcar no dia seguinte, mas sua mala foi para a Itália. O pior ainda seria depois de chegar à Itália:

Na hora, as poucas palavras que eu sabia do Italiano eu já tinha esquecido, o aeroporto de Milão ficava longe, na hora que eu desembarquei lá, aquele mundo de gente e eu falei: pra onde eu vou agora? Aí eu vi um pessoal entrando num ônibus, fiquei escutando pra ver se eu entendia alguma coisa, ouvi alguma coisa de Milão e montei naquele ônibus e cheguei em Milão (Agnaldo, 2011)

Com a humildade e simplicidade que lhes são marcas características conseguiu a simpatia de seus empregadores na Itália. Mesmo com os pagamentos que atrasavam, os valores que eram baixos e o trabalho pesado ele mantinha sempre certa alegria no rosto e conseguia ver positividade mesmo nos momentos mais difíceis. *Eles são duros, duros, frios demais*, disse ele. Um dos chefes, um italiano alto e muito forte que trabalhava apenas na base do grito, o qual todos os funcionários temiam, não aceitava outra pessoa para trabalhar com ele que não fosse o Laércio. Ao ponto de chamá-lo de amigo. Dizia ele ao chegar cedo no canteiro de obras: *Cadê meu amigo, quero trabalhar com meu amigo*. Mesmo quando era destrutado por qualquer italiano no trabalho os respeitava e voltava sempre ao trabalho. A explicação para tanto, não era apenas seu temperamento, mas sua capacidade de relativização. Laércio via no comportamento dos italianos não uma simples brutalidade, mas uma diferença que nós antropólogos classificaríamos como cultural. *Ele gritava comigo e outros falavam se eu não achava ruim, eu dizia não é o jeito dele*, contou Laércio. Laércio era capaz de um olhar relativizador mesmo em condições desfavoráveis, a tal ponto que via na diferença do modo de vida no Córrego D'Antas e na Itália o motivo para a forma como era tratado na Itália pelos patrões: *as vezes a gente fala: uh, mas o caboclo foi duro com a gente, se você pensar bem depois de uma certa experiência, ele não foi bruto, é o jeito dele de tratar*. Isso possibilitou sua adaptação ao trabalho na cidade de Veneza, onde ficou por dois meses antes de voltar ao Brasil e retornou para mais dois meses de trabalho antes de partir para os Estados Unidos. Quando saíram os documentos e estava tudo pronto para que pudesse partir para os Estados Unidos os patrões obviamente não queriam que partisse. Laércio com seu jeito humilde, trabalhador e sua capacidade de compreender a diferença havia conquistado a simpatia dos italianos.

Eu tinha feito muita amizade com eles. Era um pessoal muito bruto, uns italiano muito mal humorado. Não se eles foram com a minha cara ou de dó, sei lá, mas eu

fiz muita amizade com eles ... Eu era muito esperto, muito prestativo, o que precisava era pedir aqui e em um minuto eu já tava lá pra fazer. É isso que eles gostam, eles gostam de gritar com você e você já fez o que eles gritaram. No fim eles já nem gritavam mais (Laércio, 2011).

Em dois meses havia recebido dois mil euros trabalhando nessa construtora. Já em Milão com os documentos em mãos e o passaporte pronto Laércio conheceu um rapaz de Poço Fundo que iria para os Estados Unidos também. Porém, eram precisos mil euros para entrar nos Estados Unidos e ele não tinha esse valor. Laércio não pensou duas vezes e lhe emprestou o dinheiro. Algo que poderia parecer impensável, emprestar tanto dinheiro para um desconhecido, para Laércio não era nada de mais. E realmente ele teve problema para receber o dinheiro de volta, sem lhe cobrar juros. Com alguns dias nos Estados Unidos o rapaz o procurou e lhe pagou o que devia, afinal, ao contrário da Itália, ali em apenas três dias de trabalho já conseguiram recuperar o valor gasto com a viagem.

Nos Estados Unidos a situação de Laércio, como a dos demais, foi muito diferente do que encontraram na Itália, pois trabalho não lhes faltava ali. O que não mudou para Laércio, entre um país e outro, foi o seu temperamento que com a mesma humildade, simplicidade e vontade de trabalhar que demonstrou na Itália conquistou os empregadores também nos Estados Unidos. Estes chegaram a ligar para ele no Brasil para saber se não iria voltar para trabalhar com eles. Mas, é claro, havia uma enorme diferença: seus patrões eram brasileiros como ele. A invisibilidade do brasileiro na sociedade norte-americana não seria diferente com Laércio. Contatos naquele país, apenas com outros imigrantes brasileiros. A lógica é aparentemente simples: aqueles que estão no país há mais tempo e conquistaram a estabilidade, alguns tendo suas próprias empresas de prestação de serviços, empregam os compatriotas que chegam em busca de trabalho. Ou seja, o empregador ou intermediador para o trabalho do imigrante nos Estados Unidos é, quase sempre, outro imigrante.

Desta forma, se na Itália precisavam aprender um pouco da língua para poder lidar com os empregadores, nos Estados Unidos isso não foi necessário. Aprenderam termos básicos para o trabalhador imigrante, como “work” e “overtime”. Todas as pessoas com as quais conviveram eram imigrantes e muitas delas eram de Poços de Caldas ou desta região.

Até mesmo nos supermercados diziam ser não só atendidos apenas por brasileiros, pois pertenciam a brasileiros, como os produtos e sua disposição faziam com que pensassem que estavam no Brasil. Em quatro anos nos Estados Unidos tiveram pouco, ou quase nenhum, contato com um norte-americano.

Mas, de qualquer forma, mesmo tendo chegado ao país em um momento de crise financeira, ganhavam ali muito mais que poderiam ganhar no Brasil. Mas, como ficou demonstrando nos debates sobre migração internacional apresentados no capítulo anterior, a migração não é um projeto individual, mas sim um projeto familiar. Este envolve toda a família enquanto família transnacional ligada por vínculos em uma rede que é marcada pela remessa de recursos do migrante no exterior. Portanto, se essa rede não funcionar o projeto falha. Principalmente no caso daqueles que têm como plano, não a permanência no país estrangeiro, mas sim, o retorno com uma economia com a qual possa ascender de vida no país de origem. Isto é, enquanto o migrante trabalha para garantir as remessas, a família no Brasil deve se organizar para garantir uma economia mínima ao mês, uma poupança em longo prazo. Assim, quando o migrante atingir o valor planejado este poderá retornar e o projeto estará concluído.

O fato é que as famílias de Branco e Agnaldo, sob a presença marcante de suas esposas, Valdirene e Geane, respectivamente, tiveram um papel imprescindível para o sucesso do projeto. Durante o período em que os homens permaneceram na Itália e nos Estados Unidos, as mulheres cuidaram da casa, dos filhos, do café, que apesar de terem colocado funcionários para trabalharem na lavoura era preciso alguém para gerenciá-la e essas gerentes eram as mulheres, e ainda cuidaram das finanças da casa. Desta forma, a família transnacional configura-se como uma equipe na qual a falha de um implica na perda de todos. Falaremos mais sobre o papel destas mulheres no projeto das famílias no próximo capítulo, mas vale salientar aqui que a trajetória migrante nunca é uma trajetória solitária, mas congrega personagens tão importantes quanto aquele que se arriscou em outro país.

Sendo assim, no caso das família de Branco e Agnaldo, o projeto obteve sucesso, mesmo Agnaldo tendo permanecido pouco tempo no exterior. Já para Laércio, o mesmo não ocorreu. O motivo é aparentemente simples: a família no Brasil não participou do projeto. Como disse Laércio: *Se a família aqui não tiver juízo é pior ainda*. Em projetos

como o destas famílias, o que se ganha no exterior é enviado para as famílias no Brasil. O que será gasto e o que será poupado é acordado ou fica sob a responsabilidade da mulher, que é quem sabe dos gastos da casa. O migrante nesse caso, gerencia os seus gastos no exterior enquanto a mulher gerencia os gastos da família. E assim ocorreu com essas três famílias. O problema é que do dinheiro enviado por Laércio para a família no Brasil, nada foi poupado. O que contam as pessoas que viveram este período próximo a família de Laércio é que foi um período em que esta viveu com fartura e um pouco de exagero. Não apenas isso, mas, ao contrário do que ocorreu com seus primos, Laércio não tinha alguém que gerenciasse o trabalho na lavoura. Assim, quando retornou não tinha a poupança nem o café para vender. Ao contrário, tanto tempo de pouco cuidado com o cafezal lhe renderam muito trabalho e investimento para recuperar a lavoura para as próximas colheitas.

Eu perdi mais aqui do que eu ganhei lá. Eu perdi minha família. Também deixei um primo e um irmão pra cuidar do café e não cuidaram direito, deixaram tudo no mato, na colheita deixavam metade sem colher. Eu vim embora sem nada e cheguei aqui não tinha nada também e ela já tinha largado de mim. Eu tenho duas casas na cidade ela já tava morando lá. Eu tenho duas filhas. Quando eu fui moravam comigo. No tempo que eu tava lá, a mais velha foi morar com o namorado e mora até hoje. Ela tem vinte anos. A mais nova morava com ela, mas quando eu cheguei a mais nova veio embora pra morar comigo, tem dezesseis anos hoje (Laércio, 2011).

Para os três, a sequência da vida agora era a volta à casa, à vida rural, à lavoura do café. Com suas experiências de migrantes na bagagem e também com consideráveis mudanças na vida após os anos no exterior. Para Laércio, a volta significava o recomeço e reconstrução de tudo que havia perdido nos anos em que esteve fora. Para Agnaldo, Branco e suas famílias, a volta era também mudança, transformação, mas era também reprodução. Mudança nas suas vidas por toda experiência migratória e por voltarem donos de suas próprias terras, cada um tendo agora por volta de dois alqueires de lavoura de café a mais do que tinham quando saíram. Além do que, a terra em que trabalhavam antes era de seus pais e trabalhavam em meia com esses. Agora continuam no sistema de meia com os pais, mas tem também suas próprias terras de café. Mas, além da transformação, a volta destes

migrantes também representava reprodução: a reprodução de suas pequenas propriedades rurais familiares e a reprodução da vida no campo e na lavoura de café. Para Agnaldo o sonho estava realizado, pois comprou dois alqueires de terra de café que já pertenceram e voltam a pertencer a um Consolini. Para Branco, parte do seu sonho estava realizado, conseguira finalmente comprar a parte da terra que pertencia a um de seus tios. Não pôde, infelizmente, comprar tudo, pois estiveram nos Estados Unidos justamente no período de grande crise financeira vivida por aquele país. Mas já era o suficiente para voltar realizado para sua casa. Todo sofrimento vivido na Itália e os anos de trabalho duro nos Estados Unidos não tinham sido em vão, ambos conseguiram os objetivos. A terra que há um século era dos Consolini continuaria sendo e agora, aquela que já foi voltaria a ser. Com uma área maior de lavoura poderia agora garantir uma melhor condição de vida e a reprodução do sítio da família.

2.2. As experiências das mulheres no Brasil

A família transnacional é uma forma de reordenação da família que, tendo um de seus membros vivendo no exterior, longe de deixar de ser uma família, se reconfigura na transnacionalidade. Desta forma, o projeto migratório nunca pode ser compreendido somente como o projeto do sujeito migrante. Ele é sempre um projeto familiar, um projeto conjunto que envolve a vida da casa. Sendo assim, não é possível uma compreensão adequada das experiências destas famílias de migrantes com as quais estamos trabalhando se não considerarmos o papel das mulheres nesta trajetória, que não é uma trajetória solitária, individual, do migrante, mas envolve toda família. As mulheres do Córrego D'Antas tiveram um papel fundamental nos projetos migratórios. Da mesma forma, não só a vida do migrante revela novas experiências, mas também a vida da mulher que se vê sozinha, de um dia para o outro, responsável pela casa, pelos filhos, pelo sítio e pela economia doméstica. Não que ela já não o fizesse junto ao marido, mas, com a partida do esposo e pai, tudo passa a depender somente dela. Tanto quanto, a situação de uma família em saber das dificuldades e das péssimas condições em que viviam os homens no exterior sem poder ajudar fez parte do cotidiano dessas mulheres. Sendo assim as experiências delas são partes inseparáveis das trajetórias que pretendemos estudar, tanto porque, as experiências nunca são individuais e solitárias, mas partilhadas em conjunto com uma série de atores. Portanto, um estudo que desconsiderasse a participação destas mulheres na trajetória seria, no mínimo, incompleto.

A decisão de se tomar um caminho tão incerto como o da migração internacional e que envolve tantos fatores econômicos e afetivos não poderia ser tomada unilateralmente quando se trata da saída do membro de uma casa. Ou seja, deixar mulher e filhos para trás em busca de um sonho comum não é um decisão individual, mas partilhada e que envolve um compromisso principalmente entre homem e mulher. Nos três casos em que estudamos os filhos, ainda crianças, pouco entendiam do que estava acontecendo, o compromisso com um projeto migratório ficava mesmo entre esposa e marido.

Das três mulheres, apenas a esposa de Laércio não quis conceder entrevista. Em respeito a sua decisão, não citaremos seu nome e trabalharemos aqui apenas com as informações obtidas a partir das narrativas das outras duas mulheres: Geane, esposa de Agnaldo, e Valdirene, esposa de Branco.

Os primeiros a decidirem pela migração foram Laércio e Branco, só algum tempo depois Agnaldo se uniu a eles na proposta de conseguirem chegar aos Estados Unidos. Mas a ideia inicial não partiu de nenhum deles. A primeira pessoa a pensar um projeto migratório foi uma mulher: foi na verdade Valdirene. A ideia surgiu em um momento de desespero e falta de perspectiva no trabalho com o café no Brasil. A produção era pouca e o preço da saca era pequeno. Mesmo com a ajuda da renda obtida por Valdirene no trabalho em um Frigorífico próximo ao Córrego D'Antas, isso não era o suficiente para a manutenção de uma família que já contava então com duas crianças. Muitos no Córrego D'Antas já haviam optado pela migração e isso servia de incentivo para que eles também pudessem tentar. Logo o irmão de Branco e Laércio também iriam aderir a proposta e sem seguida Agnaldo.

Na decisão pela migração havia muito mais sonho do que medo. Família que viviam em um momento de situação financeira complicada, tinham agora no projeto da migração dos maridos a esperança de uma vida melhor. As dificuldades em se viver no exterior naquele momento se resumiam para eles no aprendizado da língua. Os homens entraram em cursos de italiano para evitarem maiores problemas na Itália, mas não foram sozinhos, as mulheres também fora e com eles estudaram. Desde a preparação para a viagem os desafios eram enfrentados em conjunto. “Se viveu os primeiros três meses só pensando nisso, brincadeira, sonho e sem saber, né, que a dificuldade dali pra frente ia ser muito grande” (Geane, 2011).

As esperanças durariam até a primeira ligação da Itália para o Brasil. Ainda no primeiro dia no país estrangeiro percebeu-se que a vida lá seria bem diferente do que imaginavam. Já nas primeiras ligações para o Brasil as duas mulheres ouviram de seus maridos os mesmos desabafos: a Itália “não é nada daquilo que estavam pensando, o advogado nosso é enrolado, não tem lugar pra ficar, é um monte de coisa tudo junto, não tem emprego” (Geane, 2011).

O restante da família no Brasil, principalmente os pais, davam o apoio necessário às esposas, mas o discurso de que haviam avisado, de que não deveriam ter partido incomodavam as mulheres, pois essas compartilhavam os mesmos sonhos dos maridos quando estes partiram. Mas a preocupação dos pais para com os filhos distantes, não deixaria de existir, mas logo seria superada pela necessidade de dar apoio àqueles que ficaram. De qualquer forma, os primeiros dias são de pura angústia por não saberem ao certo o que está acontecendo no exterior com seus maridos e filhos e pela impossibilidade de fazer algo para mudar aquele quadro.

Geane já havia percebido que a trajetória destas pessoas não era a de um homem só, mas envolvia todos que estavam lá com ele, o sofrimento de um era compartilhado pelos outros e suas famílias.

Não é a história de uma pessoa só. Porque, eu to falando do Agnaldo, mas ele ligava e ficava falando: ‘oh, tá acontecendo assim com o primo, tá acontecendo assim com o outro, o outro tá entrando em depressão, então é uma coisa assim que a família sofre tudo junto. Não era só eu aqui em casa, era eu, ele, os primo e as famílias dos primos. (Geane, 2011).

Mas, o ponto mais crítico viria a ocorrer algum tempo depois. Os momentos mais marcantes para eles nestas trajetórias e que, ainda hoje, durante as sessões de entrevista causaram maior desconforto e nítido entristecimento estão relacionados à dificuldade em obter a alimentação diária na Itália. Não impressiona, portanto, que a maior parte das experiências narradas por elas tenham sido referentes ao período no velho continente. Isso, visto que esse problema aparece apenas neste período e não se repete nos Estados Unidos.

Tinha dia que parecia que ele queria brincar com a gente pra não deixar a gente muito triste, começava a fazer piada com as coisas que estavam acontecendo. Uma coisa que me marcou muito foi o dia que ele conseguiu o cartão pra ir comer na igreja. Ele falou que ele tinha conseguido o “mendigos card” dele. Eu não sabia se eu ria ou se eu chorava naquele dia (Geane, 2011).

Apesar do tom cômico dado ao fato, a experiência foi narrada sob algumas risadas e muitas lágrimas. A impossibilidade de conseguir dinheiro para própria a alimentação era,

sem dúvida, o que mais lhes afligia. Assim como, era também o motivo de maior preocupação para as mulheres no Brasil e foi também o que lhes deixou maiores marcas.

A alimentação na casa destas pessoas e de seus pais é algo sagrado, que havia lhes faltado. Ali mesmo seus sítios, plantam o feijão entre os pés de café, o milho, a laranja, o limão, os legumes, as verduras, criam vacas para lhes garantir o leite, galinhas e frangos que lhes garantem ovos e carne. Por pior que pudesse um dia ter sido a vida destas famílias no Córrego D'Antas, a alimentação era algo que nunca lhes havia preocupado. Mesmo as visitas a suas casas para estas entrevistas são sempre seguidas ou acompanhadas de um café, um pão, uma broa de fubá (que também é feito por eles), algum doce ou mesmo um almoço. A recusa para alguns, principalmente os mais velhos, poderia não ser vista com bons olhos e ser compreendida como uma desfeita. É um orgulho para as mulheres do bairro poderem oferecer ao visitante algo que lhe agrade e alimente.

Sendo assim, o alimento ocupa um espaço muito importante na vida destas pessoas que sempre trabalharam com a terra produzindo alimentos. O significado destes em suas vidas fez com que os momentos de maior tensão, apreensão, angústia e tristeza na trajetória migrante tenham sido aqueles em que lhes faltaram o que comer. Compreende-se com isso porque as primeiras lágrimas que presenciei em entrevistas no Córrego D'Antas, foram as de Geane na narrativa transcrita acima. O que demonstra a importância do alimento no dia-a-dia destas famílias e da falta dele nas experiências de migração.

Uma coisa que me marcou muito foi isso, uma coisa que a gente tinha aqui de sobra, passa na cabeça da gente, pra que foi lá tão longe sofrer. Um dia ele me mandou uma foto que ele tava lá na estação (de trem de Milão) e eu quase morri quando peguei aquela foto na mão. Era um homem que eu não conhecia. Um homem barbudo, magro, sofrido, um homem muito diferente daquele Agnaldo que eu conhecia. Eu quase morri de tanto chorar naquela semana que eu recebi aquela foto (Geane, 2011).

Com Valdirene não foi diferente. A alimentação era a principal dificuldade enfrentada pelos migrantes na Itália e, mesmo com os alimentos do sítio, pela família no Brasil. Alguns produtos indispensáveis para qualquer dispensa, como óleo, arroz, farinha de

trigo e outros, não são plantados no sítio. A ida destes homens para a Itália havia gerado dívidas, estavam ainda em plena *panha* do café e a renda da colheita anterior já havia sido utilizada. A manutenção da família no Brasil foi garantida por amigos que lhes enviavam uma cesta básica mensalmente, a qual era dividida com a esposa de Laércio. Fato esse que até hoje Valdirene não contou ao marido, para ela, não valeria a pena levar mais um problema para ele no exterior, visto que ele mesmo não conseguia renda para se manter na Itália.

O que mantinha essas mulheres em pé era a confiança e a esperança de que eles voltariam para casa, assim como, o dever que lhes era imposto pela situação de serem fortes para os filhos que, ainda crianças, pouco entendiam do que estava acontecendo. As dificuldades iam aparecendo a cada dia, pois deveriam naquele período serem mães, donas de casa, trabalharem e administrarem o sítio.

Na divisão do trabalho com o café no Córrego D'Antas, assim como na organização espacial do sítio, o terreiro é sempre próximo a casa. Isto é, o terreiro, na divisão do trabalho, é um espaço que compete tanto ao homem quanto a mulher. No entanto, mesmo sendo um espaço e um trabalho que compete a ambos, durante o período da *panha*, as mulheres se dedicam mais ao trabalho no terreiro, pois os homens estão no cafezal realizando a *panha*. Assim, quando chega o café do cafezal para o terreiro, é necessário que seja logo esparramado, secado, e ensacado pois logo os homens trarão outro trator cheio de café para o mesmo serviço. Ou seja, o trabalho no terreiro já era familiar para essas duas mulheres, que não o deixaram de fazer, mas sim, incluíram outros trabalhos da casa e do ciclo do café em sua rotina.

Esse que é o período de trabalho mais intenso para o cafeicultor foi o período de mais trabalho também para essas mulheres. Trabalho árduo mesmo para quem desde muito jovem trabalha com a terra. Os trabalhadores que eram contratados para a *panha* entregavam o café para algum homem da família que o levava de trator até o terreiro, onde começava o trabalho das mulheres de esparramar, amontoar, ensacar e estocar o café pronto para ser vendido. Um trabalho que deve ser ininterrupto, pois, logo trariam mais café e qualquer diferença na umidade ou na maturação dos grãos pode alterar a qualidade e, conseqüentemente, o preço do mesmo.

Eu, em cinco meses de panha, emagreci cinco quilos. A colheita tava tudo nas costas da gente. Com outras pessoas trabalhando, lidando com empregado. Trabalhando e trabalhando muito, só entreva dentro de casa pra dormir e ia de novo no outro dia, acho que eu nunca trabalhei tanto no terreiro na minha vida ... eu achava que eu tinha que trabalhar mais que os outros pra compensar a falta que ele (Agnaldo) tava fazendo (Geane, 2011).

O dia no sítio começa sempre bem cedo e naquele período não seria diferente, mas agora todas as tarefas estavam sob a responsabilidade de uma pessoa apenas. As rotinas das duas mulheres eram parecidas. Antes de cinco da manhã já estavam todos de pé na casa, o café era preparado e as crianças faltando dez minutos para as seis já saiam para pegar o ônibus para a escola que fica em uma fazenda próxima. Em seguida ainda tinham que buscar as vacas no pasto e ordenhá-las.

Meu dia era acordar cedo, ir pro pasto buscar as vacas, quanta geadada eu enfrentei nos pastos, chuva, chegava molhada, cheia de carrapato. Aí chegava, tirava o leite. Na panha, chegava em casa dava uma ajeitada e já ia pro terreiro de café. Era assim, de meia em meia hora, lá e aqui, lá e aqui. Então eu não fazia meu serviço direito. Eu fazia depois que guardava o café. Tinha que fazer almoço, dar almoço pra crianças, mandar pra escola. A hora que eles chegava já tinha que tá com o almoço pronto. is coffee which is purchased directly from the growers for a higher price than standard coffee.

Isso, a tempo de chegar a rotina do terreiro de café: esparramar os grãos, mexer, amontoar e ensacar. Ainda tinham que preparar almoço, jantar, cuidar da casa, do quintal, do pomar, da horta.

A parte boa disso tudo foi que eu cresci. Aí eu soube ser mãe, ser pai, ser dona de casa, tomar conta das coisas do sítio. Eu aprendi muita coisa, sobre o café, adubação do café, de mexer com gente. Eu não sabia mexer com banco, tudo eu fui aprender sosinha, sem a ajuda de ninguém. É essa a experiência, das crianças ficarem doentes e eu ter que correr atrás das coisas, a experiência de tirar carteira (nacional de habilitação – CNH), eu tive que fazer isso, coisa que eu só sonhava.

A *panha* era realizada por pessoas contratadas especificamente para esse período. Ambas, com o papel de administradoras do sítio que lhes cabia no período, verificavam e calculavam diariamente ao final do trabalho o rendimento da produção. No caso de Geane a contratação e pagamento dos trabalhadores era intermediado pelo cunhado.

Já no caso de Valdirene, ela mesma lidava diretamente com os homens que vinham todos os dias da cidade para a *panha* do café. A timidez e o medo foram superados pela necessidade de cuidar dos negócios do sítio. *No começo eu tinha medo das pessoas falarem de mim ou de algum homem me passar um cantada, muita coisa passava pela minha cabeça* (Valdirene, 2011).

A saudade era também motivo de apreensão para todos. Ficar longe da família era, sem dúvida, uma experiência difícil para os homens, mas também era difícil a saudade para essas mulheres. *A saudade né, ô creio em Deus pai, que eu não gosto de lembrar dessa saudade que doía muito* (Valdirene, 2011). A saudade sentida pelos que ficaram em solo brasileiro se mostra tão intensa quanto a saudade da terra natal e da família sentida pelo migrante, com o agravante da preocupação pelo desconhecido que esperava seus maridos em uma terra tão distante. Por mais que se dissesse sobre a vida distante, por mais que se falassem com frequência, era difícil conter a angustia por estarem distantes e de mãos atadas.

Eu só aprendi a ser forte, sabe, só aprendi a ser mais forte. Confiar nele, que é a principal coisa que uniu nós dois nesses vinte e três anos que estamos juntos Eu sai da minha casa do meu pai e casei com ele eu tinha 16 anos. Eu entreguei minha vida nas mãos dele. A confiança que eu tinha nele e a certeza de que ele ia voltar pra casa me fez forte pra aguentar tudo (Geane, 2011).

No entanto, não podiam fraquejar, havia ficado sob suas responsabilidades os filhos e o sítio. Se os homens partiram por um sonho comum de investir no sítio e melhorar a condição de vida da família, isso não seria possível se as mulheres que ficaram não fossem fortes o suficiente para superar a saudade e assumir o papel de chefes únicos da casa e gerentes dos negócios do sítio.

O apoio dos amigos do bairro teria sido imprescindível. Os terços e as novenas passaram a ser rezados em suas casas para que tivessem certeza de que estavam juntos, nas festas de aniversário, na troca de presentes do *amigo invisível* ou na Folia de Reis estavam todos em suas casas. Em um bairro que se caracteriza pela marca de três famílias, os Consolini, Benelli e Barzagli, com ligação em parentesco consanguíneo e/ou por afinidade de todos seus membros uma rede de solidariedade foi a marca deste período. Silvia, a filha mais velha de Geane e Agnaldo, retratou o bairro com a seguinte frase: *Aqui o Córrego D'Antas todo mundo é parente e se não é, a gente inventa um parentesco* (Silvia Consolini, 2011). A saudade era então superada pela importância do projeto no qual acreditavam e pelo apoio amigo dos familiares e de todas as pessoas do bairro.

Todas as finanças da casa estiveram naquele período sob a responsabilidade destas mulheres, o que inclui o dinheiro que, quando possível, era enviado ao Brasil e também o dinheiro do café. Esta parte do trabalho da casa nunca havia ficado sob a responsabilidade das mulheres, mas, durante a migração o gerenciamento das economias da casa pelas mulheres era uma necessidade.

A ficha só caiu de que eu tava fazendo coisa que nunca pensava que ia fazer quando ele foi pro Estados Unidos. Que era mexer com gente, correr atrás das coisas. Até o primeiro trator que ele comprou fui eu que fui lá e comprei, negocieei. Eu falava pra ele: eu não vou conseguir negociar com outros não, mas ele falava: vai, você vai conseguir. Aí deu certo, graças a Deus, e o Branco só viu o trator por foto. Acabei ainda dirigindo o trator (Valdirene, 2011).

A transformação na vida dessas mulheres provocada pela migração dos maridos modificou a organização do trabalho por gênero. Podemos compreender melhor ao analisarmos os espaços do sítio de café na família Consolini. Compreendo como sítio aqui todo espaço, mesmo que não contínuo, de uma pequena propriedade rural, como a da família Consolini. Ou seja, a casa, o quintal, o pomar, o terreiro e o cafezal (a lavoura de café). O período de *panha* do café exige muita agilidade em todo processo de trabalho. A lucratividade com a venda do produto depende da qualidade do mesmo e para isso deve-se estar atento para em questões como a maturação do grão e a umidade deste. Ou seja, deve-se ter agilidade na *panha* e cuidado no terreiro para garantir a boa qualidade do produto.

Desta foram, o trabalho é ininterrupto e depende da participação de toda família. Assim, o processo de trabalho é dividido entre homem e mulher com a possibilidade da ajuda dos filhos.

O cafezal é um espaço masculino, ou seja, o cuidado com este espaço e a *panha* do café são realizados sempre pelos homens. Do plantio (quando necessário), passando pelo cultivo à *panha*, todo trabalho neste espaço é realizado pelos homens. O café é uma cultura perene, não há a necessidade de plantios anuais, mas quando ocorre de plantarem *café novo*. O preparo do solo, das mudas e os cuidados são normalmente realizados pelos homens. Da mesma forma, todo cuidado que deve ser realizado antes da colheita é de responsabilidade também dos homens. A adubação, o controle das plantas que nascem pelo cafezal e o controle das pragas e doenças nas árvores são de sua responsabilidade. Estes, após terem colhido certa quantidade de café, o levam para o terreiro onde este será esparramado para iniciar a secagem. Este é um espaço que, apesar de ser dividido, é mais comum às mulheres. Assim, enquanto as mulheres trabalham na secagem do café no terreiro, os homens continuam o processo da *panha*. A casa é um espaço partilhado pela família, mas de trabalho específico das mulheres. Nos intervalos do trabalho com o café, as mulheres preparam as refeições. Vale salientar que, neste período do ano, arrumar a casa representa apenas o básico para garantir a higiene do local, pois toda família está envolvida no processo de trabalho das primeiras horas do dia, antes de o sol raiar até que ele se ponha. Ao final da secagem o café é ainda ensacado e armazenado.

Feito essa breve descrição do processo de trabalho com o café e a divisão do trabalho por gênero comum nestas famílias, podemos compreender as mudanças promovidas pela migração na vida destas mulheres. Isto, visto que, com exceção da *panha* o restante do trabalho do sítio, que antes era dividido, ficou neste período sob cuidado destas mulheres. Elas secavam, ensacavam, armazenavam o café, cuidavam das finanças do sítio e compravam o material para o trabalho. Isso tudo, sem deixar de lado os cuidados com a casa e os filhos.

Eu ia buscar saco de café na cidade, trazia aquela sacaria tudo no ônibus. Meu Deus do céu, tinha um ônibus que descia às três horas da tarde, eu chegava aqui eu ainda ia ensacar café sozinha. Dava cinquenta sacos de café. Que experiência, meu Deus do céu,

eu não sei se faria tudo de novo. Eu comprava uns cem ou duzentos sacos, é pesado, se você for por nas costas é pesado (Valdirene, 2011).

Mas, apesar de alguns comentários, no geral essas duas mulheres receberam a admiração dos parentes e amigos do bairro. Ao contrário do preconceito que poderia surgir por estas mulheres assumirem um trabalho que comumente é realizado por homens, as pessoas do bairro admiraram essas mulheres por terem assumido os trabalho de seus maridos. A demonstração de vontade, capacidade e a falta de medo para com o trabalho trouxeram a admiração dos mais jovens e dos mais velhos. Para os pais e sogros era um orgulho verem nessas mulheres a força que demonstravam no trabalho.

Os comentários depreciativos surgiram em outros sentidos. O fato de trabalharem em ambientes predominantemente masculinos e o contato que foram obrigadas a ter com os mesmos gerou até mesmo ciúmes em outras mulheres. As acusações não tardaram a ocorrer e logo Valdirene seria acusada por outra moradora do Córrego D'Antas de estar indo no cafezal apenas para encontrar seu marido. Mas a união em família e no bairro impediu que um boato de ciúmes tomasse maiores proporções. Os demais moradores que acompanhavam o dia-a-dia de Valdirene a defenderam e negaram tais acusações. O fato demonstra que nem todas as pessoas se habituaram facilmente as mudanças no comportamento destas mulheres. Isso também, por ter sido uma mudança drástica, isto é, do momento em que seus maridos deixaram o país, no dia seguinte as relações de gênero e trabalho na família já estavam alteradas. Para a esposa que não gostaria de ver seu marido interagindo com outra mulher no ambiente de trabalho essa era uma mudança difícil de entender.

O imaginário da migração, das pessoas que sonham em uma vida melhor em outro país, não inclui as dificuldades, não inclui a possibilidade de desemprego ou de poderem viver em uma situação ainda pior do que viviam no Brasil. A imagem que se criou do chamado *Primeiro Mundo* está em extrema oposição ao nosso *Terceiro Mundo*. Tais denominações para a divisão econômica e geográfica estão presentes no vocabulário das pessoas que ainda sonham com a migração e a riqueza que acreditam ser abundante nos países de *Primeiro Mundo*. Para algumas pessoas, ter o marido vivendo no exterior devia ser motivo de fartura e não de dificuldades para estas famílias. O imaginário da vida no

exterior é o da riqueza, a imagem de rápido enriquecimento. Imagens que geram conceitos pré-concebidos acerca da vida destas pessoas.

Teve gente que riu da minha cara. Teu marido tá lá nos Estados Unidos, porque ele não compra um carro pra você, onde já se viu você andar com essa sacaria nas costas (...) O jeito de eu me vestir, já escutei muito: teu marido nos Estados Unidos e você andando feito mendigo aqui (Valdirene, 2011).

A dificuldade de se entender por que estas mulheres trabalhavam tanto e viviam numa vida ainda mais penosa que antes da migração pode ser entendida tanto pelo imaginário da vida no exterior como pela nova conjuntura internacional, de crise nos Estados Unidos e nos países europeus. Tais fatos são pouco conhecidos por algumas pessoas no bairro que ainda afirmam o sonho de ganhar a vida em outro país.

Soma-se a isso o fato de que, mesmo em momentos de melhoria das condições financeiras da família, em que os maridos estiveram nos Estados Unidos, a vida no Brasil seguia em simplicidade. Ou seja, não havia espaço para a ostentação dos dólares que eram enviados do exterior. Como afirmou Valdirene, enquanto outras pessoas esperavam que logo estas mulheres estivessem de casa e carro novos, o objetivo da família era outro:

Na nossa cabeça, o combinado meu e do Branco, não era ele ir pra lá e eu comprar carro zero essas coisas não, era pra comprar o sítio. Mesmo assim, só conseguimos comprar uma parte só. Ainda tem mais parte pra pagar, mas já tá bom (Valdirene, 2011).

A economia da casa e do sítio era mantida em conjunto pelo capital do sítio e pelo que era enviado pelos maridos. Mesmo em momentos de maior dificuldade financeira os valores deviam ser equilibrados pelas mulheres para garantir a manutenção tanto da família quanto do sítio. Agnaldo, nos meses em que permaneceu na Itália e nos Estados Unidos, enviava o dinheiro necessário para a manutenção da família e o sítio se auto-sustentava. Branco, enquanto esteve na Itália, não tinha condições de enviar dinheiro para o Brasil, desta forma, o sítio era mantido com dificuldade e a família se mantinha com a ajuda de amigos. Já nos Estados Unidos Branco enviava o dinheiro para a manutenção e investimento no sítio, assim como para pagar o cunhado que fazia o trabalho no cafezal

enquanto estivesse fora. O dinheiro garantia ainda a manutenção da casa com fatura de comida, que como foi dito, é o elemento mais importante na vida destas pessoas. Tendo garantido a reprodução do sítio e farta alimentação para a família o luxo, como afirmam, era completamente dispensável. Desta forma, o dinheiro da colheita do café não precisava ser gasto e lhes garantiria a compra da parcela do sítio que desde o início era a intenção.

Eu economizava o mais que eu podia. Tinha mês que ele ligava e perguntava: você não precisa de dinheiro? Eu falava: não, não precisa mandar porque eu ainda tenho. E ele falava: mas o que você tá fazendo, eu mandei só um pouquinho pra você, como é que você tá conseguindo ficar sem dinheiro? Mas porque? Eu não saia de casa, eu ficava até com dó das crianças, porque eu não saia com eles. Mas foi pra economizar pra ver se a gente vivia melhor (Valdirene, 2011).

Há época da saída para o exterior os sonhos eram muito maiores do que as possibilidades reais encontradas durante e após a migração. Além das dificuldades com o trabalho na Itália narradas ao longo do texto, as dívidas adquiridas para a viagem comprometeram boa parte do que foi ganho por lá. Assim como, as dívidas que tiveram que ser feitas durante o período em que viveram na Itália, para sua própria sobrevivência no exterior e de sua família no Brasil. Desta forma, sonhos comuns aos migrantes como o de construir uma casa nova, já que moram em uma casa simples que é parte da propriedade da família Consolini, tiveram que ser deixados de lado pela prioridade: comprar terras de café. Pois, o café poderia, no futuro, lhes garantir uma casa nova. O dinheiro garantido pela migração e o proveniente das colheitas do café foi então equilibrado de uma forma que fosse possível pagar as dívidas, manter a família e lhes restar o valor necessário para comprarem as terras.

Assim foi tanto com Agnaldo quanto com Branco. No entanto, as dívidas de Branco eram muito maiores que as de Agnaldo. O primeiro havia pego dinheiro emprestado a juros com agiotas, assim, enquanto ficava na Europa sem ter como trabalhar, a dívida só fez a crescer. Enquanto Agnaldo havia conseguido o empréstimo com uma de suas irmãs, a qual lhe emprestou a juros de poupança. Desta forma, isso também possibilitou que Agnaldo pudesse retornar ao Brasil antes de seus primos.

Ao retornar ao Brasil com a esperança de que poderiam a partir dali melhorarem de vida, Valdirene e Branco tiveram algumas surpresas. O dinheiro que haviam economizado da migração não seria o suficiente para arcar com todas as despesas acumuladas. O dinheiro da economia começou a ser usado não só para pagar dívidas, como para manter o sítio e a família. O que mudou o panorama foi que naquele ano de 2009 eles tiveram uma das maiores *panhas* de café de anos recentes. O trabalho na *panha* começou antes de Branco ter voltado do exterior, por volta de maio, e de forma ininterrupta se prolongou até outubro. A quantidade de café era tanta que os braços para o trabalho em casa não eram suficientes para dar conta de toda produção. A *panha*, normalmente feita com as próprias mãos passou a contar, naquele ano, com a ajuda de máquinas de colheita. Algumas família do Córrego D'Antas adquiriram derriçadeiras para facilitar o trabalho na *panha*. O bom valor e a quantidade de café daquele ano garantiram os planos iniciais da família com a migração.

Sendo assim, a economia familiar na migração não é possível de ser compreendida apenas considerando os dólares e euros do trabalho migrante. Mas devem-se considerar todos os elementos da economia doméstica. Isso inclui a manutenção da família e do sítio no Brasil. Assim como, o sítio também gera tanto despesas ao longo do ano, que são investimentos em insumos e materiais agrícolas. No entanto, após a *panha* a venda do café também gera renda. O equilíbrio entre todos esses fatores, que ficou de responsabilidade da mulher durante a migração, era o que lhes poderia garantir o sucesso planejado para a migração.

A participação destas mulheres na vida do sítio se deu não só na parte econômica como também política. No período em que Branco ainda estava nos Estados Unidos, Agnaldo já havia retornado, os moradores passaram a se reunir com a intenção de se organizar em associação. Discutia-se naquele período a importância da representatividade de uma associação dos cafeicultores do bairro para conseguir melhorias para o local e para os sítios, assim como, um selo de qualidade para o café produzido no local. O selo lhes garantiria a venda direta, sem o intermédio do armazém, e a um preço melhor do que era pago anteriormente. Assim, no início de 2008 funda-se a Assodantas – Associação dos Cafeicultores do Córrego D'Antas.

As mulheres desde o início participaram das reuniões, assim como Geane e Valdirene. No entanto, com o marido no exterior, Valdirene tinha o papel de representar sua família, sua casa, nas reuniões. Logo passou também a ocupar um cargo na direção, no qual era responsável pela comunicação entre os associados. As reuniões com políticos locais, vereadores, secretário municipais, deputados passaram a ser frequentes. Assim como, reuniões com extensionistas da Emater e representantes da prefeitura para a aquisição do selo de qualidade de seu café.

O trabalho na Associação não era fácil naquele tempo. Muita gente ficou em cima do muro, se der certo eu pulo pra cá, se não der certo eu pulo pra lá. A gente foi nas casas falar com as pessoas, aplicamos uns questionários sobre o café. Mas muita gente pulou fora.

Em meados de 2009 quando Branco retornava ao Brasil as negociações pelo selo de qualidade já estavam bastante avançadas. Os representantes da *Fair Trade coffee*, uma organização internacional que avalia e concede o selo de qualidade passaram a inspecionar e sugerir as mudanças necessárias para a garantia do selo. Este garante um preço maior pago ao produtor mediante o cumprimento de algumas exigências ambientais e laborais. O café *Fair Trade* é comprado direto do produtor, sem a necessidade de intermediários como armazéns e exportadores. O preço pago pela saca é, portanto, maior que o que seria pago pelo *atravessador*. Além disso, os produtores passaram a participar de cursos e workshops com representantes da *Fair Trade* com o propósito de garantir os meios para que o produto do Córrego D'Antas pudesse entrar no competitivo mercado internacional de café. As próprias exigências para a concessão do selo de qualidade obrigaram os produtores a reverem questões como condições de trabalho e ambientais. Em grande parte do período de adequações, cursos e negociações as mulheres estiveram não apenas envolvidas, como algumas delas estiveram a frente do trabalho. Assim como para Valdirene, que era a representante de sua casa na Assodantas. Desde os início do contato da Assodantas com os representantes da *Fair Trade*, através dos extensionistas, as mulheres participavam das atividades em paridade com os homens. As exigências da organização internacional foram aos poucos sendo cumpridas e em 2010 lhes foi dado o selo de qualidade internacional *Fair Trade*. Uma conquista também com a marca destas mulheres do Córrego D'Antas. Assim,

vemos que o papel destas mulheres no período de migração dos maridos excedeu até mesmo os limites da economia doméstica e do sítio, tendo elas papel fundamental para a organização política dos produtores do bairro e na conquista do selo de qualidade do café ali produzido não só por sua família, mas por todos associados.

A participação das mulheres no projeto migratório pode ser visto, portanto, tanto em suas ações no campo da economia doméstica, como na economia do sítio e na organização política entre os moradores do Córrego D'Antas. A família transnacional inclui o migrante e aqueles que ficaram e participam do projeto inicial e garantem o sucesso do mesmo. Ao partir para o exterior e deixarem a família no Brasil não podemos considerar que essa trajetória enquanto uma vivência individual, solitária. A experiência migrante envolve vários personagens que não só o indivíduo migrante, mas seus companheiros de viagem e, principalmente, sua família no Brasil. Esta compartilha as dificuldades e as conquistas que culminariam no retorno destes homens ao Brasil. O retorno e o sucesso do projeto só seria possível com a participação de todos os personagens dessa trajetória, em uma experiência que é coletiva, nada tem de individual.

Tais experiências possibilitaram a reprodução do sítio da família no Córrego D'Antas, mas transformou suas vidas. Esses homens e essas mulheres não seriam mais os mesmos. Voltar a vida em família no bairro, voltar a trabalhar com o café, não seria da mesma forma com antes. Neste período, suas vidas e a vida no Córrego D'Antas passaram por transformações. Tais transformações, a reconfiguração do Córrego D'Antas, são o tema do próximo capítulo.

3. Reconfiguração e reprodução do Córrego D'Antas

É inegável que mesmo visando à reprodução de suas famílias e culminado na reprodução de suas propriedades rurais, há também neste processo um sentido de transformação, de reconfiguração do Córrego D'Antas durante e após o processo. Durante o processo estas famílias vivem esse período enquanto famílias transnacionais, ligadas por laços econômicos, afetivos e simbólicos. Ou seja, a família não se desfaz com a migração, mas se reconfigura, abrangendo agora um importante personagem que está, por um período, em outro país. O vínculo foi mantido não só entre a família que permanece em solo brasileiro e o emigrante como também entre o emigrante e seu sítio. Isto porque, durante o período que estiveram no exterior estes não abdicaram do direito de acesso a uma parcela das terras dos pais e a obrigação que mantêm com eles de cuidar de suas terras para ter direito de acesso a elas. Neste período, estes pagaram uma pessoa cada para substituí-los no trabalho com a lavoura. Desta forma, manteve-se o vínculo com não só com a família, mas com a propriedade rural. No entanto, muitas mudanças ocorreram no local, houve uma reconfiguração da vida Córrego D'Antas durante esse período, não necessariamente em decorrência dele, mas que fazem parte de um mesmo processo em curso. Ou seja, o retorno de forma alguma representa uma fim.

Além da reconfiguração durante o período em que estiveram no exterior deve-se considerar que o retorno destes ao Brasil não é como o fechamento de um ciclo. Não há um retorno ao início, mas um retorno à terra natal, ao Córrego D'Antas, às suas famílias e ao trabalho com o café. Há, portanto, um recomeço de suas vidas sob as transformações possibilitadas e/ou provocadas pelos anos em que viveram e trabalharam nos Estados Unidos e na Itália. Isso não representa um retorno de um ciclo histórico, pois não há história que seja cíclica, mas um retorno repleto de transformações nas suas vidas, nas de suas famílias, nas suas relações e percepções, modificadas a partir das experiências recentes, da migração e das novas terras agora adquiridas.

A construção de casas em um pequeno loteamento próximo as terras dos Consolini marcou também as modificações no local na última década. O início do loteamento, hoje com cerca de trinta casas, coincide com o período em que Agnaldo, Branco e Laércio estiveram fora do país. A chegada de famílias de fora e a construção de casas de veraneio no local trouxeram também a necessidade de um pequeno comércio local, com açougue e padaria, antes impensáveis aos moradores. Uma casa noturna com bailes de forró aos finais de semana foi também construída próxima à estrada. Esta atrai alguns novos moradores do local, mas também, e principalmente, pessoas da cidade. Tais mudanças são percebidas e comentadas pelos antigos moradores, ainda mais por aqueles que passaram um tempo fora do país e encontraram um Córrego D'Antas um pouco diferente. No entanto, isso não chegou a mudar, na percepção destas pessoas, a rotina de vida típica rural destas famílias. Ainda criam o gado para o leite da casa, plantam os condimentos e verduras, criam galinhas para os ovos e a carne, fazem seu próprio pão e a base da economia ainda é o trabalho com a terra.

A área foi dividida pelo proprietário e vendida em pequenos lotes para construção destas casas sem o licenciamento da prefeitura, que segundo a mesma é ilegal. Desta forma, a construção de casas no local diminuiu no último ano, mas não cessou. A diminuição se deu até mesmo pela impossibilidade da implantação, por parte da prefeitura, da infraestrutura básica para o local, como rede de esgoto, asfaltamento e iluminação. Há em discussão com a prefeitura algumas alternativas propostas por estudos urbanísticos para que se solucione o problema de infraestrutura do pequeno loteamento. Ao mesmo tempo foram tomadas providências para que a fiscalização impeça o crescimento do loteamento, que, pelo previsto no Plano Diretor no município, é ilegal.

A reconfiguração do Córrego D'Antas se dá também em outro sentido: o da possibilidade de reprodução de suas propriedades e crescimento da produção. A reaquisição de terras que um dia foram da família Consolini e a compra de terras de parentes representa transformação da vida destas pessoas, mas também representa a possibilidade de sua reprodução. Um processo limiar entre transformação e reprodução, foco deste capítulo.

O investimento do dinheiro economizado durante a migração na compra de terras e garantia de reprodução do sítio da família é certamente onde esse processo limiar se

apresenta de maneira eloquente. Isso porque, objetivo inicial de Laércio, Branco e Agnaldo, a compra de terras no Córrego D'Antas acompanha também um processo em curso no local de expansão da produção, investimento em novos maquinários (mais modernos) e uma forma de produção que atende a um mercado mais exigente e ao mesmo tempo modifica consideravelmente, segundo a percepção destas mesmas pessoas, a forma de se trabalhar que se praticava no Córrego D'Antas até uma década e meia atrás.

Tais mudanças não ocorreram de forma abrupta, mas são percebidas ao longo dos anos. Alguns fatos importantes marcam tais transformações: a criação de um pequeno loteamento no local, acompanhado de alguns pequenos comércios para atender a nova população, a criação de uma associação de cafeicultores locais e a certificação do café destes produtores com o selo de qualidade *Fair Trade*.

A compra feita por Branco não alterou sua participação na produção, mas garantiu que a pessoa de quem comprou não venha a reclamar sua parte futuramente. Isto é, se excluiu um herdeiro em uma possível divisão das terras. Com isso, Branco investiu na indivisibilidade da propriedade. Branco também investiu recentemente na compra de um trator e de algumas melhorias no sítio. No entanto, o retorno ao Brasil não foi como esperado. Para o estranhamento dele e de Valdirene, o dinheiro que havia ganho no exterior parecia não render no Brasil. O preço do dólar passou a cair constantemente e logo perceberam que suas economias estavam se esgotando e ainda não haviam feito os investimentos planejados. Após três meses do retorno de Branco ao Brasil a situação da família parecia estar piorando ao invés de melhorar.

Dois fatores foram muitos importantes para a economia da família normalizasse e o projeto que teve início com a migração fosse concretizado. Primeiro, a *panha* de café daquele ano foi uma das maiores em tempos recentes. O dinheiro da venda desse café seria muito importante para a compra da participação de seu tio nas terras da família. Mas, há mais que isso nesse processo, o segundo fator foi, mais uma vez, a participação da mulher, a participação de Valdirene, para que a situação econômica da família se normalizasse e o projeto fosse concretizado. Com a mudança de Branco para o exterior, Valdirene, que trabalhava em um frigorífico próximo ao Córrego D'Antas, deixou o serviço para se dedicar aos cuidados com o sítio e a família. Após a volta de Branco e a desestabilização da

economia doméstica e do sítio, esta decidiu voltar a trabalhar e passou a fazer faxinas em casas de família na área urbana. O dinheiro ganho por ela no trabalho de diarista garantiu o equilíbrio da economia doméstica e, assim, o dinheiro da venda do café pode ser investido no sítio. Ainda hoje, o equilíbrio da economia doméstica, que é inseparável da economia do sítio, é garantida em conjunto pelo trabalho de Valdirene em conjunto com o trabalho de Branco no sítio.

O papel da mulher na casa foi fortemente alterado. Durante a migração Valdirene e Geane assumiram papéis de gerência do sítio e da casa e isso alteraria definitivamente suas vidas e seu papel nas relações domésticas. *Eu falo que eu continuo sendo o chefe da família, eu falo que o papel do chefe da família é por comida dentro de casa e quem põe sou eu* (Valdirene, 2012). Branco garante com a renda do sítio parte das despesas da casa e outra é custeada pelo trabalho de Valdirene. Assim como, isso possibilita que o dinheiro ganho com o café possa ser investido em melhorias no sítio, como a construção de um novo secador de café que iniciaram esse ano, em parceria com Laércio e seu irmão. No entanto, isso só é possível, pois, a manutenção da casa é garantida por um renda externa ao sítio, a renda do trabalho da mulher.

As mudanças pelas quais a relação entre Valdirene e Branco passou durante o período de migração garantiram a reprodução do sítio, mas deixaram muitas transformaram em suas vidas. Entre Geane e Agnaldo houve mudanças, porém, há muitas diferenças em relação ao primeiro casal. Isso porque, primeiro, o período que Agnaldo passou no exterior foi muito menor que o vivido por Branco; e, segundo, na relação entre o casal já havia um grande compartilhamento do trabalho e das decisões. Desde que casaram, Agnaldo e Geane trabalhavam juntos seja na *panha* para terceiros ou na construção civil, onde Geane já trabalhou inclusive como servente de pedreiro junto com marido. Portanto, as mudanças não foram tão drásticas.

Para Valdirene e Branco isso representou uma mudança maior:

Eu falava pra ela assim: como que eu vou deixar as coisas na tua mão, você não vai dar conta. Você não sabe ir num banco. Mas ela falava, pode deixar que eu vou dar conta (Branco, 2012). *Nos fomos no cartório pra fazer a procuração e o rapaz*

falou pra ele assim: você vai deixar a procuração pra ela fazer tudo? Tudo no nome dela? Você tem certeza? Eu fiquei tão magoada com aquilo (Valdirene, 2012).

Hoje, após os anos de migração a confiança tanto de Branco em Valdirene, quanto da próprio Valdirene em si mesma faz com que todas as decisões do sítio sejam tomadas em conjunto com total respeito pelo conhecimento e capacidade de cada um.

Hoje eu continuo ainda, hoje eu dou palpite, eu falo, falo vamos fazer assim que vai dar certo. Hoje, graças a Deus, ele escuta mais (Valdirene, 2012). Um dia eu disse: Bem, eu não vou fazer compra hoje não, vai você. Quando ela voltou eu pensei e disse: hoje eu tenho uma mulher, como fala? Moderna, que faz o que tem que fazer, faz tudo sozinha (Branco, 2012).

Esta é, justamente a base de uma das hipóteses com as quais trabalhei neste dissertação: a importância da mulher para a garantia do sucesso do projeto migratório. A experiência migratória, neste sentido, não pode ser considerada individualmente, mas deve-se considerar os diversos personagens que a envolvem e, sem dúvida, as mulheres que permaneceram no Brasil são determinantes nesse processo. A trajetória de Laércio é a comprovação dessa hipótese. O retorno de Laércio representou uma mudança completamente diferente das vividas pelos primos que viajaram com ele. Ao retornar ao Brasil, descobriu que não tinha nenhuma economia, não tinha café estocado para vender, o cafezal estava em péssimo estado de conservação e a esposa já havia lhe deixado. O retorno de Laércio foi, portanto, um recomeço.

Digo que a trajetória de Laércio comprova a hipótese, visto que, ele não pode contar com a participação da esposa no projeto migratório. Ao contrário do que é possível observar na trajetória dos demais, onde a esposa participa como uma gerente do projeto, da casa e do sítio, a esposa de Laércio não exerceu esse papel, o que comprometeu o sucesso do empreendimento. O cuidado com o cafezal ficou por conta de uma pessoa contratada por Laércio para esse fim, mas não havia ninguém para verificar o trabalho e, estranhamente, o café de Laércio era sempre em menor quantidade que dos demais primos que trabalham com a mesma quantidade de pés. Assim como, do dinheiro enviado semanalmente nada

havia sido economizado. Sendo assim, a situação de Laércio em seu retorno era pior que em sua partida.

A pessoa que cuidou do café dele aqui, que ele deu de meia, simplesmente não cuidava direito e nunca informava direito quantos sacos deu. O dele sempre dava muito pouquinho. Eu falava pra ela: fica de olho, vê quantos sacos de café, vai no terreiro, qual é o café do Laércio, qual que é o nosso café, mas vai dar quanto? Na hora de limpar o café, procura saber direitinho. Ela não tava nem aí (Anônimo, 2011).

O sucesso do projeto migratório não envolveu, no caso de Branco e Agnaldo, apenas o dinheiro ganho no exterior, mas também o dinheiro do sítio, o café que pode ser armazenado e vendido quando retornaram. Mas, para isso, as mulheres foram fundamentais, pois gerenciavam tanto o dinheiro da casa e também a economia do sítio. Sem a participação da esposa, o projeto de Laércio estava fadado ao fracasso.

Quando ele chegou, a gente foi buscar ele no aeroporto, mas ela não foi. Ela juntou as coisas dela na casa e foi embora um dia antes dele chegar. Quando ele chegou, mas esse homem chorava tanto. Por que aí, ficou só a filha mais nova, a mais velha já tava morando com um rapaz. As meninas e o rapaz foram buscar ele também. Ele chegou, sentaram os três ali e eles choraram (Anônimo, 2011).

Após algum tempo relutando em ceder a separação, Laércio aceitou o recomeço, assinou a separação e deu início a uma nova etapa na vida. A transformação na vida de Laércio não era aquela que esperava, era um recomeço de um novo ponto de partida. A transformação após o retorno passava agora pelo trabalho na recuperação de seus pés de café para novas colheitas que estariam por vir e o namoro que começou a pouco tempo. Já na última *panha* do café ele, seu irmão e Branco pegaram uma área de café em sistema de *meia* com o dono, o que aumentou seu ganho. Com isso, ele, o irmão e Branco, como comentei acima, compraram um novo secador de café e já construíram o barracão para instalá-lo. Isso tudo vem representando as transformações e seu recomeço após o retorno do exterior.

Diferente de Branco que preferiu garantir a propriedade da terra onde já trabalha, comprado a parte de um tio, Agnaldo optou por comprar dois alqueires de terra próximo as terras de seu pai. Uma parcela da terra que originalmente pertencia ao seu avô e, na divisão por herança, ficou para seus tios que por sua vez a venderam há mais de cinquenta anos. A parte das terras do Córrego D'Antas que pertencia a família Consolini quando da aquisição da área no início do século XX pode ser visualizada na Figura 5, onde está identificada pelo sobrenome da família. Nesta figura, produzida para meu trabalho de Iniciação Científica, há duas imagens: a primeira é a área do Córrego D'Antas em sua primeira divisão, há quase um século; a segunda com a divisão das terras em 2009. Nesta as áreas em cinza foram vendidas a pessoas de fora das três famílias (Consolini, Benelli e Barzagli) que adquiriram a terra originalmente, as demais propriedades estão numeradas e referenciadas na legenda.

Pode-se observar na imagem as áreas onde trabalham os seis primos da família Consolini, identificadas com o número 01. Assim como a área de dois alqueires adquirida por Agnaldo Consolini, identificada na imagem com o número 11.

A aquisição desta área representa o retorno desta a um membro da família Consolini, a qual já pertenceu, como mostra o mapa. Representa também um incremento na produção, pois, além dos pés de café com quais trabalha em regime de *meia* com seu pai, agora ele possui dois alqueires de café próprios. Isso não muda somente os valores da produção, mas boa parte do modelo de trabalho empregado até então.

Agnaldo trabalhava em quatro mil pés de café de seu pai em um regime de *meia*. Isto é, metade da produção era destinado ao pai, Seu Ernesto Consolini. Com a aquisição da área, Agnaldo tem agora doze mil pés café, sendo que oito mil são somente dele. Mas isso não muda somente o volume da produção, como o custo com a mesma e o modo de viver e produzir. *Muda tudo, muda o jeito de viver. Aí sai totalmente do sistema do Corgo D'Anta, antes de vivia com pouco* (Agnaldo, 2012). As mudanças nos últimos anos com a compra da nova terra, de novos equipamentos, a criação da associação local, e incentivo da Prefeitura para o investimento no aumento da produção causam uma certa angústia nestas pessoas. Divididas entre as oportunidades de crescimento e a angústia pelas rápidas mudanças em suas vidas demonstram a incerteza quanto aos benefícios disso tudo para suas vidas. *Eu acho que eu volto naquilo que o Corgo D'Anta era, fazer pouco e viver com*

pouco, vive a mesma coisa. Se você tem dez, você vive com os dez, se você tem vinte, você vai gastar o vinte, se você tem trinta, você vai gastar o trinta, e não assossega (Agnaldo, 2012).

A impossibilidade de cuidar sozinho de suas próprias terras, de todo processo de produção, com o trabalho apenas da família, assim como, a impossibilidade de mandar em sua própria produção, em seu próprio trabalho é algo que ainda incomoda esses homens. Isto é, as exigências do mercado e a constante preocupação em corresponder as expectativas de crescimento da produção causaram uma mudança que é recente no Córrego D'Antas. Não quero afirmar com isso que tais exigências do mercado não existiam antes, mas que a percepção delas na última década é maior para esses produtores. Isto porque, criou-se, com o incentivo de extensionistas, principalmente da prefeitura, uma perspectiva de crescimento e valorização da produção no Córrego D'Antas. Investiu-se na aquisição de maquinário, na compra de tratores na construção de secadores, terreiros. Ao mesmo tempo, as reuniões políticas da associação com a prefeitura ou reuniões para a certificação do café passaram a fazer parte da rotina do local. O trabalho de administração da economia do sítio tornou-se mais burocrático, com um controle rígido de caixa. Tais mudanças ainda causam impactos no modo de vida do local e estranhamento por parte dos moradores mais antigos. *A gente tem mais do que a gente pode cuidar, às vezes. Isso não é bom, não é bom* (Agnaldo, 2012).

Para dar conta do trabalho sem precisar recorrer ao trabalho de terceiros fora da época da *panha*, o trabalho foi intensificado e prolongado mesmo para os domingos. O trabalho começa cedo e não tem hora para terminar. Muitas vezes, continuam após o sol se pôr e aos finais de semana.

Eu ainda peguei um tempo com meu pai que você levantava cedo e ia pra roça, sentava, almoçava, conversava depois do almoço um pouquinho, tomava café, três ou quatro horas da tarde vinha embora. Você chegava em casa, tomava banho e jantava tinha a tarde. Depois da tarde você ia fazer alguma coisa, conversar, visitar o cumpadi. Mas quando a gente começou a crescer isso aí já acabou. Agora se eu sair daqui de noite pra pulverizar café é normal. Se eu pegar uma enxada e for capina café hoje (domingo) ninguém vai achar estranho, é normal. De primeiro

alguém ia perguntar: uai, mas você tá querendo ficar rico? Hoje não, porque se não fizer isso não dá conta (Agnaldo, 2012).

Tais mudanças no processo de trabalho servem para assegurar a produção sem a necessidade de contratação de mão de obra terceirizada. Por um lado isto é visto por eles como uma forma de manter o equilíbrio da economia doméstica, conservando o trabalho em família, o que também reduz custos. Por outro, isso tem alterado cada dia mais suas vidas no Córrego D’Antas o que causa ainda um certo estranhamento. A quantidade de pés de café aumentou consideravelmente e o trabalho aumentou na mesma proporção. E não só aumentou, como vêm se modificando em sua forma de organização. *Eu aprendi a trabalhar panhando café panhando três ou quatro alqueire⁵ por dia. Hoje se eu panhar vinte eu não to satisfeito pra vir embora, o dia que eu panho quinze eu fico: nossa essa semana não sai nada* (Agnaldo, 2012).

As constantes ofertas de empréstimos e parcelamentos aliados à possibilidade de crescimento do volume da produção são vistos com empolgação e desconfiança pelos moradores. A causa da desconfiança é a incerteza. A incerteza por não saber até que ponto poderão lidar com tais mudanças, até que ponto poderão lidar com os empréstimos e financiamentos, até que ponto poderão manter o ritmo de trabalho e mesmo, se valem a pena tais mudanças. “A insatisfação é aquilo que a gente vai pegando, pegando, pegando, vai chegar um tempo que você vai ficar doido, louco e não vai conseguir. É sem limite. Eu vejo que as pessoas ficam sem limite”.

Para aqueles que, como Agnaldo, têm hoje que optar pela contratação de mão de obra terceirizada no período da colheita a relação de trabalho sofreu grande mudanças, ao menos neste período. Se antes se colhia o café e sobrava tempo para trabalhos extras no próprio sítio ou em fazendas vizinhas, hoje eles devem também cuidar do trabalho daqueles que trabalham para eles. Após a colheita devem contar o café para fazer o pagamento, por exemplo. A situação é considerada por alguns como uma faca de dois gumes. Ao mesmo tempo em que se aumenta o ganho, aumentam também os custos com a produção.

⁵ Alqueire é uma unidade de medida para medir a quantidade de café colhido. Equivale a aproximadamente 60 litros. Algumas pessoas utilizam também o termo balaio e arroba.

Eu tenho certeza que tem gente que quer ter a vida que a gente tinha antes. Esquece aquele tempo que aquilo não existe mais, não dá pra voltar naquela vida que a gente tinha. O negócio virou e quem não correr fica pra trás. Eu dei uma bobeirinha no meu café aqui e perdi cem sacos de café. Se eu tivesse acompanhado o ritmo de quem tava trabalhando só com o café, só pensando em café, eu tinha pegado cem sacos de café beneficiado a mais (Agnaldo, 2012).

O medo que aparece em suas narrativas é o medo de não suportarem tal crescimento, de os gastos com sítio superarem sua capacidade de produção. O questionamento tem por base também a própria possibilidade de aumento da produção. Isto é, o Córrego D'Antas é uma área com certas limitações geomorfológicas: está localizado em um vale, em meio a serra, algumas propriedades possuem uma área de Reserva Legal acima dos 20% exigidos por lei justamente pela impossibilidade de se chegar a determinadas partes muito íngremes da serra que cerca o Córrego D'Antas, soma-se ainda as áreas com muitas pedras onde não seria possível plantar o café e as áreas de mata ou capoeira protegidas pela legislação ambiental. Por esses motivos, o crescimento da produção teria um limite dado pelo próprio tamanho das propriedades e impossibilidade de aumentarem suas áreas. Assim, questiona-se hoje no Córrego D'Antas até onde poderão ir com os investimentos incentivados por empréstimos e financiamentos. Da mesma forma, Agnaldo, que comprou seus próprios dois alqueires de cafezal e financiou um trator um secador de café, trabalha com três preocupações em mente: o trabalho em uma área maior que um homem só poderia dar conta, a possibilidade de manter os custos do sítio e a imprevisibilidade da produção para pagar os financiamentos.

Eu perdi, dei uma vacilada no cuidado com a lavoura e perdi. Mas mesmo assim, ainda não deu pra sentir o prejuízo no bolso. O que deu, deu pra controlar ainda. Eu não quebrei. Tomando prejuízo mas quebrou, mas se não tomar cuidado quebra. Na posição que eu to, pra quebrar é ... O pequeno, igual era, não quebra (Agnaldo, 2012).

Muito deste crescimento foi impulsionado pelo incentivo da prefeitura e de extensionistas para a criação de uma associação de cafeicultores locais. As discussões sobre a mesma tiveram início antes mesmo da viagem de Agnaldo, Branco e Laércio para o

exterior e culminaram em sua fundação em 2007, data em que Agnaldo já havia retornado, mas Branco e Laércio ainda estavam nos Estados Unidos.

A primeira grande conquista da Assodantas – Associação dos cafeicultores do Córrego D’Antas – foi a certificação do café produzido no local com selo de qualidade *Fair Trade*, no ano de 2009. Algumas mudanças já podem ser notadas: os cursos e treinamentos oferecidos pela *Fair Trade*, as exigências cumpridas, principalmente quanto a questões ambientais e conseqüentemente a respeitabilidade conquistada junto aos fornecedores e o preço pago pela saca do café, que vem se mantendo a bom valor.

Hoje não vem um vendedor aqui na minha casa me oferecer um produto que não está de acordo. O que mudou mais foi o respeito, o vendedor nem oferece (...) (financeiramente) mudou porque mudou o jeito de trabalhar. Mudou porque foi atrás de mais, mas em consequência tem mais pra gastar também (...) Os compradores que tinha aqui nunca mais apareceram também, nós nos tornamos produtores muito expertos pra eles, então eles deram o fora. Agora não é todo armazém que trabalha com café Fair Trade. A cooperativa mesmo não tem comprador Fair Trade, não paga o preço. Esse ano eu não vendi o café pra comprador Fair Trade, mas por ser café certificado eu pude colocar um ágio em cima de vinte e cinco reais (Agnaldo).

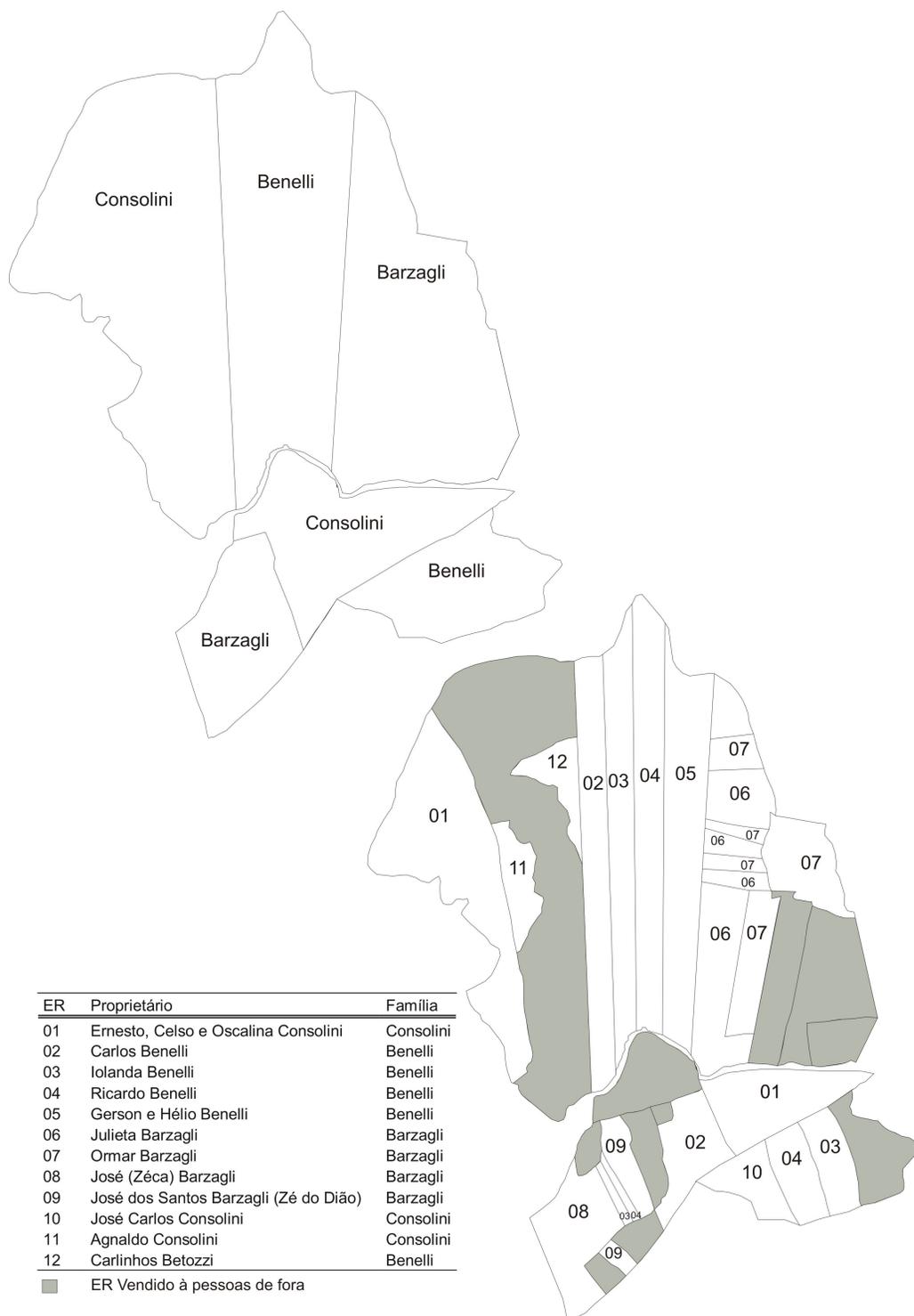
Se comparado com o preço pago pelas principais cooperativas de café da região, o valor pago pelos compradores pela saca de café do Córrego D’Antas tem sido cerca de sessenta a cem reais a mais que a média do que é pago a produtores com café não certificado. T tamanha diferença vem mantendo o ânimo, apenas do receio que citei acima, em manter o investimento nas melhorias dos sítios no Córrego D’Antas.

A questão é que a manutenção do sítio vêm custando cada dia mais para esses produtores. Frente a tais mudanças a economia adquirida durante a migração teve grande importância. Os investimentos feitos por Agnaldo e Branco só foram possíveis por conta do dinheiro que garantiram com a migração para o exterior. Mas, mesmo com esse dinheiro, ainda foi preciso utilizar dinheiro de financiamento. A reprodução dos sítios nos próximos anos ainda dependerá da forma como os produtores se adaptarem a nova realidade, a nova

forma de se trabalhar e gerenciar o sítio. *Vai ser assim: quem souber trabalhar vai superar as crises e vai pra frente, mas se continuar com as cabeças meia dura, como tem por aí, vai quebrar, por que tem gente com o bico aberto por aí* (Agnaldo, 2012).

Mas a história ainda não termina aí. Para Branco, a compra da participação do tio nas terras na família ainda não é o sonho realizado. Ele ainda sonha comprar sua própria terra, fora das terras família, das terras de sua avó. E para isso, certamente ele não está sozinho: *Eu disse pra ele, eu tenho uma ideia que se a gente fizer certinho a gente realiza o sonho dele de comprar a terra*, disse Valdirene, sorrindo.

Figura 6 – Mapa do Córrego D’Antas com divisão original das terras (acima) e divisão atual (abaixo)



Fonte: ZANI, 2009

4. Considerações finais

A trajetória da construção desta dissertação é tão tortuosa e descontínua quanto as experiências narradas por meus interlocutores. No projeto original prevíamos o estudo de todos os deslocamentos identificados no Córrego D'Antas. Mas a partir das experiências no campo e nas discussões nas sessões de orientação com a professora Emília Pietrafesa, cheguei a conclusão de que centrar nas migrações internacionais revelaria dinâmicas novas que começam a ocorrer em contextos rurais. Sem prejuízo para o objetivo geral da pesquisa que é entender a reconfiguração do Córrego D'Antas. Ao contrário potencializando essa possibilidade. Essa dissertação tem também sua trajetória, suas idas e vindas, suas transformações no decorrer da experiência no campo.

A opção pelo estudo da migração de chefes de família para o exterior em um processo que ocorreu entre os idos anos 2002 e 2009 me obrigou a procurar uma perspectiva teórica e metodológica que possibilitasse o estudo de tal processo. Ou seja, não poderia ser realizada ali uma etnografia clássica, com base na observação. Assim, a solução foi encontrada na noção de trajetória, enquanto uma etnografia de experiências, buscando sustentação nos conceitos de experiência e narrativa como definidos por Walter Benjamin. Desta forma, o trabalho seria a partir de então uma etnografia das experiências destes três chefes de família em sua trajetória de migração e retorno, entre Itália, Estados Unidos e Brasil.

Mas a trajetória desta dissertação não estava no fim, ao contrário, estava apenas começando, pois a maior parte das entrevistas com essas pessoas ainda estava por ocorrer. Ao longo do trabalho de campo pude notar empiricamente a importância de algo que era descrito por especialistas em migrações internacionais: a família transnacional. Porém, mais que a percepção em campo de algo que estava presente em outros estudos, pude perceber que o papel das mulheres no Córrego D'Antas após a partida dos maridos era fundamental para o sucesso de um projeto que era conjunto. E não só isso, as mulheres assumiam naquele período todas as funções no sítio que até então cabiam aos homens. Tornavam-se gerentes do negócio da família, da produção do café, eram gerentes do sítio da família.

Havia ali algo como uma pequena empresa para ser gerenciada. Desde o trato com os fornecedores, à contratação de mão de obra terceirizada para substituir o marino do exterior no trabalho com a lavoura e todo gerenciamento da produção esteve nesse período sob total responsabilidade destas mulheres. Havia ainda um projeto, um sonho, que poderia ser realizado com o dinheiro da migração, mas que só seria possível com a determinação de todos os envolvidos, não só daquele que partiu. Isso porque, o dinheiro que garantiu a Agnaldo e Geane a compra de suas terras e a Branco e Valdirene a compra da participação de seu tio nas terras dos Consolini não era proveniente somente do trabalho no exterior. Houve naquele período um gerenciamento das finanças da casa que possibilitasse guardar parte da produção do café como economia para o projeto que estava em andamento. Ou seja, a migração serviu não só como meio de amealharem o dinheiro pretendido, como também como forma de incrementarem a renda doméstica e evitar o uso de todo dinheiro do café. Ao retornar ao Brasil, tanto Branco quanto Agnaldo tinha café estocado e a venda deste ajudou na compra das terras.

Sendo assim, podemos perceber uma rede que liga as mulheres no Brasil e os homens no exterior através de um projeto conjunto que inclui o trabalho dos homens no exterior, a remessa de dinheiro para o Brasil e o trabalho das mulheres no gerenciamento do sítio da família e das finanças da casa. A rede assim está formada e a família, ao invés de se desfazer pela migração, se reconfigura na transnacionalidade, torna-se família transnacional. Mas isso só foi possível por haver um comprometimento com um projeto que nada tem de individual, e por isso considero também que a trajetória nada tem de individual, não é apenas a história de uma vida, mas de vidas ligadas em rede. O funcionamento dessa rede, em uma forma de reciprocidade, é indispensável para o sucesso do projeto migratório, que no caso destes migrantes era centrado na compra de terras no Córrego D'Antas. Tal consideração que faço tem embasamento na trajetória das três famílias com as quais estudamos nesse trabalho e pode ser compreendida ao observar o caso específico de Laércio. Em sua família não houve a mesma participação de sua esposa, como houve no caso de seus primos. Isto é, não houve em seu caso a participação da esposa para a concretização do projeto migratório, o que inclui, com afirmo, o gerenciamento das finanças da casa, do sítio e do próprio projeto migratório. Ao retornar ao Brasil não havia dinheiro economizado, não havia café para vender ou colher e seu cafezal estava em uma

situação ruim por falta de cuidado. Sem a participação da esposa, o projeto de Laércio foi o único que falhou e isso prova importância do funcionamento dessa rede da família transnacional, a importância das mulheres para o sucesso do projeto migratório das famílias.

Assim, a trajetória dessa dissertação ganhava um novo capítulo e novos personagens principais: as mulheres. E também, a linha teórica pautada na noção de experiência de Walter Benjamin ganhava ainda mais força para a construção do trabalho. Isso visto que, evidenciava-se a cada incursão a campo que as experiências as quais pretendia etnografar nada tinham de individuais, de solitárias. Ao contrário, incluíam diversos personagens, como os três migrantes, os empregadores, o advogado, a burocracia do país estrangeiro, as esposas no Brasil. Sendo que os migrantes e suas esposas eram não só personagens principais como indissociáveis, não seria possível uma etnografia de tal trajetória migrante sem que eu considerasse as experiências em itinerários que não são percorridos pelo indivíduo solitário. Mas, pelo contrário, envolvem uma série de personagens, dos quais destaco o papel preponderante das esposas.

A proposta da migração nunca foi para essas pessoas uma completa mudança para outro país ou o retorno com o intuito de investir o dinheiro economizado em outro empreendimento que não fosse o próprio sítio de café. A intenção sempre foi retornar ao Brasil e ao Córrego D'Antas para investir essa economia na compra de uma parcela de terra ou da participação de outros herdeiros na terra da família afim de reproduzir a vida na pequena propriedade rural familiar. Portanto, tal trajetória não pode ser vista somente com o olhar do que se transforma em suas vidas, mas também, não apenas do que se reproduz. Essa trajetória está repleta de experiências que são limiares entre transformação e reprodução.

As transformações da vida no Córrego D'Antas, a reconfiguração do local, não devem ser consideradas mudanças paradigmáticas da vida dessas pessoas no local que ocupam há cem anos. Tais transformações fazem parte da dinâmica histórica que possibilita sua própria reprodução. Estratégias para a reprodução da pequena propriedade rural familiar são constantes e diversas e a migração é, sem dúvida, uma delas, não provocando transformação que represente um rompimento absoluto com o que os próprios sujeitos

consideram como a vida rural. As transformações são percebidas, assimiladas e envolvidas no próprio universo da vida no campo. A pesquisa revelou que tais transformações representam estratégias de reprodução da própria vida e a sobrevivência da pequena propriedade familiar nesse espaço rural.

Bibliografia

- ABIOVE. *Exportações do Complexo Soja - 1992 a 2011*. Disponível em: http://www.abiove.com.br/exporta_br.html, acesso em 19 ago 2011.
- ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. *Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 19, n. 55, June 2004. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 set. 2011.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar lá, estar aqui: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Campinas: NEPO/Unicamp, 2002.
- BENJAMIM, W. “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e “Experiência e pobreza”. In: *Magia, arte e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. SP: Ed. Brasiliense, 1994.
- BENJAMIM, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. SP: Brasiliense, 1995.
- BÓGUS, L. M. M. ; BASSANEZI, M. S. C. B. . “Do Brasil para a Europa – Imigrantes brasileiros na península itálica neste final de século”. In: PUC. (Org.). *O fenômeno migratório no limiar do 3. milênio – desafios pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica” in: Ferreira, M. M. e Amado, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. RJ: FGV, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. SP: Livraria duas cidades, 1971.
- CHAYANOV, Alexander V. *The Theory of Peasant Economy*. Homewood, Illinois, American Economic Association, 1966.

DENIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. *Distância entre Cidades*. Disponível em: <http://www1.dnit.gov.br/rodovias/distancias/distancias.asp>.

Acesso em: 05 out 2011.

FELDMAN-BIANCO, Bela. “O Brasil como país de emigração: mobilizações e políticas”. In: *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. RJ: Garamond, 2010.

GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. SP: Perspectiva, 1999.

GAGNEBIN, J. M. “Prefácio - Walter Benjamin, ou a história aberta”. In: Benjamin, W. *Magia, arte e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. SP: Ed. Brasiliense, 1994.

GARCIA A. R. *O Sul: caminho do roçado. Estratégia de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/ Ed. UnB, 1989.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*. Brasília: Sistema IBGE de Recuperação Automática (Sidra), IBGE, 1950-2010.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Produção Agrícola Municipal*. Brasília: Sistema IBGE de Recuperação Automática (Sidra), IBGE, 1990-2009.

KHOTE, Flávio R. (org.) *Walter Benjamin*. SP: Ática, 1985.

KOFES, Suely. “Experiencias Sociales, interpretaciones individuales: posibilidades y limites de las historias de vida em las ciencias sociales”. In: LULLE, Thierry e VARGAR, Pilar (coord.) *Los usos de La historia de vida em las ciencias sociales*. Barcelona: Anthropol, 1998.

KOFES, SUELY . *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” in: Ferreira, M. M. e Amado, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. RJ: FGV, 2002.

- LOUREIRO, Maria Rita Garcia. “Pequenos produtores de café: esperança e insolvência”. In: *Terra, família e capital: formação e expansão da pequena burguesia rural em São Paulo*. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 1987.
- MACHADO, I. J. R. *Reordenação da Casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil*. Antropol., São Paulo, v. 51, n. 2, 2008.
- MACHADO, Igor José de Renó. *Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira*. Rev. Antropol., São Paulo, v. 51, n. 2, 2008.
- MAIA, Oto Agripino. “Brasileiros no Mundo: O ambiente mundial das migrações e a ação governamental brasileira de assistência a seus nacionais no exterior”. In: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES – MRE. *I Conferência sobre as comunidades brasileiras no exterior: Brasileiros no Mundo*. Brasília, 2009.
- MENEZES, Marilda. Migrações: uma experiência histórica do campesinato no nordeste. In Pietrafesa de Godoi, Emília; Menezes, Marilda e Marin Rosa A. (org.) *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. Vol. II. São Paulo: UNESP, NEAD, 2009.
- MENEZES, Marilda e PIETRAFESA, Emília. *Mobilidades, redes sociais e trabalho*. São Paulo: Anna Blume, 2011.
- MOURA, M. M. *Invasão, expulsão e sucessão: notas sobre três processos sociais no campo*. Brasília: Anuário Antropológico/82, 1984.
- MOURA, M. M. *Herdeiros da terra*. SP: Hucitec, 1978.
- NIEMEYER, A. M. e PIETRAFESA, E. (orgs.). *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas – SP: Mercado das Letras, 1998.
- NOGUEIRA, Verena. *Sair pelo mundo: a conformação de uma territorialidade camponesa* (tese de doutorado). Campinas: Unicamp, 2010.

- PEIRANO, Mariza. *Etnografia, ou a teoria vivida*. Revista do Núcleo de antropologia urbana da USP, fev. 2008.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. 2ª Ed., Petrópolis: Vozes, 1976.
- PIETRAFESA DE GODOI, Emilia. *O trabalho da memória : cotidiano e historia no sertão do Piau*. Campinas, SP : Unicamp, 1999.
- PISCITELLI, Adriana. *Sexo Tropical em contextos do Primeiro Mundo: migração de brasileiras para Itália no Contexto do turismo sexual*. Revista Estudos Feministas, v. 15, n° 3, p. 717-744, 2008.
- PISCITELLI, Adriana. *Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 15, n. 3, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300014&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Aug. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300013>.
- PISCITELLI, Adriana. *Brasileiras na indústria transnacional do sexo*. Nuevo Mundo-Mundos Nuevos, v. 7, p. 20, 2007.
- PISCITELLI, Adriana. *Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual*. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v. 25, p. 281-327, 2005.
- PONTES, H. *Destinos mistos : os criticos do Grupo Clima em São Paulo*. SP: Companhia das Letras, 1998.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo e o outro*. Campinas – SP: Papyrus, 1991.
- SASAKI. “Os brasileiros no Japão em 2008”. In: *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. RJ: Garamond, 2010.

- SEYFERTH, Giralda. Imigrantes colonos: ocupação territorial e formação camponesa no sul do Brasil. In NEVES, Delma P. (org.). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil*. Vol. II. São Paulo: UNESP, NEAD, 2008.
- SCHIMIDT, B. B. *Construindo biografia ... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos*. Rev. Estudos Históricos, RJ, n. 19, 1997.
- SCHWEIZER, Luciano. “Remessas de brasileiros no exterior”. In: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES – MRE. *I Conferência sobre as comunidades brasileiras no exterior: Brasileiros no Mundo*. Brasília, 2009.
- TEDESCO, João Carlos. *Fios que tecem o processo migratório internacional: trabalhadores brasileiros na Itália*. Rev. Pensamento Plural | Pelotas: 89 - 112, julho/dezembro 2007.
- THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. RJ: Zahar, 1981.
- WOORTMANN, Klass. “Migração, família e campesinato”. In WELCH, Clifford A.; et. al. *Camponeses brasileiros. Leituras e interpretações clássicas*. São Paulo: Editora UNESP, NEAD, 2009.
- ZANI, Mateus A. *Terra, parentesco e organização espacial na comunidade rural Córrego D’Antas em Poços de Caldas, Minas Gerais*. Relatório Científico apresentado à FAPESP, 2009.